CINEMA & VÍDEO

SET

EDITORA AZUL

ISSN 0104-1592
9 770104 159003 83
5633 - Maio, 1994 - Ed. 83 - Ano VIII - Nº 05 - CR$ 6.200,00

STEPHEN KING
O ESCRITOR PREFERIDO DO CINEMA

CHRISTIAN SLATER
em AMOR À QUEIMA-ROUPA

O Pequeno BUDA
KEANU REEVES vira líder espiritual no novo filme de BERTOLUCCI

CADERNO DE VÍDEO
John Malkovich persegue Clint Eastwood em NA LINHA DE FOGO
E MAIS 63 LANÇAMENTOS

Marcus James colocou o Brasil
nas melhores cartas de vinho
de Nova Iorque, São Paulo, São Francisco,
Porto Alegre, Chicago, Rio, Montreal...
IMPORTED WHITE WINES
Chablis
Rameau - France
Marquês de Riscal
Rueda - Spain
Château D'yquem
Sauternes - France
Aurora Valley - Brazil
Pallini
Attica - Greece
MARCUS JAMES
1989
RIESLING
VALE AURORA
Conteúdo 750 ml
Coloque Marcus James
em sua taça.
Esteja você onde estiver.
MARCUS JAMES
RESERVA ESPECIAL

Programa

Na capa: Keanu Reeves em *O Pequeno Buda* (Top Tape)

Atravessar séculos e continentes e transportar consigo o espectador é uma das faculdades primordiais do cinema e também uma obsessão de Bernardo Bertolucci. Há dez anos numa estrada que o levou a *O Último Imperador* e *O Céu que Nos Protege*, este italiano completa agora sua peregrinação oriental com *O Pequeno Buda*, uma união de presente e passado através de duas fábulas – a da metamorfose do príncipe Sidarta em Buda, há 2.500 anos, e a da reencarnação de um mestre espiritual em um menino americano. Mas, acima de tudo, *O Pequeno Buda* pretende ser uma viagem de descoberta: para Bertolucci, de si próprio, e para o Ocidente, do Oriente.

Top Tape

Stills

Paramount

Lumiere

Universal

4 TAKES
Jodie Foster prepara-se para viver uma garota isolada do mundo por 29 anos em *Nell*

12 O PEQUENO BUDA
Keanu Reeves estrela a volta de Bernardo Bertolucci ao Oriente

20 CHRISTIAN SLATER
O *bad boy* do cinema chega às telas brasileiras com *Amor à Queima-Roupa*

28 STEPHEN KING
O mestre do terror, campeão em adaptações cinematográficas

38 NOVOS FILMES
Corra que a Polícia Vem Aí 33 1/3*, *What's Eating Gilbert Grape*, com Johnny Depp e Leonardo Di Caprio, Paulo Betti em *Lamarca* e os veteranos Jack Lemmon e Walter Matthau em *Dois Velhos Rabugentos

46 FREE SHOP

48 MITO
Kirk Douglas em plena forma

51 FILMOGRAFIAS

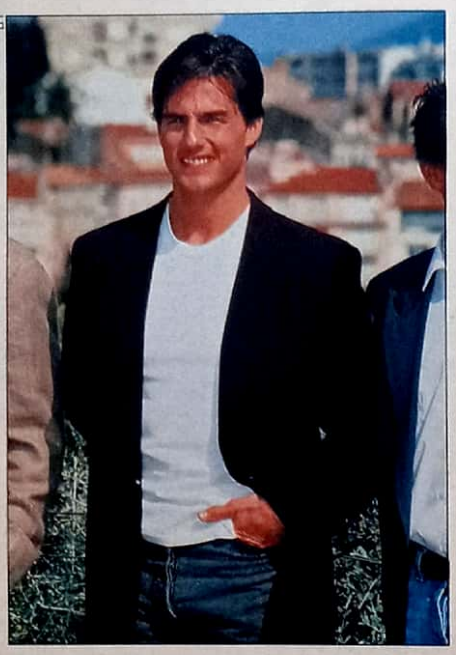
52 HOLLYWOOD BOULEVARD
Dulce Damasceno de Brito conta tudo sobre o brutamontes sexy Lorenzo Lamas

53 CADERNO DE VÍDEO
***Na Linha de Fogo* e mais 63 lançamentos**

80 CARDÁPIO
Como o cinema vê as mães

84 CARTAS

86 NOSTALGIA



TOM CRUISE

VOANDO ALTO

Tom Cruise já não é o mesmo garotão que enlouqueceu a platéia feminina com personagens tolos-porém-bonitos-que-aprendem-uma-lição-no-final-do-filme, como o Maverick de *Top Gun* e o Cole Trickle de *Dias de Trovão* – feitos sob encomenda por Tony Scott para ganhar dinheiro fácil.

•

Cruise agora mostra uma imagem bem diferente – mesmo no *début* como mocinho maduro em *Um Sonho Distante* ele manteve a aura antiga e o apaixonante "sorriso colgate". Devido ao vampiro homossexual de *Entrevista com o Vampiro*, que está filmando, Tom está mais magro, menos atraente e com planos audaciosos para o futuro.

•

Entre eles estão a cinebiografia do escritor **Jack London**, que já teve alguns de seus livros transformados em filmes, e uma adaptação do último romance de **Evan Hunter** – roteirista de *Os Pássaros*, de Alfred Hitchcock. Em *Criminal Conversation*, Tom Cruise fará o oposto de seus personagens justiceiros de *Questão de Honra* e *A Firma*: ele será um mafioso obcecado pelo poder.

•

E os planos do ator não param aí. Quer ainda que **Mike Nichols** o dirija na refilmagem do clássico de William Wyler *Tarde Demais*, protagonizado em 1949 por Montgomery Clift e Olivia de Havilland. É uma tarefa árdua para Tom, que terá que suar a camisa para fazer justiça às atuações dos dois superastros.

TOM HANKS

BOM SAMARITANO

Depois de encarnar tão bem seu personagem em *Filadélfia* e sair da comédia, parece que **Tom Hanks** decidiu mudar mesmo de gênero. Seu próximo trabalho o reunirá a **Ron Howard**, que o dirigiu em *Splash, uma Sereia em Minha Vida*.

•

O projeto ainda está no papel, mas já recebeu o título de *The Postman* ("o carteiro"), sobre um homem que, num futuro pós-apocalíptico, tenta combater a descrença que reina entre os últimos sobreviventes dos EUA reativando o serviço dos correios como se o governo americano estivesse novamente em funcionamento. É o espírito do Bom Samaritano baixando no agora adulto Hanks.

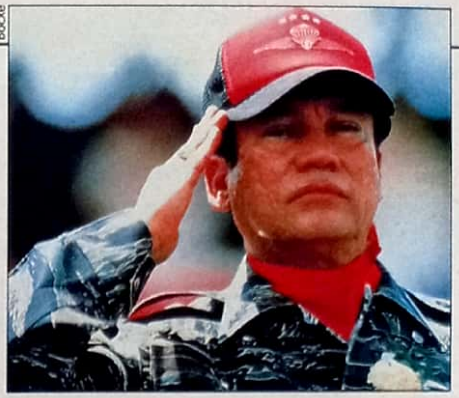
STEVEN SEAGAL

O ÚLTIMO MILIONÁRIO

Quem assistiu a *Em Terreno Selvagem*, que entrou recentemente nos cinemas brasileiros, pôde conferir que **Steven Seagal** fez um trabalho decente em sua estréia na direção. Mas como tudo tem um preço, essa nova carreira do ator é uma faca de dois gumes: todos na Warner ficaram muito felizes com o resultado, e Seagal adorou os US$ 40 milhões que recebeu. No entanto, o estúdio agora está cobrando em dobro: quer que Seagal faça de qualquer forma a seqüência de *A Força em Alerta* como uma troca de favores.

•

A repercussão de *Em Terreno Selvagem* rendeu ainda um convite da Paramount para que Seagal estrelasse o thriller *Drop Zone* por US$ 15 milhões. No entanto, o rapaz tem outros planos, e quem acabou ficando com o papel foi **Wesley Snipes**. Até aí, nada de estranho, não fosse a diferença de salário – Snipes irá receber apenas US$ 7 milhões.



NORIEGA

GENERAL ASSASSINO

Enquanto o diretor-que-ama-o-Vietnã não arranja outro argumento para fazer o quarto filme sobre a guerra mais insana em que os EUA se meteram (vide a trilogia *Platoon*, *Nascido em 4 de Julho* e *Entre o Céu e a Terra*), assim que terminar *Natural Born Killers* **Oliver Stone** se dedica a uma biografia: a do general **Manuel Antonio Noriega**. Pelo menos duas pessoas não ficarão lá muito felizes com o longa: impedioso, Oliver Stone promete mostrar o envolvimento do ex-presidente americano George Bush e do coronel Oliver North no escândalo Irã-Contras.

•

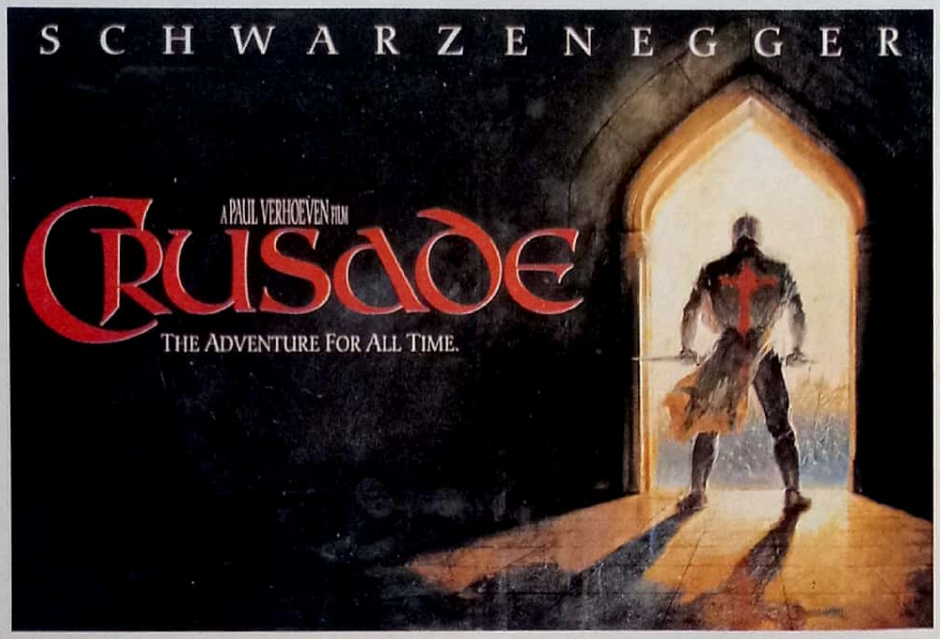
Para viver em *Noriega* o homem que, além de ditador e chefe da Guarda Nacional do Panamá, foi também um dos maiores traficantes de drogas do mundo, ninguém mais ninguém menos que **Al Pacino**, que passou a entender de coronel depois de encarnar um em *Perfume de Mulher*. As filmagens começam no próximo mês. Resta saber o que os maquiadores farão para deixar o ator parecido com o general.

Steven Seagal no set de *Em Terreno Selvagem*

JODIE FOSTER

LINDA EREMITA

A garota-prodígio do cinema larga as esporas de *Maverick* e volta a se dedicar a temas mais profundos. **Jodie Foster, Liam Neeson, Miranda Richardson** e o diretor **Michael Apted** (*Nas Montanhas dos Gorilas*) iniciaram em 11 de abril as filmagens de *Nell*, na Carolina do Norte. O filme conta a história de uma garota (Jodie) abusada sexualmente que é trancada numa cabana por sua mãe eremita. Afastada do mundo durante 29 anos, ela desenvolve uma linguagem própria, incompreensível, e é trazida de volta à sociedade pelo médico Liam Neeson. O roteiro de **William Nicholson** é baseado na peça *Idioglossia*, de Mark Handley, e produzido por Jodie Foster.



ARNOLD SCHWARZENEGGER

NO TEMPO DOS CAVALEIROS

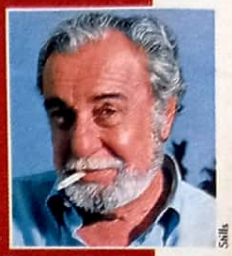
Este filme é para esperar com alta ansiedade. Os responsáveis pelo megasucesso O *Vingador do Futuro*, **Arnold Schwarzenegger** e o diretor **Paul Verhoeven**, já estão a postos para iniciar uma aventura do balacobaco, *Crusade*. Verhoeven vai levar Schwarzenegger para o século 11 e transformá-lo no cavaleiro Hagen, que participa da primeira Cruzada pela Terra Santa.

•

Vale lembrar que Verhoeven acabou de filmar *Showgirls*, uma comédia musical, e Schwarzie saiu há pouco dos sets de *True Lies*, de **James Cameron**, e depois encontrará **Danny DeVitto** e **Emma Thompson** nas filmagens de *Junior* – continuação de *Irmãos Gêmeos*, também sob os cuidados de **Ivan Reitman**.

DATAS

FALECERAM: WALTER LANTZ: criador do Pica-Pau (que apareceu em 188 desenhos entre 1940 e 1972) e um dos pioneiros do desenho animado. No dia 23 de março, aos 93 anos.


Stills

FERNANDO REY: ator espanhol de maior renome internacional, trabalhou em mais de 100 filmes – entre eles *Operação França*. Com Luis Buñuel fez *O Discreto Charme da Burguesia*, *Tristana* e *Veridiana*. Dia 9 de março, aos 76 anos, em Madri.

GIULIETTA MASINA: atriz italiana nascida Giulia Anna Masina. Ficou conhecida pelos filmes que fez com o marido Federico Fellini, como *A Estrada da Vida*, *Noites de Cabíria* e *Julieta dos Espíritos*. Dia 23 de março, aos 74 anos, em Roma.

COMEÇAM: No dia 12 de maio o Festival de Cannes. Até o dia 23. No dia 20 de maio o Festival Internacional do Filme de Seattle. Até 12 de junho.

Universal

JOE DANTE

HOMENAGEM A KARLOFF

Karl Freund foi o responsável pelo primeiro longa-metragem de terror sobre uma múmia egípcia que retorna à vida em *A Múmia*, de 1932. **Boris Karloff** tem todos os méritos pelo sucesso do filme, pois encarnou maravilhosamente o personagem-título (na foto à esquerda) naquela considerada até hoje uma de suas melhores performances.

•

Agora é a vez de **Joe Dante** (dos dois *Gremlins* e *Viagem Insólita*) retomar a história e refilmar *A Múmia*. O original teve todos os ingredientes que tornam uma obra clássica: maquiagem, diálogos e direção de arte perfeitos. Conhecendo-se o currículo de Dante, pode-se ter esperanças de que não decepcione os mais ardorosos fãs de Karloff.

Gerard Depardieu em *Germinal*

Lumière

CINEMA FRANCÊS

MANIA DAS ADAPTAÇÕES

A nova onda entre os cineastas franceses são as adaptações de clássicos da literatura, desencadeada por **Claude Berri** em 1993 com *Germinal*, do escritor francês Émile Zola (1840-1902), que estréia no Brasil no segundo semestre deste ano. Para 1994, estão programadas quatro produções:

- **Claude Lelouch** ataca de Victor Hugo (1802-1885) e refilma *Os Miseráveis*, romance de 1862;
- **Yves Angelo** debuta na direção retratando a sociedade francesa do século 19 a partir da obra *O Coronel Chabert*, escrita em 1832 por Honoré de Balzac (1799-1850);
- **Jean-Paul Rappeneau** (*Cyrano de Bergerac*) escolheu uma obra de 1951, *O Hussardo no Telhado*, de Jean Giono (1875-1970);
- **Lucian Pintillié** preferiu a literatura russa e vai de *O Duelo*, de Anton Tchekhov (1860-1904).

WINONA RYDER

PEQUENA NOTÁVEL

Uma das mais badaladas jovens atrizes hollywoodianas também está assumindo atitudes politicamente corretas. **Winona Ryder** vai investir o cachê de *A Época da Inocência* na produção da terceira adaptação de *Mulherzinhas* (*Little Women*), da obra homônima de Louisa May Alcott, um clássico juvenil edificante de 1868.

•

Segundo Winona, o filme está em seus planos desde que fez *Atração Mortal* (1989) e ela promete que o dedicará a Olly Klaas – uma garota de 12 anos que foi raptada e assassinada e, como Winona, era fã do livro de Alcott. As filmagens começaram em 18 de abril último e Winona declarou que deseja "fazer um filme que não contribua com a miséria do mundo".

RALPH FIENNES

VAI AO TRONO

Mesmo sem ter levado a estatueta de ator coadjuvante na última festa do Oscar, o inglês **Ralph Fiennes** convenceu como o comandante nazista Amon Goeth em *A Lista de Schindler*. O resultado desse trabalho é uma nova incursão num estúdio americano.

•

A primeira oferta partiu de **Sydney Pollack**. O diretor tinha primeiramente pensado em Roger Moore para o papel principal de *The Saint*. Como Moore está afastado por estar com câncer da próstata, Pollack recorreu a Fiennes, que receberá um cachê de US$ 1 milhão.

•

Kathryn Bigelow (*Caçadores de Emoção*) também entrou na lista de espera por uma vaga na agenda do inglês. **Fiennes** encabeçará, ao lado de **Angela Bassett** (que também não recebeu seu Oscar este ano), o suspense *Strange Days*. Bigelow havia pensado em Andy Garcia mas, depois de *A Lista*, mudou completamente de idéia.

SAM NEILL

UM ATOR DE FUTURO

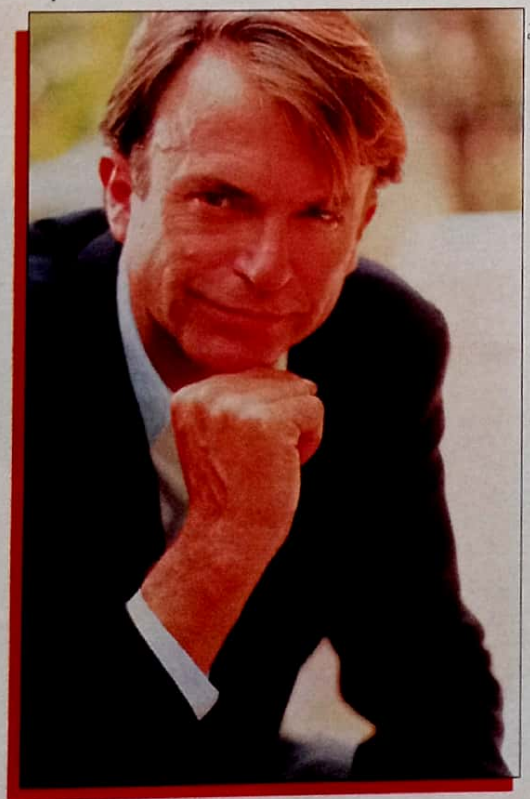
Normalmente ele não é escolhido para interpretar o papel principal, mas sem dúvida o irlandês **Sam Neill** tem realizado um trabalho sólido: com Meryl Streep em *Plenty, o Mundo de uma Mulher* (1985), com Nicole Kidman em *Terror a Bordo* (1989), com Sean Connery em *Caçada ao Outubro Vermelho* (1990) e ainda em *Jurassic Park* (1993).

•

Sam Neill vive na Austrália com a mulher e três filhos e, apesar de ser mais conhecido por seus trabalhos nos Estados Unidos, sempre dá um jeito de participar de produções australianas. Atualmente está trabalhando com o diretor **John Duigan**, o mesmo que realizou o simpático *Flertando – Aprendendo a Viver* (de 1990, com Nicole Kidman antes de ser a sra. Tom Cruise). Nesta produção, *Sirens*, contracena com a top model **Elle McPherson**, em seu *début* cinematográfico.

•

Além de *Sirens*, Sam Neill também se dedica ao novo **John Carpenter** (autor do filme independente de maior sucesso comercial, *Halloween*). Em *In the Mouth of Madness*, Neill é um agente que tem como missão encontrar um escritor de best-sellers cujo último livro tem o poder de enlouquecer os leitores. Com uma história dessas, deve ser um terror classe A.



Retna

Stills

Winston com seus personagens mais famosos

STAN WINSTON

CRIADOR DE MONSTROS

Stan Winston pode ser comparado a um Gepetto do século 20. Do mesmo modo que o velhinho simpático deu vida ao boneco Pinóquio na história clássica, Winston dá vida aos seres mais estranhos que nos encantam e nos assustam quando surgem na tela do cinema.

•

Sua última façanha foi o design, construção e movimentação dos dinossauros em escala natural de *Jurassic Park*, premiados com o Oscar de efeitos especiais. Para desenvolver seu trabalho no filme de Spielberg, Winston (que também criou o boneco de Schwarzenegger em *Exterminador do Futuro 2*, o alienígena de *Alien* e o monstro de *Predador*) teve a colaboração dos modernos computadores digitais e se associou à IBM e a **James Cameron** para criar a companhia Digital Domain, especializada neste tipo de efeitos visuais.

•

A próxima tarefa de Winston não será menos trabalhosa. Ele é o responsável pela criação e movimentação dos monstros de *Entrevista com o Vampiro*, que está sendo rodado por **Neil Jordan** com **Tom Cruise**, **Christian Slater** e **Antonio Banderas**.

SIGOURNEY WEAVER

A MORTE DA DONZELA

Acredite se quiser, mas a Fox encomendou o roteiro da quarta parte da série *Alien*. A história desta vez será como nos quadrinhos, em que os monstros nojentos vêm para a Terra. O estúdio espera fazer uma surpresa para os amantes da saga da tenente Ripley: está tentando convencer **Sigourney Weaver** a participar desta continuação. Resta saber como eles farão para ressuscitar o personagem, já que em *Alien3* Ripley disse adeus a este mundo.

•

Enquanto as negociações entre a Fox e Sigourney Weaver não se concretizam, ela se prepara para entrar nos sets de *Death and the Maiden* (*A Morte e a Donzela*), sob a direção de **Roman Polanski**. Baseado na peça aclamada de Ariel Dorfman, o filme terá **Ben Kingsley** e **Stuart Wilson** no elenco e conta a história de uma mulher que, no Chile pós-Pinochet, confronta um homem que ela pensa ser seu torturador. Vale lembrar que o texto foi encenado recentemente na Broadway por Glenn Close, Gene Hackman e Richard Dreyfuss, e no Brasil, por Xuxa Lopes, Tony Ramos e Otávio Augusto, sob as ordens de Hector Babenco.

ROBERT ALTMAN

INVADINDO O MUNDO DA MODA

O cineasta mais outsider de Hollywood volta a fazer das suas. A última foi em Paris, no mês de março, quando aconteceram os desfiles das coleções outono-inverno das *maisons* francesas. Durante uma semana, **Robert Altman** e toda a parafernália técnica mais o elenco de seu novo filme se misturaram a estilistas e modelos para rodar *Prêt-a-Porter*. Como *O Jogador* e *Short Cuts*, esta nova produção terá 32 personagens para radiografar o mundo da moda – das pessoas envolvidas na confecção das coleções à mídia especializada e os consumidores.

•

Só que a presença da equipe não agradou aos mais *blasé*. A editora da *Vogue*, Anna Wintour, estava presente cobrindo o evento para sua revista e ficou horrorizada – disparando um "isso não se faz" – quando **Sally Kellerman** (escalada para interpretar a editora da *Harper's Bazaar*) certa hora aplaudiu as modelos. Elizabeth Snead, do *USA Today*, se juntou a Wintour e manifestou seu desagrado com um "isto é ultrajante".

Angeli

Stills

•

Outra que levou desaforo para casa foi **Kim Basinger**. Ela faz a repórter de moda de TV Kitty Potter e recebeu duras críticas da repórter da rede CNN Elsa Klensch, que declarou: "Ela não entende de nada. Provavelmente, nunca ouviu falar em desconstrutivismo". E, para fechar o desagrado geral, Valentino disse que "não há necessidade de se fazer um filme satirizando o mundo da moda".

No sentido horário: Kim Basinger, Christian Lacroix e Sally Kellerman; Altman dirigindo Julia Roberts, e com Gianfranco Ferré

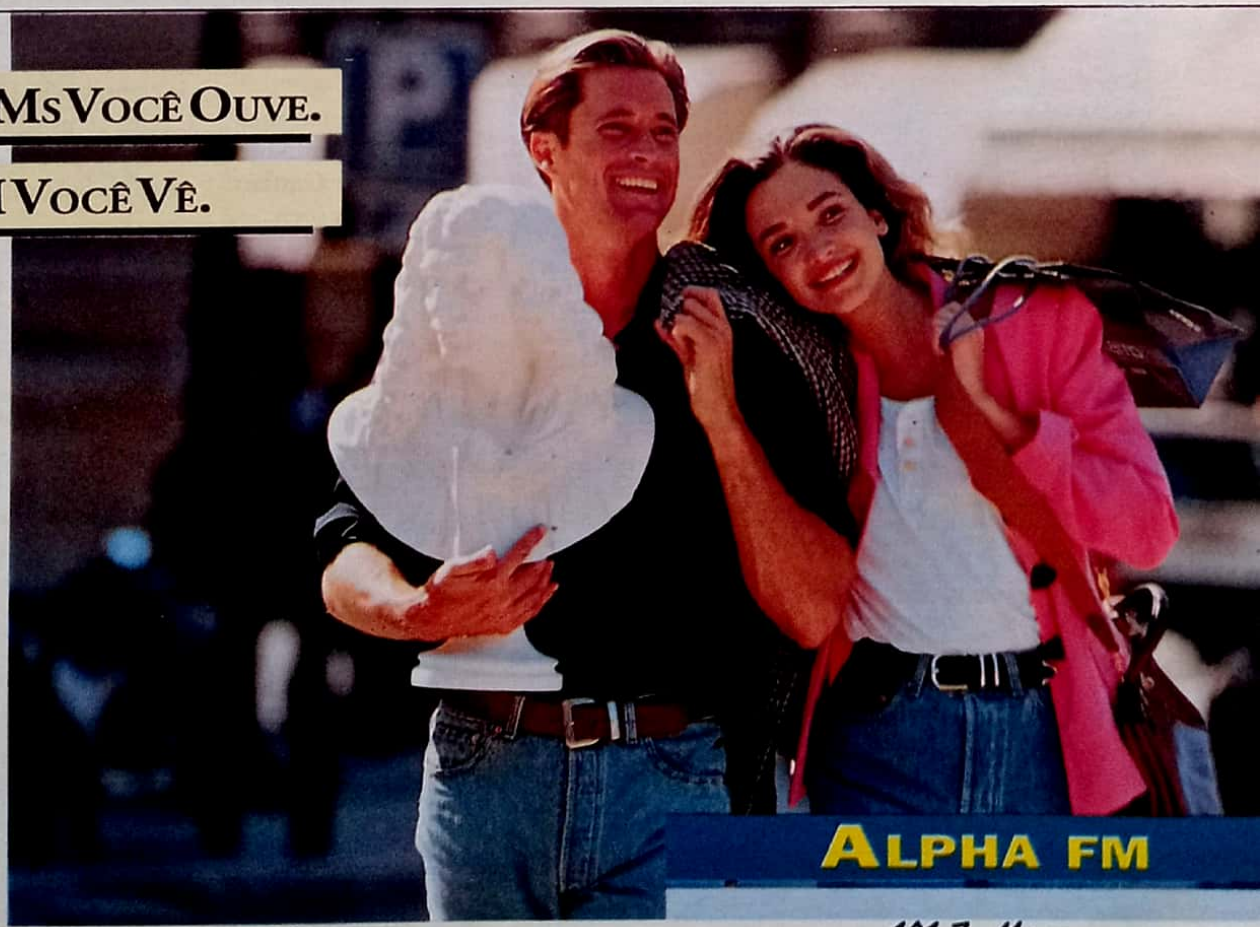
Stills

•

Quem brilhou mesmo foram as estrelas **Sophia Loren** e **Lauren Bacall**. Sophia, vestida num belíssimo Dior preto, abafou como a esposa de Olivier de la Fontaine (Jean-Pierre Cassel), chefe do Chambre Syndicale. Bacall levou toda sua elegância como ex-redatora chefe da *Vogue* americana e eterna grande dama do *fashion world*.

AS OUTRAS FMS VOCÊ OUVE.

A ALPHA FM VOCÊ VÊ.



A diferença da Alpha FM para as outras rádios é fácil de ver. Está nas músicas selecionadas, no jornalismo dinâmico, nas mais atualizadas informações econômicas e culturais. No trânsito, em casa, no trabalho, enfim, onde existe gente de estilo, dá prá ver que tem ouvinte Alpha FM.

ALPHA FM

101,7 MHZ

FREQÜÊNCIA DE CLASSE

CARLA CAMURATTI

ESTRÉIA NA DIREÇÃO

A atriz que já foi a namoradinha do Brasil investe na carreira de diretora com *Carlota Joaquina, Princeza do Brasil*. **Carla Camuratti** atualmente está dando os últimos retoques em seu primeiro longa, que estréia em julho. Mais de um terço do orçamento de US$ 600 mil foi obtido através de permutas e apoio de empresas. Carla diz ter encontrado muita receptividade ao projeto. "O fato de ser um filme histórico cria um sentimento muito bom nas pessoas. Tem a ver com todo mundo, e a gente sabe mais sobre outros países do que sobre nós mesmos."

•

As seis semanas de filmagens foram divididas entre o Rio de Janeiro e São Luis do Maranhão. A mais portuguesa das capitais brasileiras entra com a maioria dos 350 figurantes e aparece também como Lisboa, já que a história acompanha todo o trajeto da família real e mostra Carlota desde a infância até a vida adulta nas cortes. Falado em espanhol, português e inglês, o filme – uma mistura de ópera com quadrinhos – narra em tom de sátira a chegada da família real ao Brasil no início do século passado. Fugindo das tropas de Napoleão, a corte aporta no Rio de Janeiro com mais de 13 mil portugueses, mudando radicalmente a vida na pacata capital.

•

Para a ambiciosa e autoritária Carlota (**Marieta Severo**) que, num arranjo entre as cortes espanhola e portuguesa, casara-se aos dez anos com d. João 6º (**Marco Nanini**), trocar a Europa pela paupérrima colônia foi uma tragédia. Ela odiava o Brasil, negava-se a falar português e, durante os 13 anos em que aqui permaneceu, fez vários escândalos, tramou contra o passivo rei e o traiu seguidamente. Enquanto isso, d. Pedro 1º (**Marcos Palmeira**) crescia adorando o calor dos trópicos, onde divertia-se conquistando as mulheres. A rainha Maria 1º (**Maria Fernanda**), mais conhecida como Maria, a Louca, desfilava seus fantasmas e fervor religioso, protagonizando memoráveis procissões.

•

No elenco estão também **Antonio Abujamra**, **Beth Goulart** e **Eliane Fonseca**, na pele de uma hilária viscondessa de Mata-Porcos. O roteiro é assinado por Melanie Dimantas e pela própria Carla. Os figurinos de Emília Duncan e Marcelo Pies recriam o luxo da época, mas também brincam ao vestir d. Pedro com uma inusitada jaqueta de couro verde. Carla explica que, como o filme se passa todo na imaginação de uma criança, a quem a história é narrada, esse olhar infantil permite tais liberdades.

•

A diretora não tem intenção de colocar o longa em festivais internacionais porque deseja que a obra seja assistida aqui no Brasil. "Quero despertar a curiosidade nas pessoas."

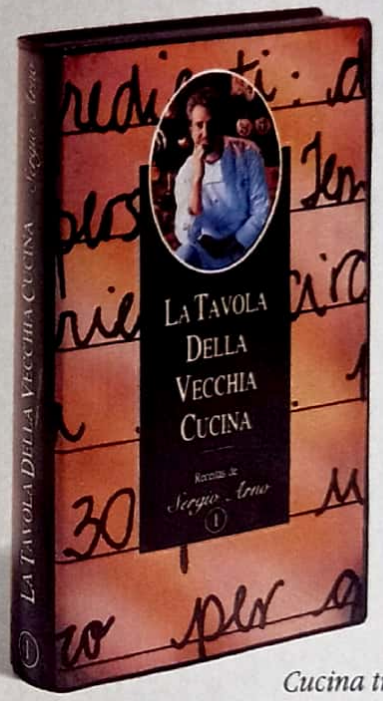
Márcia Alves

Foto Marcio Alves

Marieta Severo na pele da princesa Carlota Joaquina

Marcos Palmeira veste a jaqueta verde, símbolo da liberdade da diretora

É um filme. Só que com 19 finais felizes.



La Tavola della Vecchia Cucina apresenta 19 receitas da coleção particular de Sergio Arno. De entradas a sobremesas, você vai experimentar pratos mais suaves e inventivos que os da tradicional Cozinha Italiana. E o que é melhor, La Tavola della Vecchia Cucina traz um livrinho com todos os ingredientes, tornando prático o preparo das receitas. Com certeza, La Tavola della Vecchia Cucina é um daqueles filmes que você torce para nunca acabar. Mas, quando acaba, você fica satisfeito.

19 Receitas Especiais de Sergio Arno em Vídeo

LA VECCHIA CUCINA

Vendas pelo tel.: (011) 820-5044

O príncipe Sidarta (Keanu Reeves) deixa seu castelo pela primeira vez

Entrevista

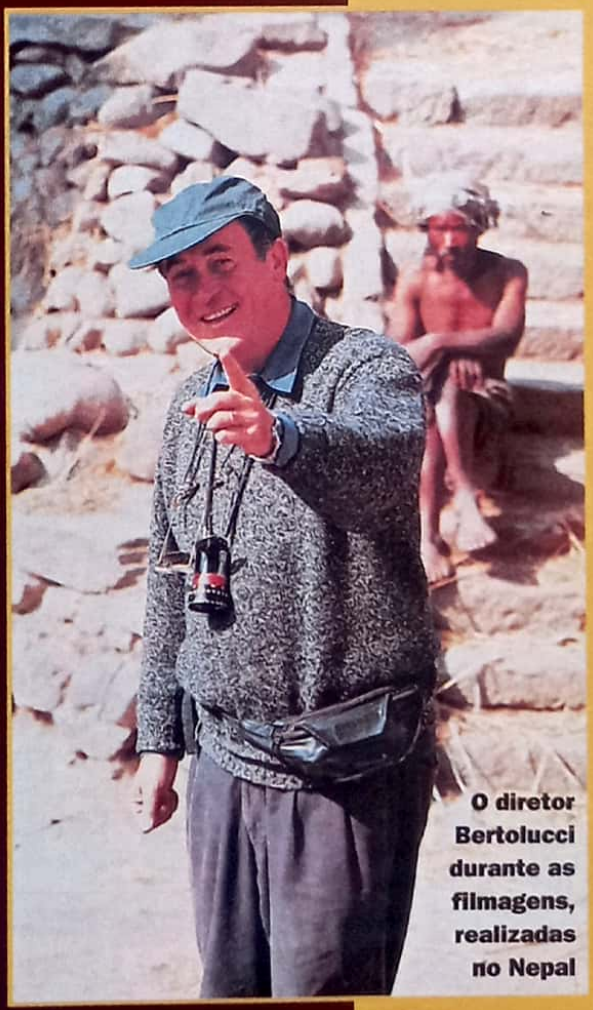
BERNARDO BERTOLUCCI

Turnê pelo Jirvana

Keanu Reeves é o príncipe Sidarta na superprodução *O Pequeno Buda*, com que o italiano Bernardo Bertolucci, de *O Último Imperador* e *O Céu que Nos Protege*, encerra sua trilogia sobre o Oriente

Três filmes e quase dez anos de viagem: depois de *O Último Imperador* e *O Céu que Nos Protege*, Bernardo Bertolucci apresenta o terceiro pilar de sua trilogia sobre o Oriente. Mas *O Pequeno Buda* pode surpreender os admiradores do cineasta italiano. Pois, se conservou a alta ambição que é a marca de seus filmes, o diretor desta vez dá mostras de uma simplicidade inusitada. *O Pequeno Buda* é tratado como um conto de fadas e se dirige tanto aos adultos quanto às crianças.

O filme reúne duas histórias: a da transformação do príncipe Sidarta (Keanu Reeves) em Buda e a da busca de um monge tibetano por um garoto de Seattle que se acredita ser a reencarnação de um chefe espiritual. Se, há dez anos, Bertolucci vem atravessando ao mesmo tempo os séculos e os continentes, é provável que a meta de suas explorações não seja outra que a descoberta de si mesmo. Essa auto-análise permanente faz a riqueza e a singularidade de sua obra, mas emite às vezes um tipo de dor interior que se transmite através da tela. Desta vez, ele parece ter encontrado uma serenidade profunda que, ela também, é comunicativa... A seguir, o cineasta explica as razões que o levaram a contar a história de Buda.



O diretor Bertolucci durante as filmagens, realizadas no Nepal

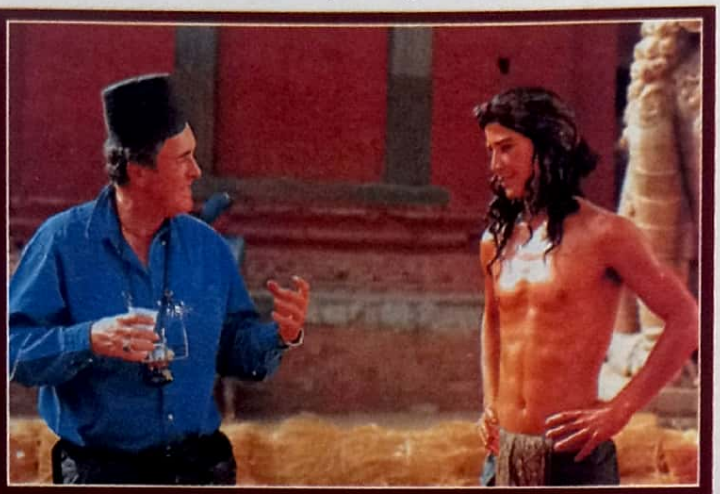
Com *O Pequeno Buda*, seu desejo era contar essa história tão bela e singular ou o sr. também ambicionava levar o público, se não a se converter, pelo menos a se iniciar no budismo?

Essa bela história, como vocês dizem, não aconteceu por acaso. Ela vem atravessando os séculos há 2.500 anos. O tema da reencarnação permitiu-me falar sobre o pensamento de Buda, que me toca muito.

Qual foi seu primeiro contato com o budismo?

Ele se deu na época de *Prima della Rivoluzione* (1964), meu segundo filme. Elsa Morante chegou às filmagens e me ofereceu *Milarepa* (livro sobre um tibetano do século 11, adepto da magia negra que, tomado de

remorso, passa a levar uma vida contemplativa). Anos mais tarde, eu estava em Los Angeles, em uma casa em que um lama tibetano, rodeado de um pequeno grupo, cantava o *Livro dos Mortos*. Essa foi verdadeiramente minha iniciação. E, um pouco antes das filmagens de O *Céu que Nos Protege*, um produtor me propôs filmar a vida de Buda. A idéia me seduziu, mas eu não queria realizar um filme apenas histórico; para mim, a vida de Buda só tem sentido se pudermos fazê-la ecoar no presente.



Bertolucci e Keanu, ambos a caráter, discutem uma cena

A idéia da reencarnação em uma criança americana é sua?

Sim. Escrevi algo em torno de cinqüenta páginas antes de trabalhar com Rudy Wurlitzer, que é um cenógrafo americano e budista, e Mark Peploe (roteiristas de O *Pequeno Buda*). Escolhi uma criança americana porque isso permite ao espectador se identificar mais facilmente. Eu não queria que se pensasse no budismo como uma filosofia "exótica". Além do que, isso corresponde a uma realidade. Há atualmente cinco crianças nos Estados Unidos e uma na Espanha que foram reconhecidas pelo dalai-lama como sendo a reencarnação de grandes mestres budistas. Ao se fazerem as primeiras marcações em Katmandu, encontrei um jovem americano de 22 anos que se chama Dylan e que foi reconhecido como sendo a reencarnação de um mestre. Até aquele momento, ele havia vivido nos Estados Unidos com sua família, e estava havia seis meses no Nepal para decidir seu futuro: saber se ficaria em Katmandu, num monastério, ou se retornaria aos Estados Unidos. Foi muito interessante, porque foi um pouco a projeção daquilo que poderia acontecer a Jesse, o jovem herói de O *Pequeno Buda*, dez anos depois. Discuti muito com ele para saber como tinha vivido. No fim, eu lhe perguntei a origem de seu nome, Dylan. Ele me disse: "Porque fui concebido em Woodstock...". Vocês vêem, o budismo não se limita ao exotismo... (*risos*).

O Pequeno Buda é muito simples em sua narrativa, muito mais que seus filmes anteriores. Esse tratamento foi deliberado?

Essa foi uma das primeiras coisas que eu disse ao dalai-lama quando o encontrei em Viena, em 1991: "Quero fazer um filme que possa ser visto pelas crianças". Não porque nenhum de meus filmes não tenha sido visto pelas crianças, mas porque o público ocidental, quando se fala de budismo, é tão ignorante quanto uma criança. Então disse a mim mesmo, vou fazer um filme o mais simples possível. No fim das filmagens, eu tinha material para realizar um filme de três horas e meia que poderia ter sido uma grande lição de budismo. Desisti de tudo, porque minha meta não era essa.

Isso tem conseqüências na forma. _O Pequeno Buda_ é tratado como um conto. E, por outro lado, o filme começa com "Era uma vez...".

Sim, eu o tratei como sendo a história do Príncipe Encantado...

Com os efeitos especiais aos quais o sr. não estava habituado...

É necessário se habituar às mudanças... (*risos*). É a primeira vez que uso efeitos especiais tão sofisticados, e estou muito satisfeito. Mas só me servi deles para unir a poesia e a magia, e não para fazer um filme espetacular à *Exterminador do Futuro 2*.

Se fosse necessário definir um ponto comum entre seus filmes, em particular os três últimos, seria o fato de eles contarem a história de uma metamorfose. Um imperador que se torna homem, um príncipe que renuncia a seus privilégios... Muitas vezes, vê-se essa cena-chave em que um homem deixa a imensa construção vermelha onde ele sempre

Conciliando o Impossível

O Pequeno Buda *tenta conciliar coisas aparentemente incompatíveis, como ascetismo e grande espetáculo, budismo e suntuosidade. O filme apresenta duas fábulas numa só. A primeira fala de metempsicose: Norbu, monge budista do Butão, vai a Seattle encontrar Jesse, um garoto de nove anos pertencente a uma típica família norte-americana, que seria a reencarnação de um chefe espiritual ancestral. A segunda gira em torno da metamorfose, mostrando a transformação do príncipe Sidarta em Buda – ocorrida há mais de 2.500 anos –, fábula mitológica que conta os elementos essenciais da fé e da filosofia budista, que assim são didaticamente transmitidos a Jesse.*

A idéia de misturar esses dois universos tão diferentes é muito boa, mas sua execução deixa a desejar. O filme escamoteia toda a idéia de conflito, que é o motor da narrativa cinematográfica, para privilegiar o "encantamento". Não há choque de culturas; os pais do garoto não se mostram muito reticentes sobre a ida do menino ao Butão, acompanhando o velho monge; o garoto aceita com alegre naturalidade a doutrinação dos budistas, como se tudo fosse uma brincadeira; a ocupação do Tibete pela China desde 1959 é mencionada apenas de passagem. Bertolucci edulcora, evitando o afrontamento – o que de alguma maneira acaba indo de encontro aos princípios do budismo –, mas faz o filme atolar no exotismo e na grandiosidade, no fascínio fácil exercido pelo maravilhoso, como ocorre no conto de fadas.

A lenda sobre as peripécias de Sidarta sofre do mesmo problema. Simplificada, a trajetória do príncipe se enfraquece, os fatos que a compõem aparecem sem hierarquia. O dado fundamental se perde no detalhe curioso, o nirvana e a "realidade última de todas as coisas" se confundem com banalidades ou com os efeitos especiais.

A fotografia de Vittorio Storaro – tecnicamente irrepreensível – e a música de Ryuichi Sakamoto – pobre em matéria de criatividade – também contribuem para esse resultado, reiterando a atmosfera de "magia" e seus transbordamentos. O próprio dalai-lama, líder espiritual e político dos budistas tibetanos, não assinou embaixo da versão do budismo proposta pelo filme, deixando antever que opulência não rima com transcendência.

Alexandre Agabiti Fernandez

Little Buddha, EUA/Inglaterra/França, 1993 ■ DIREÇÃO: Bernardo Bertolucci ■ ROTEIRO: Rudy Wurlitzer e Mark Peploe ■ MONTAGEM: Pietro Scalia ■ FOTOGRAFIA: Vittorio Storaro ■ MÚSICA: Ryuichi Sakamoto ■ PRODUÇÃO: Jeremy Thomas ■ Com Keanu Reeves, Chris Isaak, Bridget Fonda, Alex Wiesendanger, Ying Ruocheng ■ DISTRIBUIÇÃO: Top Tape ■ DURAÇÃO: 140 min.

viveu. Essa é uma lembrança precisa de sua vida?

Certamente. Quando eu era pequeno, meus pais me fizeram acreditar que a vida era o nascimento da poesia e que a violência e a agressividade não existiam. Meu pai, quando falava de minha mãe, dizia que ela era como a rosa branca que estava no jardim. Aos 16 anos, quando saí de casa, eu acreditava que a vida era assim, um jardim de rosas... Muito rápido me dei conta de que ela não era totalmente assim.

O que o sr. sentiu?

Tive medo e, ao mesmo tempo, estava muito excitado. E compreendi que, para não me deixar destruir, eu deveria fazer cinema. Comecei muito jovem, com 21 anos. Um modo, para mim, de sustentar o sonho.

Como o sr. pensou em Keanu Reeves para interpretar o príncipe Sidarta que se tornou Buda?

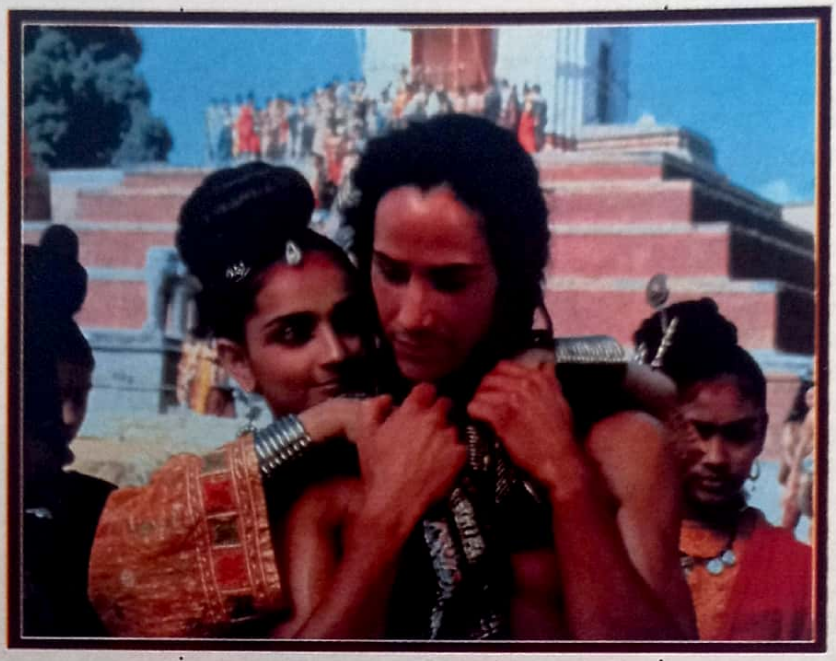
No início, pensei num ator indiano. Um diretor de elenco foi à Índia, mas não deu em nada. Os atores que ele me apresentava pareciam sub-Rambos ou mafiosos... Eu estava um pouco desesperado. Depois, lembrei-me de *Garotos de Programa* e encontrei Keanu em Nova York. Ele tem uma profunda inocência e, para mim, isso era essencial. O Sidarta do início do filme nunca entendeu a palavra "sofrer", a palavra "velhice". É um ser de uma simplicidade extrema, no limite da idiotice, no sentido nobre do termo. Bem, Keanu tem essa inocência. Alguns meses mais tarde, revi Keanu na Toscana, onde ele filmava *Muito Barulho por Nada*. Ele lia muito sobre Buda e havia aprendido a meditar. Keanu juntou-se a nós no estúdio três semanas antes do início das filmagens. Eu imaginava recorrer a um dublê para os planos em que se vê o corpo ascético de Buda. Ele me disse: "Não, faço eu mesmo". E começou uma dieta draconiana, contentando-se com uma laranja por dia. Mais tarde, quando a parte americana do filme foi feita, em Seattle, eu soube que a crítica dos Estados Unidos tinha sido muito dura com Keanu por *Drácula*. Acho que as pessoas ficarão muito surpreendidas com sua faculdade de transformação.

A outra personagem essencial do filme é o velho monge tibetano, o lama Norbu, que vai à procura do pequeno Jesse em Seattle para lhe ensinar a história de Buda. É verdade que o sr. sonhou com Marlon Brando para esse papel?

Sim, mas ele recusou. Naquele momento, um juiz francês no Taiti o acusava de ter

O pequeno Jesse (Alex Wiesendanger) inicia-se na filosofia budista em um mosteiro tibetano

dormido com sua filha, e essa história o deixou doente. Marlon, por outro lado, me chamou há alguns dias para perguntar se eu estava feliz com o filme. Depois de sua recusa, procurei um velho monge tibetano, mas o problema é que nenhum deles fala inglês. Então lembrei-me de Ying Ruocheng, que fez o diretor da prisão em O *Último Imperador*. Mas, levando-se em conta a situação diplomática, seria um risco ter um chinês interpretando um tibetano. De minha parte, eu achava que isso não tinha muita importância: um monge não tem passaporte. Mas Richard Gere, que é budista, me disse que isso seria um insulto ao povo tibetano. Alguns dias depois, Richard deveria encontrar o dalai-lama e eu lhe disse: "Pergunte a ele o que pensa". Richard me chamou de novo: "Você tinha razão, o dalai-lama disse que é muito bom que um chinês faça esse papel".



Há quase dez anos, entre a China, a África e o Nepal, o sr. não pára de viajar. Como julga seus três últimos filmes? Pode-se falar em uma trilogia?

Na verdade, a idéia de uma trilogia me veio somente ao voltar à Itália. Descobri que meu país vivia uma grande mutação e que, talvez, as razões que me haviam levado a deixá-lo no momento de O *Último Imperador* não tinham mais razão de ser. Depois de dez anos de dormência, meu país enfim despertou. E eu disse a mim mesmo: "Aí está, o 'período de evasão' terminou". E foi somente tentando definir os dez anos passados e os três filmes que fiz nesse período que me dei conta da existência de uma trilogia. Também me dei conta de que O *Pequeno Buda* era um pouco a síntese do que eu havia descoberto na China e na África hoje.

O sr. é um budista praticante?

Faço meditação, mas eu já a praticava antes de conhecer Buda. Tenho um imenso respeito pela filosofia budista, mas não é porque se fez um filme sobre Buda que se pode proclamar budista. Digamos que eu seja um budista amador...

Desde *O Último Tango em Paris*, o sr. praticamente tem trabalhado com os mesmos colaboradores, e sua equipe técnica é hoje uma das melhores do mundo. O sr. imagina trabalhar sem ela?

Farei um pequeno filme na Itália no fim do verão. Quero filmá-lo muito rapidamente e por isso não recorrerei a meus habituais colaboradores. Meu desejo é ver se posso fazer um pequeno filme muito leve. Entre quatro e cinco gramas... (*risos*).

O sr. já sabe qual será o assunto?

Ainda não. Talvez uma comédia. O tipo de filme que fará aqueles que gostam de meus outros filmes dizerem: "Mas o que é isso?" (*risos*). Estive de tal modo longe de meu país nos últimos anos que essa será um pouco minha reencarnação na Itália...

Há dez anos viajando, muito pouco se ouviu do sr. sobre a queda do bloco comunista e o massacre da praça de Tienanmen. O sr., que foi muito engajado politicamente, sente a necessidade de envolver-se de novo, como cineasta?

Depois desse pequeno filme que quero fazer na Itália, tenho um projeto de que gosto muito e no qual eu já pensava antes de O *Último Imperador*. É *La Condition Humaine*, de André Malraux. Tenho vontade de fazer um filme sobre a utopia da revolução. *La Condition Humaine* é sem dúvida a última possibilidade de fazer um filme com a bandeira vermelha... (*risos*).

O sr. diria que a atual desordem político-econômico-jurídica na Itália é necessária?

Para mim, é a vida que recomeça. Todas essas mudanças são sustentadas por uma dinâmica vital, quase um instinto de sobrevivência. Com certeza, não se deve acreditar que basta colocar duas mil pessoas na cadeia para apagar o passado. É muito mais profundo que isso. Esses políticos corruptos, nós mesmos os elegemos há dez anos... Essas últimas semanas na Itália foram incríveis. Cada manhã, os jornais anunciavam um novo escândalo. Mas, na verdade, o acontecimento que mais marcou foi a agonia de Fellini. No meio desse imenso precipício, todos os italianos se sentiram unidos num mesmo lado. Como se a morte de um poeta, de um gênio, fosse mais importante que todo o resto. Agradeço a Fellini por seu cinema, e também por isso.

Sinfonia Litúrgica

Além de parcerias perfeitas como a de Fellini/Nino Rota, ou a moderna combinação Spielberg/John Williams, a dupla Bertolucci/Ryuichi Sakamoto é um dos encontros atuais mais felizes do cinema com a música. Os dois trabalharam juntos em O Último Imperador *(1987) e* O Céu que Nos Protege *(1990). Considerando a aptidão de Sakamoto em casar uma estética oriental com a música eletrônica de pesquisa, Bertolucci não teve dúvidas em convidá-lo para compor a trilha de seu majestoso* O Pequeno Buda.

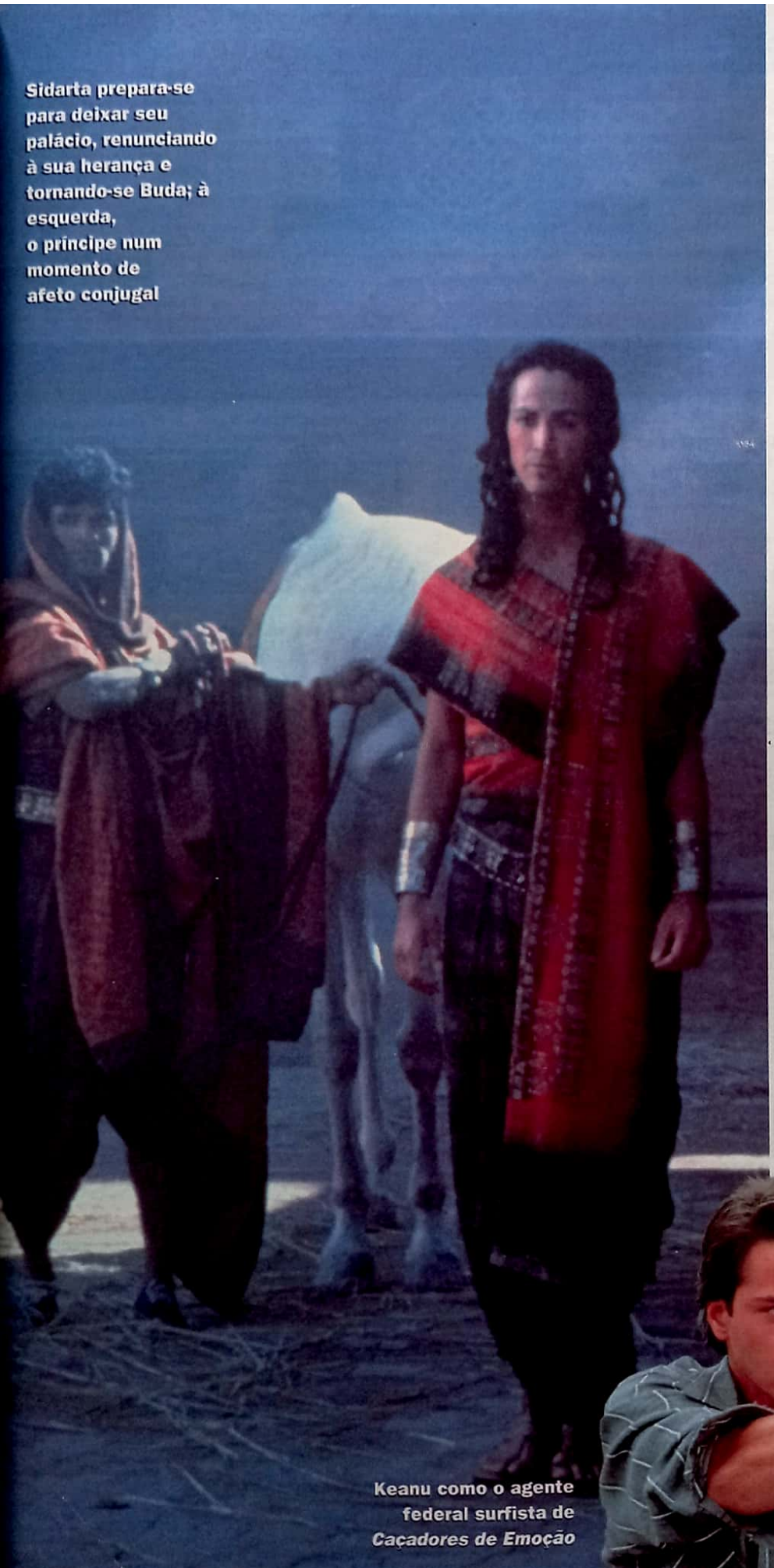
O resultado é quase uma suite litúrgica enriquecida por delicados acordes, que evocam uma atmosfera estática e sensual. São 55 minutos de um adágio mântrico, dividido imperceptivelmente em treze faixas. O tema principal, que se repete em diversos arranjos, lembra o popular adágio para cordas "I Music", do compositor americano Samuel Barber (1910-1981).

Sakamoto explora a cítara, a tabla, o mantra vocal feminino, flautas e percussões indianas. Muito pouco do seu habitual sintetizador é usado. A sinfonia é como um vitral sonoro, harmonioso e de bom gosto que, independente das imagens aludidas, traduz em sons a alma poética do Buda retratado por Bertolucci.

(Little Buddha, Milan, 1994)

Walter de Silva

Sidarta prepara-se para deixar seu palácio, renunciando à sua herança e tornando-se Buda; à esquerda, o príncipe num momento de afeto conjugal



Keanu como o agente federal surfista de *Caçadores de Emoção*

Arrasa-Quarteirão

A expressão mais correta para definir este ator descendente de um havaiano-chinês com uma inglesa foi exclamada por uma garota quando Keanu Reeves representava a peça The Crucible *no teatro da escola: em uma de suas falas, ele se perguntava "o que sou eu?", ao que ela prontamente respondeu: "um tesão!"*

Há que se concordar com esta anônima porque, a despeito do que se diz dele – que não gosta de tomar banho, que é um ator de poucas possibilidades, dono de uma cabeça oca incapaz de formular uma frase completa e quetais –, Keanu tem um encanto peculiar, que foi explorado com intensidade por Gus Van Sant em Garotos de Programa *(1991).*

O jeito grunge e tímido de Keanu Reeves é fruto de uma vida "diferente": nascido em Beirute (Líbano) em 1965, viveu um tempo na Austrália e depois em Toronto (Canadá), onde estudou na Toronto's High School for the Performing Arts. Seu primeiro cachê como profissional veio de um anúncio da Coca-Cola, aos 16 anos. Como passatempo predileto, adora pilotar uma Harley Davidson, hábito adquirido quando filmava Príncipe da Pensilvânia *(1988) e "voava" com uma alugada pelas florestas de Pittsburgh, à noite e com as luzes apagadas. Até que um dia encontrou um obstáculo, o que resultou numa cicatriz que lhe atravessa todo o tórax. Mais impressionante para alguém de quem se diz não ter nada no cérebro, Keanu é um viciado em leitura, seja Dostoiévski e o físico Stephen Hawking ou* Doutor Fausto, *de Thomas Mann – para o qual solta um "Wow, fuck, what an experience!".*

Keanu se mudou para Los Angeles em 1986, quando foi escalado para Flying e Veia de Campeão *(com Matt Dillon). Sua primeira grande chance apareceu em 1988, com o convite para interpretar Chevalier Danceny, um dos amantes de Glenn Close em* Ligações Perigosas. *Nos dois anos seguintes, encarnou personagens "simpáticos" em* O Tiro que Não Saiu pela Culatra *e* Te Amarei Até te Matar.

Mas foi com o tira surfista de Caçadores de Emoção *que Keanu Reeves entrou para a lista dos homens mais desejáveis. E a curva descendente, segundo a crítica, foi com* Drácula de Bram Stoker: *seu Jonathan Harker foi considerado fraco e sem carisma.*

Agora chegou a hora de Keanu mostrar seu talento com o príncipe Sidarta de O Pequeno Buda. *Quem sabe ele se fixa na galeria hollywoodiana como um astro de verdade e perde o estigma de um simples "arrasa-quarteirão" da platéia feminina.*

Deborah Peleias

O sr. conhecia Fellini?

Sim, um pouco. Nós íamos ao mesmo cabeleireiro. Ele queria me convencer a fazer filmes publicitários. Eu não quero fazê-los porque não preciso financeiramente. Ele me dizia: "Você verá, isso permite que você experimente coisas novas". Acho que ele se sentia um pouco humilhado por estar assim e tentava me persuadir de que isso o agradava. Ele tinha um ar muito triste, deprimido. Acho que ele morreu porque se sentia infeliz por ninguém lhe dar dinheiro para filmar.

Há, pelo menos em seus três últimos filmes, um tema que retorna muito comumente: a relação de mestre e discípulo.

Li em algum lugar uma coisa muito bela. No budismo, a presença do mestre é muito importante. Ele é o guia durante muito tempo e depois, num certo momento, é preciso tornar-se um navegador solitário. Nesse instante, sente-se um pouco perdido, nos damos conta de que não seguimos mais o guru que estava à nossa frente, mas que traçamos nossa rota totalmente sós. E, depois, nos apercebemos de que o guru está agora a nosso lado. Isso significa que aquele que seguíamos não é mais nosso guia, ele está em nós. Nós o absorvemos.

Seu pai, sobre quem o sr. fala muito, foi uma espécie de guru?

Meu pai está aqui. Ele verá o filme amanhã.

O sr. tem filhos?

Não. Mas espero que, graças a este filme, eu venha a ter muitos.

Jean-Pierre Lavoignat
e *Christophe D'Yvoire*, da *Studio*

SET

VIAJE PELA ÍNDIA EM VÍDEO

CIDADE DA ESPERANÇA

(City of Joy, EUA/França, 1992) Direção: Roland Joffé. Com Patrick Swayze, Pauline Collins, Om Puri. 134 min. Warner.

Drama banal e repleto de clichês, apesar de bem-intencionado, sobre médico americano (Swayze!) desencantado com a profissão que vai trabalhar num ambulatório em Calcutá.

GANDHI

(Inglaterra, 1982) Direção: Richard Attenborough. Com Ben Kingsley, Candice Bergen, John Gielgud. 188 min. LK-Tel/Vídeo.

A vida de lutas do líder espiritual e político Gandhi, magnificamente interpretado por Kingsley. Traduz com razoável fidelidade a busca pela identidade cultural do país ao reconstruir epicamente os fatos históricos que o levaram a libertar-se do domínio inglês.

ÍNDIA, MISTÉRIO, AMOR E GUERRA

(The Far Pavilions, Inglaterra, 1984) Direção: Peter Duffel. Com Amy Irving, Ben Cross, Omar Shariff, Christopher Lee. 90 min. VTI.

Melodrama folhetinesco com ótima produção e locações genuínas. Narra o romance entre um oficial inglês e uma princesa indiana (Irving, sra. Bruno Barreto!) no século passado, em meio às rebeliões contra o domínio britânico.

VERÃO VERMELHO

(Heat and Dust, Inglaterra, 1983) Direção: James Ivory. Com Julie Christie, Greta Scacchi, Shashi Kapoor. 130 min. F.J. Lucas.

O diretor americano Ivory, antes de sua consagração com *Uma Janela para o Amor* (85), associa-se mais uma vez aos parceiros Ismail Merchant (produtor) e Ruth Prawer Jhabvala (roteirista). A história, que parte de romance da própria Jhabvala, apresenta uma jovem que, na Índia, reconstitui a vida de sua tia-avó, que nos anos 20 engravidara de seu amante indiano.

MANIKA – A MENINA QUE NASCEU DUAS VEZES

(Manika – Une Vie plus Tard, França, 1988) Direção: François Villiers. Com Julian Sands, Ayesha Dharker, Stéphane Audran. 106 min. Alvorada.

O diretor Villiers baseou-se em fato real para escrever este roteiro: seminarista francês questiona o cristianismo ao conhecer garota hindu que afirma saber tudo sobre sua encarnação anterior. Para quem é ligado em misticismo.

AS NOITES DE BENGALI

(The Bengali Nights, Índia/França, 1988) Direção: Alexandre Trauner, Didier Naert, Jean-Paul Mugel, Dominique Hennequin. Com Hugh Grant, Shabana Azmy, John Hurt, Anne Brochet. 109 min. LK-Tel/Vídeo.

Outra variação de *Romeu e Julieta*, com engenheiro europeu se apaixonando pela filha do patrão hindu. O roteiro co-assinado por Jean-Claude Carrière (*A Insustentável Leveza do Ser*) revela o choque de culturas com bom gosto, em meio aos belos cenários de Calcutá.

MISSISSIPI MASALA

(EUA/Índia, 1991) Direção: Mira Nair. Com Denzel Washington, Sarita Choudhury, Roshan Seth. 115 min. VTI.

A diretora do ainda inédito *Salaam Bombay* mostra a dificuldade de adaptação de uma família hindu na cidade-título americana, principalmente quando a filha se apaixona por um negro (Washington). Filme sobre preconceitos, códigos culturais rígidos e tradições familiares inflexíveis.

NOTURNO INDIANO

(Nocturne Indien, França, 1989) Direção: Alain Corneau. Com Jean-Hugues Anglade, Clementine Celarie. 110 min. Abril/Belas Artes.

Anglade interpreta um francês que procura por um amigo desaparecido e, para tanto, reconstitui sua trajetória pela Índia. O diretor faz um elogio veemente às viagens como forma de enriquecimento humano e narra uma história cíclica como forma de traduzir o universo onírico e místico do local.

PASSAGEM PARA A ÍNDIA

(A Passage to India, Inglaterra, 1984) Direção: David Lean. Com Judy Davis, Victor Banerjee, Peggy Ashcroft, Alec Guinness. 163 min. Jovem Pan Home Video.

Este que viria a ser o último filme do mestre Lean (*Lawrence da Arábia*) é uma adaptação fiel do romance de E.M. Forster. Grandeza humana e trágica na história – ambientada nos anos 20 – de jovem inglesa que visita a Índia e se perturba com a sexualidade latente da cultura.

threesome

Doze super-bandas,
uma trilha sonora genial.

Três jovens e
um triângulo amoroso.

U2

Tears For Fears

Duran Duran

New Order

Bryan Ferry

Apache Indian

The The

Brad

Jellyfish

General Public

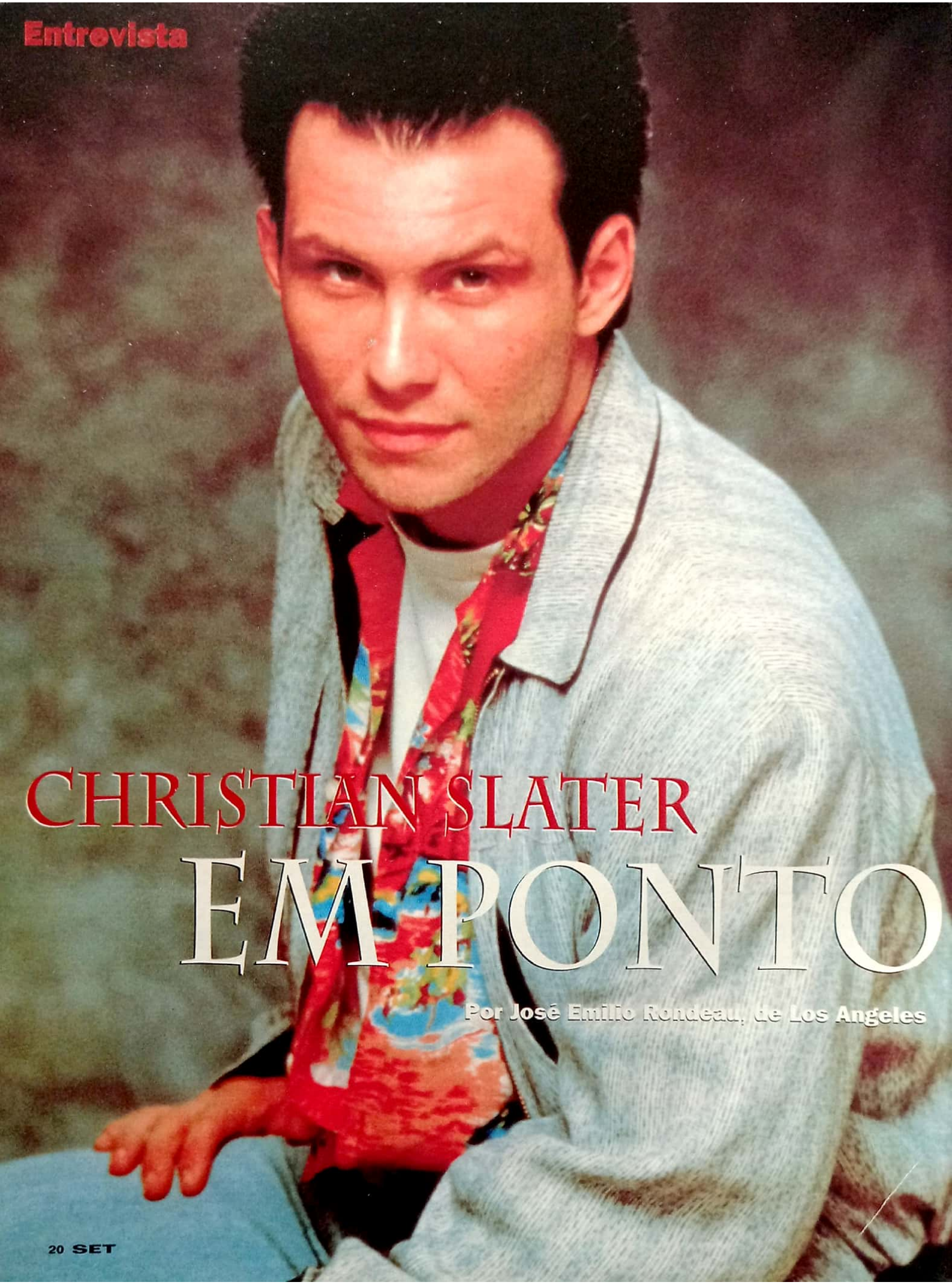
Teenage Fanclub

Human Sexual Response

Trilha Sonora Original do Filme

três formas de amar

CD • K7 • LP **Sony Music**



CHRISTIAN SLATER EM PONTO

Por José Emilio Rondeau, de Los Angeles

DE BALA

O ator entra na linha e dá uma virada em sua carreira em filmes como *Amor à Queima-Roupa*, em que vive um romance perigoso com Patricia Arquette, e *Jimmy Hollywood*, co-estrelado por Joe Pesci

Aos 24 anos, Christian Slater está dando uma guinada de vida e carreira que muitos veteranos tentam – quando tentam – somente uma década mais tarde. O ator pôs fim a seu tórrido romance com a garrafa – que culminou num encontro desastroso com a polícia de Los Angeles e uma subseqüente associação aos Alcoólatras Anônimos – e também parece determinado a recuperar o tempo perdido e corrigir os erros profissionais do passado com dedicação e uma série de bons filmes. O marco dessa virada foi *Coração Indomável*, exibido no Brasil no ano passado, em que Christian contracena com Marisa Tomei e Rosie Perez.

Após ter construído uma filmografia desigual – para cada *Atração Mortal* (*Heathers*), a brilhante comédia de humor negro co-estrelada por Winona Ryder, há o contrapeso de um punhado de filmes embaraçosos e de pouco prestígio, como *Kuffs – Um Tira por Acaso* e *Império do Crime* –, Christian atualmente está em cartaz nos Estados Unidos com seu segundo filme dirigido por um ganhador do Oscar (o primeiro foi *Tucker*, de Francis Ford Coppola): é Barry Levinson, de *Rain Man*, quem assina o cômico mas sombrio *Jimmy Hollywood*, co-estrelado por Joe Pesci.

E até o final do ano Slater estará no elenco de dois outros filmes de altíssima visibilidade. Em *Murder in the First*, um *film noir* passado na San Francisco dos anos 30, ele é um advogado que defende o psicopata Kevin Bacon das acusações do carcereiro Gary Oldman. Christian será ainda o entrevistador – papel que era de River Phoenix – no badaladíssimo e controvertido *Entrevista com o Vampiro*, ao lado de Tom Cruise. No Brasil, Christian Slater – eleito "o homem mais desejado de 1993" pelo público da MTV americana – pode ser visto este mês ao lado da gracinha Patricia Arquette em *Amor à Queima-Roupa* (*True Romance*), com direção de Tony Scott (*Top Gun*) e roteiro de Quentin Tarantino (*Cães de Aluguel*).

Clarence (Slater) e Alabama (Arquette)

Comentou-se que você relutou muitíssimo antes de fazer *Coração Indomável*, quase foi obrigado. Isso aconteceu mesmo?

Eu não tinha certeza de que seria capaz de representar aquele tipo de personagem (*um lavador de pratos perturbado por ter recebido um coração de babuíno num transplante*). Eu tinha medo de testar minhas próprias habilidades, de me desafiar, e de não me encostar em coisas que tinha feito no passado e que tinham dado certo. Tinha *medo*, basicamente. Hoje fico contente que tenham forçado a barra e me convencido a fazer o filme, porque ele me abriu várias portas. A única razão pela qual estou trabalhando com Barry Levinson hoje, pela qual posso pronunciar o nome dele sabendo que temos um relacionamento profissional e pessoal, é em grande parte por causa do treino que tive com Tony Bill, o diretor de *Coração Indomável*. Muito do mérito é dele.

Você vem de uma família do show-business – pai ator e mãe produtora. O desejo de representar foi algo que sua mãe incutiu em você, uma vez que era com ela que você vivia?

Acho que sim, mas porque ela tentava me convencer do oposto, de que eu não deveria ser ator. Ela não me deu apoio algum, preferia que eu trabalhasse numa outra área do show-business – queria que eu fosse advogado. Ela achava uma profissão mais segura, mais estável, talvez mais honrosa (*risos*). Ela está contente agora porque é justamente um advogado que eu faço em *Murder in the First* (*risos*). Ela visitou o set de filmagem e ficou felicíssima quando me viu de terno, falando no tribunal. Foi uma cena estranha, pensando bem, porque nunca fiz teatro e nunca representei diante de uma platéia, e tínhamos ali algo como 400 extras no tribunal.

A esta altura, como você vê sua carreira? Você tem dois filmes de grande visibilidade para sair – além de *Murder in the First*, há sua participação em *Entrevista com o Vampiro* –, mas você pretende continuar fazendo também filmes que podem cair mais para o cult, como *Amor à Queima-Roupa*? Interessa a você virar um megastar?

Quero fazer os filmes que me interessar fazer. Ao longo dos próximos cinco anos quero me envolver ao máximo com meu trabalho. Sou um tremendo fã de filmes como *Caçadores da Arca Perdida*, coisas assim, gostaria de fazer filmes de ação, capa-e-espada. Por outro lado, gosto também de coisas como *Murder in the First*, que é um dos filmes mais dramáticos – decerto é o mais adulto – que fiz até hoje. Tive que convencer o diretor (Marc Rocco) de que eu era a melhor escolha para o papel do advogado, porque inicialmente ele me queria para o papel do psicopata que passa o tempo todo na cadeia e quase não fala (*risos*). Mas eu insisti e consegui fazer o advogado. No entanto, quando vi o trabalho maravilhoso que Kevin Bacon fez com o papel do psicopata preso (*risos*) quase me arrependi. Ele é brilhante. Ele era capaz de me hipnotizar representando, de me colocar numa espécie de transe.

Seu envolvimento em *Entrevista com o Vampiro* deu-se de maneira trágica – você entrou no lugar de River Phoenix, depois que ele morreu.

Fiquei chocado e deprimido ao ver o que River fez consigo mesmo. Depois da morte dele, fiquei imaginando quem eles iriam achar para substituí-lo no filme, porque eu, pessoalmente, não queria nenhum envolvimento com *Entrevista com o Vampiro*, achava estranhíssima toda a situação, achava que as pessoas iriam olhar com maus olhos. Mas depois me sugeriram que eu doasse meu cachê a causas que River defendia – Earth Save e Earth Trust. Isso fez com que eu me sentisse melhor.

E as comparações entre você e Jack Nicholson? Esse tipo de coisa enche o saco?

Enche tanto que fico fazendo essas porras desses filmes para ver se as pessoas param com essa porra desse papo (*risos*). Que mais eu preciso fazer para provar que sou capacitado! (*risos*).

Muita gente aconselhou você a não fazer *Amor à Queima-Roupa*. Você acha que deveria ter ouvido esses conselhos?

Não tenho problema algum com o filme. Se tanto, o único senão é que as filmagens ocorreram numa época dura de minha vida, e que o filme é, de fato, meio maluco.

O que você quer dizer com "uma época dura de minha vida"?

Pois é, estou cavando minha própria sepultura (*risos*). Mas é algo que já passou e não quero falar sobre isso. Mas gostei muito do resultado final do filme. Bem, tem algumas partes um pouco violentas demais, mas isso fugia ao meu controle.

E os conselhos contra?

Pois é, tem um grande amigo meu, cuja opinião há anos respeito muito e que faz questão de sempre dar suas opiniões, pois esse amigo era absolutamente contrário a *Amor à Queima-Roupa*. Mas discordei dele, achei que precisava fazer aquele filme.

Mas agora ele está contentíssimo com meu novo filme, *Murder in the First*, em que faço o papel de um advogado. Não que eu queira criar uma expectativa irreal em torno dele, mas acho que pode ser um filme como foram *O Sol É para Todos* ou *Julgamento em Nuremberg*.

Você já fez alguns papéis estranhos no cinema. Por que você quis ser o desligadão William em *Jimmy Hollywood* desta vez?

Quando li o script, achei tudo muitíssimo interessante e engraçado. Fiquei curioso para saber como Barry Levinson iria lidar com aquele assunto. Além disso, sempre foi um sonho meu poder trabalhar com alguém como Barry. Foi principalmente isso que me fisgou: a combinação de Barry e Joe Pesci.

Chovem balas no romance de Slater e Patricia Arquette em *Amor à Queima-Roupa*

Há quem considere William um papel pequeno, um passo atrás em sua carreira. Por outro lado, pode ser o início de uma série de pequenas participações importantes, como a de Gary Oldman em *Amor à Queima-Roupa*, não é verdade?

Pois é: Gary, Brad Pitt e Dennis Hopper... todos tiveram papéis mínimos em *Amor à Queima-Roupa*. Admiro isso, e eles acrescentaram muito ao filme. Em especial, adorei o papel que Brad representou no filme (*de um sujeito constantemente chapado*). Queria fazer uma coisa assim algum dia, achei hilariante, um barato.

***Jimmy Hollywood* foi filmado quase todo nas ruas de Hollywood. As pessoas se aproximavam de você em Hollywood Boulevard, iam falar com você, pedir autógrafo, quando vocês estavam filmando?**

Correu tudo bem, as pessoas me trataram com bastante respeito. De noite era estranho, porque a gente ouvia tiros e carros de polícia correndo de um lado para o outro, e aquilo nos inquietava – mas também nos

A Nova *Darling* do Cinema

Ela tem 26 anos e é a mais forte candidata a nova darling de Hollywood. Apesar de ter estreado nos palcos aos seis anos de idade, com uma timidez incomum em família de atores, foi apenas depois de 1984, com a bênção de sua irmã mais velha, Rosanna Arquette, durante as filmagens de Procura-se Susan Desesperadamente, *que Patricia realmente se voltou para a carreira artística.*

Depois de papéis secundários em filmes tão disparatados quanto A Hora do Pesadelo 3: O Guerreiro dos Sonhos (87) e A Casa de Kate É um Caso (88), *de Sam Shepard, ela investiu em personagens marginais e marcou presença como uma esposa hippie na estréia de Sean Penn na direção, o ótimo* Unidos pelo Sangue (91), *ou uma lésbica que namora Sofia Coppola no tresloucado* Nem Freud Explica (92).

Retna

A grande chance de aliar à perfeição seu charme quase ingênuo com uma beleza de forte sex appeal chegou com Amor à Queima-Roupa, *no qual interpreta uma ex-prostituta que se entrega ao comportado papel de esposa, apenas para depois acompanhar o marido (Christian Slater) numa sanguinolenta fuga pela sobrevivência. A química entre os dois é explosiva. Patricia, sem dúvida, já ofuscou sua irmã – que no momento enfrenta um impasse artístico – e agora está presente num drama familiar da Disney,* Holy Matrimony, *além de interpretar a mulher alcoólatra do bizarro diretor Edward D. Wood Jr., biografado por Tim Burton e personificado por Johnny Depp no aguardado* Ed Wood. *Não é difícil prever um futuro auspicioso.*

Christian Petermann

Fotos Lumiere

dava uma idéia bem exata do perigo verdadeiro que existe hoje em dia em Hollywood. Tínhamos guarda-costas nos acompanhando o tempo todo, e ninguém ficava sozinho e desprotegido. Deu para perceber como, através dos anos, Hollywood mudou tanto.

Mas no meu dia-a-dia posso ir onde bem entender – se quiser vou agora ao Mann's Chinese Theatre (no coração de Hollywood). Ninguém me chateia, pelo contrário. Talvez porque eu tenha feito no cinema alguns caras meio assustadores, meio grilantes, não chegam muito perto de mim. Não sei se as pessoas param Anthony Hopkins a toda hora na rua (*risos*).

Seu personagem em *Jimmy Hollywood* tem um raio de emoções relativamente limitado. Isso exigiu um grau adicional de disciplina de sua parte?

Essa era justamente uma das qualidades que me atraíam. No começo é difícil fazer um papel desses, mas tive Joe Pesci para me ajudar. Ele é um ator incrível, e me lembrava o tempo todo para manter o personagem sempre consistente.

SET

História Intrigante e "Pontas" Decisivas

A hiperviolência de Quentin Tarantino (Cães de Aluguel) *ganha tratamento de história em quadrinhos nas mãos do diretor Tony Scott nesta controvertida fábula de amor. Odiado por muitos em sua estréia americana, por outro lado* Amor à Queima-Roupa *virou um dos filmes mais cult de 1993.*

Usando como trampolim o encontro nada acidental entre duas almas solitárias – o balconista Clarence (Christian Slater) e a aspirante a call-girl Alabama (Patricia Arquette), colocada na vida dele como um presente de aniversário –, Amor à Queima-Roupa *mergulha numa montanha-russa de ação que coloca os protagonistas na mira de um gigolô psicótico (Gary Oldman, adornado por trancinhas rastafari), a Máfia, a polícia de Los Angeles e até a indústria de cinema.*

Inverossímil e constantemente ultra-representado, mesmo assim Amor à Queima-Roupa *seduz e prende a atenção até o (doce) fim, graças a uma história intrigante – Zé Mané resolve lavar a honra da namorada, mata gigolô, por acidente rouba quilos de cocaína da Máfia e chega a Hollywood querendo se dar bem em cima de executivos do cinema chegados ao pó. Têm uma importância fundamental também para o sucesso do filme os papéis pequenos, mas hipnóticos, a cargo de Dennis Hopper (o pai de Clarence), Christopher Walken (o malvadíssimo advogado da Máfia, arrepiante), Brad Pitt (um doidão que passa o dia queimando fumo e vendo TV) e Val Kilmer (o espírito de Elvis Presley, inspiração e conselheiro de Clarence).*

J.E.R.

Gary Oldman em clima rasta

True Romance, EUA, 1993 ■ DIREÇÃO: Tony Scott ■ ROTEIRO: Quentin Tarantino ■ FOTOGRAFIA: Jeffrey Kimball ■ MÚSICA: Hans Zimmer ■ Com Christian Slater, Patricia Arquette, Dennis Hopper, Gary Oldman, Brad Pitt ■ DISTRIBUIÇÃO: Lumiere ■ DURAÇÃO: 116 min.

CHRISTIAN SLATER EM VÍDEO

A LENDA DE BILLIE JEAN
(The Legend of Billie Jean) EUA, 1985. Direção: Matthew Robbins. Com Helen Slater, Keith Gordon, Richard Bradford, Peter Coyote. LK-Tel/Vídeo.
Garota ameaçada por estuprador foge com seus amigos da polícia; acabam virando ídolos adolescentes. A presença de Slater no elenco vem a reboque de sua irmã Helen, protagonista do filme.

MALÍCIA
(Twisted) EUA, 1992. Direção: Adam Holender. Com Lois Smith, Dina Merrill, Tandy Cronyn. Transvídeo.
Garoto (Slater) que idolatra os nazistas e gosta de atormentar os mais fracos encontra um desafio à altura em nova governanta.

O NOME DA ROSA
(The Name of the Rose) Itália/Alemanha/França, 1986. Direção: Jean-Jacques Annaud. Com Sean Connery, Valentina Vargas, Michael Lonsdale, Elya Baskin, F. Murray Abraham. Globo Vídeo.
Nesta adaptação do romance de Umberto Eco, Slater é o discípulo do monge Connery (genial), chamado para investigar um crime – e outros mais que se seguirão – numa abadia, durante a Idade Média.

TUCKER, UM HOMEM E SEU SONHO
(Tucker, the Man and His Dream) EUA, 1988. Direção: Francis Ford Coppola. Com Jeff Bridges, Joan Allen, Martin Landau, Mako, Frederic Forrest. Abril Vídeo.
Slater é o filho que divide com seu pai o sonho de construir um automóvel revolucionário na década de 40, nesta história do visionário Preston Tucker contada com grandeza por Coppola.

POR TRÁS DA LUA
(Personal Choice) EUA, 1989. Direção: David Saperstein. Com Martin Sheen, Robert Foxworth, Sharon Stone, Olivia D'Abo, F. Murray Abraham. Top Tape.
Slater interpreta aqui um rapaz que deseja ser astronauta e se relaciona com ex-integrante do Projeto Apollo.

SKATES – NA PISTA DA MORTE
(Gleaming the Cube) EUA, 1989. Direção: Graeme Clifford. Com Steven Bauer, Richard Herd, Minh Luong, Ed Lauter. F.J. Lucas/Concorde.
Bobagem sobre jovem skatista (Slater) que entra em confusão ao investigar a morte do irmão vietnamita adotivo.

ATRAÇÃO MORTAL
(Heathers/Deadly Attraction) EUA, 1989. Direção: Michael Lehmann. Com Winona Ryder, Penelope Milford, Shannen Doherty. Paris.
Slater é o rapaz rebelde por quem se apaixona Winona Ryder, constantemente atormentada por três amigas chamadas Heather. Auspiciosa estréia na direção de Lehmann, que depois faria *Hudson Hawk*, com Bruce Willis.

UM SOM DIFERENTE
(Pump Up the Volume) EUA, 1990. Direção: Allan Moyle. Com Scott Paulin, Ellen Greene, Samantha Mathis, Annie Ross. LK-Tel/Vídeo.
Estudante passa a se relacionar com jovens inseguros através de rádio pirata instalada em seu quarto.

CONTOS DA ESCURIDÃO
(Tales from the Darkside – The Movie) EUA, 1990. Direção: John Harrison. Com Deborah Harry, Matthew Lawrence, Steve Buscemi, David Johansen. Look.
Ganhador do Festival de Avoriaz de 1991, o filme é uma adaptação de seriado de TV. Garoto conta três histórias a uma canibal na tentativa de adiar o momento em que será devorado. Slater contracena com Buscemi no primeiro conto.

JOVEM DEMAIS PARA MORRER
(Young Guns 2) EUA, 1990. Direção: Geoff Murphy. Com Emilio Estevez, Kiefer Sutherland, Lou Diamond Phillips, James Coburn. Abril Vídeo.
Continuação de *Os Jovens Pistoleiros*. Slater é um dos novos integrantes do grupo liderado por Billy the Kid neste faroeste pop com música-tema de Jon Bon Jovi.

IMPÉRIO DO CRIME
(Mobsters/The Evil Empire) EUA, 1991. Direção: Michael Karbelnikoff. Com Patrick Dempsey, Costas Mandylor, Richard Grieco, F. Murray Abraham. CIC.
Na segunda década do século, quatro jovens unem-se em negócios ilegais, causando tumulto entre as "famílias" mais antigas. Slater faz "Lucky" Luciano, que narra o filme em flashback.

JORNADA NAS ESTRELAS 6 – A TERRA DESCONHECIDA
(Star Trek 6 – The Undiscovered Country) EUA, 1991. Direção: Nicholas Meyer. Com William Shatner, Leonard Nimoy, DeForest Kelley, James Doohan, Nichelle Nichols, Walter Koenig, George Takei, Christopher Plummer. CIC.
Um incidente com o capitão Kirk pode fazer desandar as chances de um acordo de paz com o império Klingon. Slater, fã incondicional do seriado, cavou uma "ponta" no último longa para cinema da série.

ROBIN HOOD – O PRÍNCIPE DOS LADRÕES
(Robin Hood – Prince of Thieves) EUA, 1991. Direção: Kevin Reynolds. Com Kevin Costner, Morgan Freeman, Mary Elizabeth Mastrantonio, Alan Rickman, Sean Connery. Abril Vídeo.
Versão livre, cheia de efeitos especiais, da história clássica. Slater faz o irmão do príncipe dos ladrões, num papel que foi bastante reduzido na montagem final.

UM TIRA POR ACASO
(Kuffs) EUA, 1992. Direção: Bruce Evans. Com Tony Goldwyn, Milla Jovovich. Top Tape.
Slater assume o lugar de seu irmão, um policial morto em ação, e volta e meia pára a fim de conversar com o espectador. O resultado é divertido, sob medida para o público adolescente.

JOVEM PAN 2 - A RADIO

Roupas gentilmente cedidas por Gibson-São Roque

NÃO DÁ PRÁ DESLIGAR

Ultravision Philco-Hitachi 29"

São 29 polegadas de emoção, som estéreo e tela plana: é como se você estivesse dentro do campo, em plena Copa do Mundo, mas com todo o conforto que você só tem dentro de casa. Essa é a sensação de estar em frente a um televisor de 29" da linha Ultravision Philco-Hitachi. Com os recursos que só um aparelho de última geração pode oferecer. A imagem da tela plana tem 550 linhas de resolução. É a imagem real ainda mais real. O som é "surround", o estéreo envolvente, o mais próximo da perfeição. E não pára por aí: ele recebe canais VHF, UHF e por cabo. Tem autodemonstração

e gravação de mensagens na tela, seleção automática do sistema de cores PAL M/ NTSC, segundo idioma e desligamento automático programável. Tudo isso da forma mais simplificada possível: com apenas 5 teclas do controle remoto você pode controlar 22 funções diferentes. Assista aos jogos da Copa num Ultravision Philco-Hitachi 29". Você vai ver que, como em todos os grandes jogos, as jogadas mais emocionantes sempre acontecem dentro da grande área.

PHILCO

TEM COISAS QUE SÓ A PHILCO FAZ PRA VOCÊ.

STEPHEN KING

O ESCRITOR QUE TEM MEDO DO ESCURO

Com mais de trinta adaptações para as telas de cinema e TV, o "mestre do terror" Stephen King passou da pobreza à riqueza em duas décadas – mas continua dormindo com a luz acesa

Stanley Kubrick adicionou mais um cult à sua carreira com *O Iluminado*, enquanto *Carrie – A Estranha* rendeu elogios – e uma bela bilheteria – a Brian De Palma. Foi com *A Hora da Zona Morta* que David Cronenberg conseguiu aceitação por parte daqueles que não engoliam seu cinema psicossomático-patológico, e a diretora Mary Lambert saiu da obscuridade para o sucesso com *O Cemitério Maldito*. Dois pontos altos na filmografia de Rob Reiner são *Conta Comigo* e *Louca Obsessão* – que garantiu a Kathy Bates um Oscar por sua interpretação ensandecida.

O que há em comum entre todos esses diretores? Simples: o escritor Stephen King, cujas obras estão por trás desses sucessos. A popularidade de King chegou ao ponto em que seu nome estampado num cartaz de cinema é garantia de bilheteria. A qualidade do combustível que ele fornece aos diretores passa antes pelo enorme sucesso de seus livros junto ao público: quem gosta desse "mestre moderno do terror", como disse o *New York Times*, vai correndo ver qualquer filme que leve sua grife, independente de quem o tenha dirigido. A qualidade essencialmente visual de seus contos e romances é o que o faz um dos autores mais adaptados e bem-aceitos em Hollywood.

Mas nem tudo foram flores para este atual multimilionário – que colocou cerca de US$ 13 milhões no bolso no ano passado. Nascido em 21 de setembro de 1947 em Portland, Oregon, Stephen Edward King veio de família pobre. O pai, marinheiro, saiu um dia para comprar cigarros e nunca mais voltou. A mãe criou Stephen, então com dois anos, e o irmão David, de quatro. Ainda pequeno, ele descobriu H.P. Lovecraft, Ray Bradbury, histórias em quadrinhos e filmes B de ficção científica – a matéria-prima de sua bagagem literária.

King estudou na Universidade do Maine, graduando-se em inglês no começo dos anos 70. Foi quando ele conheceu a atraente morena Tabitha, colega de faculdade, com quem se casou em 1971. Além de gostarem muito de escrever, eles tinham em comum o fato de serem "pobres como ratos de igreja", como diz King. Como o mercado de professores de inglês estava abarrotado, ele chegou a trabalhar como frentista num posto de gasolina; também passou camisas numa lavanderia industrial a US$ 60 por semana. Com essa graninha, King mal conseguia sustentar os dois filhos pequenos, enquanto a mulher trabalhava como garçonete num Dunkin' Donuts local. Para completar o clima trágico, a paupérrima família vivia num trailer sob o rigor do inverno nas montanhas de Hermon, Maine.

No outono de 1971, King passou a lecionar inglês na Hampden Academy, mas o salário não era muito mais do que ele faturava

Ratna

na lavanderia. Ele chegava todo dia exausto a seu trailer e, com a Olivetti portátil de Tabitha, sentava-se à mesinha das crianças, tentando "martelar alguma prosa". Foi assim que começou a escrever *A Hora do Vampiro* (*Salem's Lot*). King recorda que, "depois de um árduo dia de trabalho, era um alívio entrar naquele minúsculo cômodo, com Tabitha atrás de pilhas de contas a pagar, e me debater com uma horda de vampiros sedentos por sangue".

Escrever não era sua única válvula de escape. Extremamente ansioso, passou a beber e a gastar o que não tinha no pôquer, torrando o dinheiro da comida e quase arruinando seu casamento. Seus romances variavam do sofrível ao passável – ainda que vendesse alguns contos para revistas de pequena circulação como *Cavalier* e *Dude*. Apesar dos parcos 25 anos, a estrada parecia demasiadamente longa e penosa para quem começara a escrever aos doze.

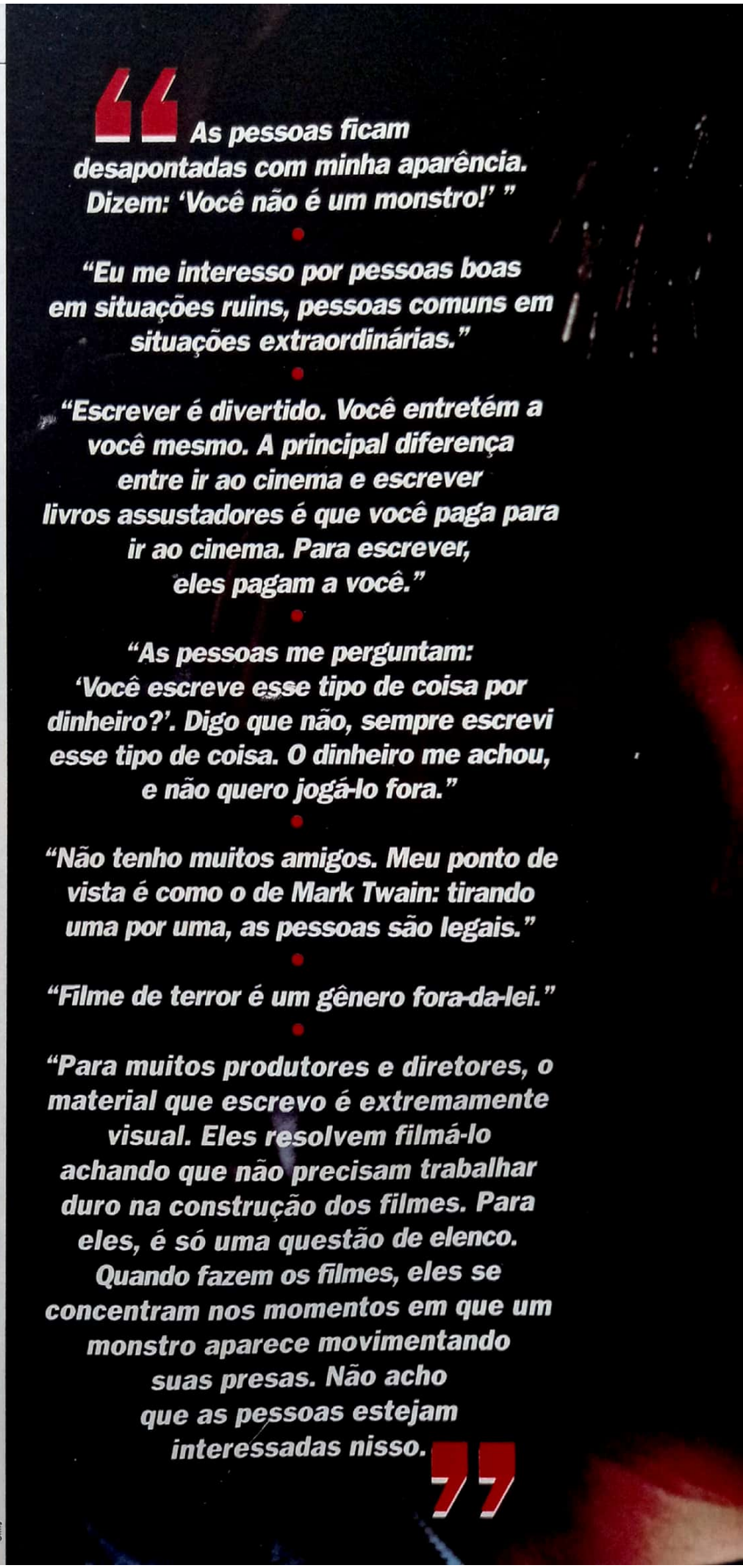
Certo dia, Tabitha resgatou do lixo um romance do marido intitulado *Carrie*. Ela insistiu para que King o reescrevesse e apresentasse a algum editor. Meses depois, King submeteu-o a Bill Thompson, da Doubleday & Company, em Nova York. Em março de 1973, recebeu um adiantamento de US$ 2.500 pela tiragem de 13 mil cópias. Ganhou umas poucas resenhas, mas a crítica do *New York Times* foi decisiva: "O primeiro romance que lhe garante um calafrio". Em seguida, a United Artists quis comprar os direitos para um filme que seria dirigido por Brian De Palma, com Sissy Spacek e John Travolta. O sucesso de público e crítica fez com que a New American Library pagasse a King US$ 400 mil por uma tiragem de 2,5 milhões de cópias do romance em *paperback*. Da miséria ao estrelato, assim começou a carreira meteórica de Stephen King, um dos nomes mais poderosos da lista de best-sellers.

Hoje King vive numa mansão vitoriana de 24 cômodos em Bangor, Maine, com um portão em forma de aranha emoldurado por dois gigantescos morcegos. Continua a martelar 1.500 palavras entre 8h30 e 11h30 todas as manhãs do ano, ao som de AC/DC, Metallica, Anthrax, Judas Priest etc.

Apesar do império criado em torno de seu nome, King, aos 46 anos, leva uma vida simples. Continua casado com Tabitha, com quem teve Naomi, 23, Joe, 21, e Owen, 16. Desnecessário dizer que terror é seu gênero de filme preferido. Uma das coisas que sempre diz é que escreve como escreve porque tem o coração de um garoto. Talvez este seja seu segredo – um adulto que nunca perdeu o medo infantil e que dorme com alguma luz acesa no quarto todas as noites.

Walter de Silva

SET



"As pessoas ficam desapontadas com minha aparência. Dizem: 'Você não é um monstro!' "

"Eu me interesso por pessoas boas em situações ruins, pessoas comuns em situações extraordinárias."

"Escrever é divertido. Você entretém a você mesmo. A principal diferença entre ir ao cinema e escrever livros assustadores é que você paga para ir ao cinema. Para escrever, eles pagam a você."

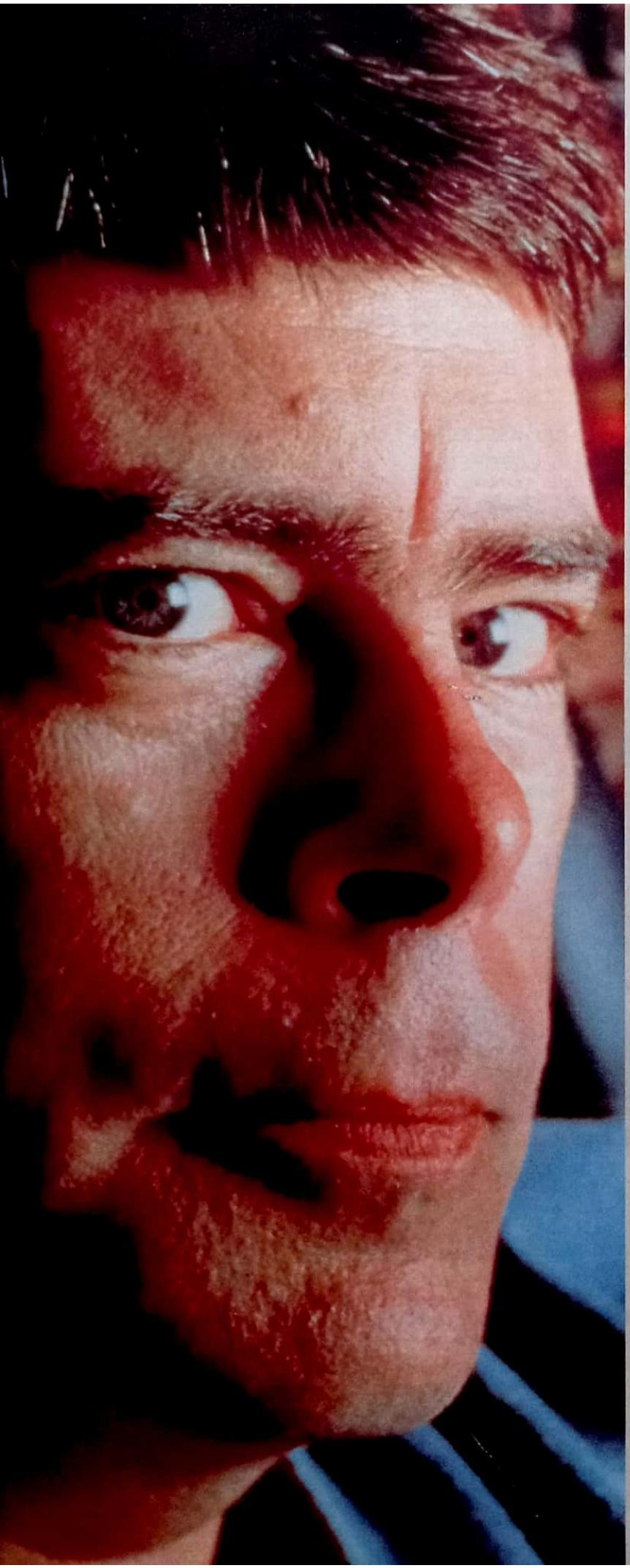
"As pessoas me perguntam: 'Você escreve esse tipo de coisa por dinheiro?'. Digo que não, sempre escrevi esse tipo de coisa. O dinheiro me achou, e não quero jogá-lo fora."

"Não tenho muitos amigos. Meu ponto de vista é como o de Mark Twain: tirando uma por uma, as pessoas são legais."

"Filme de terror é um gênero fora-da-lei."

"Para muitos produtores e diretores, o material que escrevo é extremamente visual. Eles resolvem filmá-lo achando que não precisam trabalhar duro na construção dos filmes. Para eles, é só uma questão de elenco. Quando fazem os filmes, eles se concentram nos momentos em que um monstro aparece movimentando suas presas. Não acho que as pessoas estejam interessadas nisso."

Stills



Os Novos Kings no Brasil

O espectador brasileiro tem três novas chances de tomar contato com Stephen King, através de duas produções para TV, que chegam diretamente em vídeo, e de um lançamento em cinema. Este é Trocas Macabras (Needful Things), *dirigido pelo filho de Charlton Heston, Fraser. Um misterioso antiquário (Max von Sydow, o trunfo do filme) chega a uma cidadezinha e é capaz de escolher a peça certa para cada morador – passando a dominar as atitudes de cada um. O filme tem momentos ótimos, como os ataques entre duas vizinhas inimigas e entre um pastor e um padre. O final, porém, não ousa.*

A produção mais antiga é Jovem Outra Vez (Golden Years), *uma montagem esperta de sete episódios em que uma trama política acoberta uma revolucionária forma de rejuvenescer tecidos orgânicos. É um thriller de perseguição com personagens bem construídos e pitadas de humor. O sobrenatural dos momentos finais, porém, não tem lógica. King, co-produtor, faz uma ponta como um motorista de ônibus.*

Por fim, a Warner promete para o final deste mês, quase simultâneo à exibição na TV americana, o lançamento da ambiciosa minissérie adaptada de A Dança da Morte (The Stand), *um dos livros prediletos de King e de seus fãs. Redução mal montada de suas dez horas originais (estará disponível em duas fitas), esta obra teve supervisão direta do co-produtor King (também em uma ponta). Depois de uma peste que dizima boa parte da população americana, os sobreviventes passam a ter sonhos premonitórios e se agrupam em seguidores do Bem e do Mal. A história de King é apoteótica, mas o clímax do filme fica longe disso. Só a primeira parte, sobre a proliferação da praga, merece atenção.*

Christian Petermann

(Needful Things, EUA, 1993) Direção: Fraser A. Heston. Com Max von Sydow, Ed Harris, Amanda Plummer. Look.

(Golden Years, EUA, 1991) Direção: Kenneth Fink, Allen Coulter, Michael Gornick, Stephen Tolkin. Com Keith Szarabajka, Felicity Huffman, Ed Lauter. Abril Vídeo.

(The Stand, EUA, 1993) Direção: Mick Garris. Com Gary Sinise, Molly Ringwald, Rob Lowe. Warner.

Warner.

Abril Vídeo

TODAS AS ADAPTAÇÕES

As várias histórias de King que chegaram às telas e telinhas

Warner

CARRIE, A ESTRANHA
(Carrie, EUA, 1976) Direção: Brian DePalma. Com Sissy Spacek, Piper Laurie. 97 min. Warner.
A primeira adaptação de um romance de King está entre as melhores graças ao maneirismo do diretor, adequado à história da adolescente com poderes telecinéticos perturbada pela mãe repressora. King acha que o filme tem estilo.

SALEM'S LOT: THE MOVIE
(EUA, 1979) Direção: Tobe Hooper. Com David Soul, James Mason. 112 min.
Inédita no Brasil, esta é uma versão reduzida e bem mais violenta do telefilme. Ótima modernização do mito do vampiro, com uma criatura inspirada no Nosferatu de Murnau. A continuação, *O Retorno a Salem's Lot* (87, Warner), nada tem a ver com King.

O ILUMINADO
(The Shining, EUA, 1980) Direção: Stanley Kubrick. Com Jack Nicholson, Shelley Duvall. 142 min. Warner.
A direção de Kubrick tem suas qualidades mas desperdiça boas idéias do romance, como o labirinto com criaturas no jardim do hotel. King acha esta versão fria e intelectualizada.

CREEPSHOW
(EUA, 1982) Direção: George A. Romero. Com Hal Holbrook, Adrienne Barbeau. 120 min. Look.
Cinco contos saborosos, com Romero conduzindo as tramas como uma homenagem aos quadrinhos de terror dos anos 50. King faz uma ponta como um jardineiro na segunda história e participou ativamente da produção.

CHRISTINE – O CARRO ASSASSINO
(Christine, EUA, 1983) Direção: John Carpenter. Com Keith Gordon, John Stockwell. 106 min. LK-Tel/Vídeo.
Apesar dos efeitos especiais corretos, falta convicção à história de um carro-fêmea que se apaixona pelo dono, mata seus inimigos e toca apenas rockinhos do final dos anos 50. Para King, o filme tem muita "energia visual"

CUJO
(EUA, 1983) Direção: Lewis Teague. Com Dee Wallace, Danny Pintauro. 91 min. Mundial.
Trama modesta que elimina os elementos sobrenaturais e se reduz ao assédio de um cão raivoso contra uma mãe e seu filho asmático. Não vai longe. Curiosamente, King gosta desta versão.

VTI

A HORA DA ZONA MORTA
(The Dead Zone, EUA, 1983) Direção: David Cronenberg. Com Christopher Walken, Martin Sheen. 101 min. VTI.
Adaptação sóbria e também um dos filmes mais controlados de Cronenberg (*A Mosca*). É um thriller político de tonalidades sobrenaturais, que conta em clima de pesadelo a história de professor que sai de um coma de cinco anos com a capacidade de antever o futuro.

CHAMAS DA VINGANÇA
(Firestarter, EUA, 1984) Direção: Mark L. Lester. Com Drew Barrymore, David Keith, George C. Scott. 115 min. VTI.
Elenco excelente e muitos efeitos especiais em adaptação chocha de romance sobre tema caro ao autor – as experimentações governamentais abalando as leis da natureza.

VTI

A COLHEITA MALDITA
(Children of the Corn, EUA, 1984) Direção: Fritz Kiersch. Com Peter Horton, Linda Hamilton. 93 min. VTI.
Casal vai parar em cidade dominada por crianças ligadas a culto satânico. Bobagem. A continuação, *Os Filhos do Mal 2 – O Sacrifício Final* (América, 93), não tem nada a ver.

CONTOS DA ESCURIDÃO 2
(Tales from the Darkside, EUA, 1985) Direção: Michael Gornick. 105 min. Vídeo Arte.
Coletânea de cinco curtas integrantes da telessérie homônima, inédita aqui. Só o primeiro parte de um conto de King, sobre computador que deleta na vida real tudo que é ordenado em sua tela. Bem legal.

A HORA DO LOBISOMEM
(Silver Bullet, EUA, 1985) Direção: Daniel Attias. Com Corey Haim, Gary Busey. 95 min. América.
Muita violência e bons efeitos especiais. Acompanha as investigações de um garoto paralítico, que descobre que os assassinatos em sua cidadezinha são cometidos por um lobisomem.

OLHOS DE GATO
(Cat's Eye, EUA, 1985) Direção: Lewis Teague. Com Drew Barrymore, James Woods. 93 min. Jovem Pan.
Um gato interliga as três histórias. A melhor é a primeira, na qual Woods se inscreve numa estranha organização que promete fazer fumantes deixarem o vício.

THE TWILIGHT ZONE – GRAMMA
(EUA, 1985) Direção: Bradford May. Com Barrett Oliver. 19 min.
Elogiada adaptação, inédita no Brasil, de um conto de King. Realizada para a segunda versão da clássica telessérie *Além da Imaginação*, que nasceu depois do longa *No Limite da Realidade* (84).

COMBOIO DO TERROR
(Maximum Overdrive, EUA, 1986) Direção: Stephen King. Com Emilio Estevez, Pat Hingle. 97 min. Tec Home.
Péssima estréia na direção de King, que acompanha o terror de usuários e funcionários de um posto de gasolina com a revolta de caminhões e eletrodomésticos.

CREEPSHOW – SHOW DE HORRORES

Hipervídeo.

(Creepshow 2, EUA, 1987) Direção: Michael Gornick. Com George Kennedy, Dorothy Lamour. 89 min. Hipervídeo.
George A. Romero roteirizou três contos de King. A produção é paupérrima e as histórias não têm imaginação. King, que faz uma ponta como um caminhoneiro, diz que merece pelo menos uma olhada em *fast forward*. É muita bondade!

CONTOS DA ESCURIDÃO
(Tales from the Darkside – The Movie, EUA, 1990) Direção: John Harrison. Com Buster Poindexter, William Hickey. 93 min. Look.
Reunião de três contos de autores diversos que remete à telessérie dos anos 80. King é o autor da segunda história – a mais fraca –, sobre um gato demoníaco que atazana a vida de seu dono.

A CRIATURA DO CEMITÉRIO
(Graveyard Shift, EUA, 1990) Direção: Ralph S. Singleton. Com David Andrews, Brad Dourif. 87 min. LK-Tel/Vídeo.
Uma das piores adaptações já feitas. Apesar de começar bem, com um clima fétido e sombrio, transforma-se logo numa bobagem com efeitos fracos. Fala do desaparecimento de trabalhadores num moinho infestado de ratos.

IT
(EUA, 1990) Direção: Tommy Lee Wallace. Com Richard Thomas, Annette O'Toole, Tim Curry. 158 min. Warner.
Magnífico telefilme sobre grupo de amigos que se reúne após trinta anos para enfrentar um estranho palhaço assassino. Muita tensão e angústia com ótimos flashbacks e uma brilhante caracterização de Curry (o demônio de *A Lenda*) como o palhaço. O final, porém, é uma droga.

LK-Tel

CONTA COMIGO
(Stand by Me, EUA, 1986) Direção: Rob Reiner. Com Wil Wheaton, River Phoenix, Corey Feldman. 87 min. LK-Tel/Vídeo.
Baseado num conto autobiográfico de King, é sua narrativa mais atípica. Quatro adolescentes decidem encontrar o cadáver de um jovem. Narrado por Richard Dreyfuss, que faz as vezes de Wheaton adulto e é o alter ego de King. A cidade em que se passa a história chama-se Castle Rock, que viria a ser o nome da produtora do diretor Reiner.

NIGHT SHIFT COLLECTION
(EUA, 1986) Direção: Frank Darabont, Jeff Schiro.
Lançamento de vídeo inédito no Brasil, que reúne dois curtas realizados para a TV: *The Woman in the Room*, sobre a dúvida de um filho se deve ou não terminar com a vida de sua mãe doente, e *The Boogeyman*, sobre um pai suspeito de matar seus filhos.

O SOBREVIVENTE
(The Running Man, EUA, 1987) Direção: Paul Michael Glaser. Com Arnold Schwarzenegger, Yaphet Kotto. 100 min. Transvídeo.
Baseado em romance que King publicou com o pseudônimo Richard Bachman, é uma agitada fantasia futurista – com direção de arte para lá de kitsch – sobre prisioneiros que conquistam a liberdade caso sobrevivam a um jogo mortal transmitido em rede nacional pela TV.

O CEMITÉRIO MALDITO
(Pet Sematary, EUA, 1989) Direção: Mary Lambert. Com Dale Midkiff, Fred Gwynne. 103 min. CIC.
King escreveu o roteiro e faz uma ponta como um padre. Filme incômodo em sua morbidez e realizado de forma suja e sombria. Já a continuação (de 92, CIC) é uma aberração que nada tem a ver com King.

Mundial

LOUCA OBSESSÃO
(Misery, EUA, 1990) Direção: Rob Reiner. Com James Caan, Kathy Bates. 107 min. Mundial.
Reiner revisita o universo de King em mais uma história pé-no-chão, sem delírios sobrenaturais. Bates levou o Oscar como a fã de um escritor à King (Caan) que aprisiona seu ídolo em sua casa isolada quando este decide "matar" a heroína de uma série de livros de sucesso. Duelo de atores com extrema tensão física.

ÀS VEZES ELES VOLTAM

(Sometimes They Come Back, EUA, 1991) Direção: Tom McLoughlin. Com Tim Matheson, Brooke Adams. 95 min. Top Tape.
Telefilme exibido em nossos cinemas. Versão correta e tímida. Professor retorna à cidade natal e enfrenta fantasmas do passado ligados ao assassinato do irmão. Sugere uma convivência quase pacífica de mortos-vivos na sociedade local.

Look

O PASSAGEIRO DO FUTURO

(The Lawnmower Man, EUA, 1992) Direção: Brett Leonard. Com Jeff Fahey, Pierce Brosnan, Jenny Wright. 106 min. Look.
Este filme só ficou famoso por recriar imagens de realidade virtual, deixando o público com água na boca por se tratar de uma obra em apenas duas dimensões. Quanto à história, o resultado é infame. King tomou conhecimento de sua realização apenas quando esta já estava para ser lançada.

SONÂMBULOS

(Sleepwalkers, EUA, 1992) Direção: Mick Garris. Com Brian Krause, Mädchen Amick, Alice Krige. 91 min. LK-Tel/Vídeo.
Primeiro roteiro de King escrito originalmente para o cinema. É meio confuso, mas a direção extrai um melancólico clima de sensualidade desta trama sobre uma espécie em extinção odiada pelos gatos. A música "Boadicea", de Enya, é a cara do filme. Pontas de Joe Dante, John Landis, Clive Barker, Tobe Hooper e do próprio King, como o guarda do cemitério.

TOMMYKNOCKERS – TRANQUEM SUAS PORTAS

(The Tommyknockers, EUA, 1993) Direção: John Power. Com Jimmy Smits, Marg Helgenberger, Traci Lords. 120 min. Warner.
Telefilme que se arrasta num palavrório inacreditável, em efeitos pobres e na falta de suspense. Algo está muito errado quando a melhor coisa é a presença da ex-atriz pornô Traci Lords como uma vilã sarcástica.

Christian Petermann

A METADE NEGRA

(The Dark Half, EUA, 1993) Direção: George A. Romero. Com Timothy Hutton, Amy Madigan, Michael Rooker. 122 min.
Após onze anos, Romero volta a dirigir uma adaptação de King, cuja trama fala de um escritor que cria um pseudônimo para obter sucesso e que, ao decidir eliminá-lo, dá origem a um duplo sangüinário. O roteiro tem paralelos com a carreira de King. A LK-Tel/Vídeo promete o lançamento para julho.

KING EM LIVRO

- **Carrie** (1974, inédito no Brasil)
- **A Hora do Vampiro** (*Salem's Lot*, 1975)
- **O Iluminado** (*The Shining*, 1977)
- **A Dança da Morte** (*The Stand*, 1978)
- **A Zona Morta** (*The Dead Zone*, 1979)
- **A Incendiária** (*Firestarter*, 1980)
- **Dança Macabra** (*Danse Macabre*, 1981)
- **Cão Raivoso** (*Cujo*, 1981)
- **Christine** (1983)
- **O Cemitério** (*Pet Sematary*, 1983)
- **O Talismã** (*The Talisman*, 1984, em conjunto com Peter Straub)
- **A Hora do Lobisomem** (*Cycle of the Werewolf*, 1985)
- **A Coisa** (*It*, 1986)
- **Os Olhos do Dragão** (*The Eyes of the Dragon*, 1987)
- **Angústia** (*Misery*, 1987)
- **Os Estranhos** (*The Tommyknockers*, 1987)
- **A Metade Negra** (*The Dark Half*, 1989)
- **Trocas Macabras** (*Needful Things*, 1991)
- **Gerald's Game** (1992, inédito no Brasil)
- **Dolores Clairborne** (1992, inédito no Brasil)
- **The Dark Tower** (1994, inédito no Brasil)

COLETÂNEAS DE CONTOS

- **Sombras da Noite** (*Night Shift*, 1976/1978)
- **A Maldição do Cigano** (*Thinner*, 1984)
- **Quatro Estações** (*Different Seasons*, 1984)
- **Tripulação de Esqueletos** (*Skeleton Crew*, 1985)
- **Os Livros de Bachman** (*The Bachman Books*, 1977/1985)
- **Depois da Meia-Noite** (*Four Past Midnight*, 1990)

SOBRE O AUTOR

- **Dissecando Stephen King** (*Bare Bones: Conversations on Terror with Stephen King*, de Tim Underwood e Chuck Miller, 1988)

Obs.: Todas as obras publicadas no Brasil foram editadas pela Livraria Francisco Alves Editora, à exceção de *O Iluminado*, *A Hora do Vampiro*, *A Incendiária*, *Cão Raivoso* e *A Zona Morta*, que saíram pela Record, e de *A Dança da Morte*, pela Bertrand Brasil.

Viagem, natureza, ecologia.

EDITORA AZUL

NAS BANCAS

CORRA QUE A POLÍCIA VEM AÍ 33 1/3 – O INSULTO FINAL

Com roteiro enxuto e esperto, o terceiro filme da série provoca um arrastão de gargalhadas

Quando Jim Abrahams e os irmãos Jerry e David Zucker dirigiram *Apertem os Cintos, o Piloto Sumiu*, no começo dos anos 80, provavelmente não sabiam que estavam criando um gênero de filme cômico que seria repetido à exaustão (principalmente por eles próprios). O novo gênero juntava paródias de filmes famosos, humor pastelão e personagens imbecis. Era uma mistura do humor satírico de Mel Brooks com a anarquia da revista *Mad*.

Em quinze anos, os três amigos esculhambaram quase todos os gêneros cinematográficos: *Top Secret* fez James Bond de palhaço; *Apertem os Cintos* parodiou os filmes-catástrofe, e *Top Gang* tirou um sarro de *Top Gun*. De todos esses filmes, apenas um personagem ficou famoso: Frank Drebin, o idiota chefe de polícia de *Corra que a Polícia Vem Aí* (*Naked Gun*), interpretado por Leslie Nielsen.

Agora chega aos cinemas a terceira parte da saga de Drebin, *Corra que a Polícia Vem Aí 33 1/3*, dirigido pelo novato Peter Segal e produzido por David Zucker. Só para variar, a história do filme é de uma cretinice absoluta: Drebin está curtindo sua merecida aposentadoria ao lado da mulher (Priscilla Presley) quando é chamado por seus dois ex-companheiros da polícia (George Kennedy e O.J. Simpson) para voltar à ativa e ajudar na captura de um perigoso terrorista (Fred Ward) que ameaça explodir a cerimônia de entrega do Oscar. Durante os pouco mais de 80 minutos de filme, notam-se citações a *Os Intocáveis*, *Máquina Mortífera*, *Traídos pelo Desejo*, *Dança com Lobos* e filmes de prisão como *Fuga de Alcatraz*.

O Insulto Final desafia os céticos que decretaram a falência da "escola ZAZ – Zucker, Abrahams e Zucker", depois do insosso *Hot Shots* e prova que o nonsense ainda é um bom caminho para provocar gargalhadas na platéia. O roteiro deste novo filme é enxuto e esperto. Piadas e gagues visuais são arremessadas na tela em sucessão tão rápida que, enquanto você está rindo de uma coisa, outra estupidez já está acontecendo. Lembra realmente a revista *Mad*, que exigia atenção redobrada de seus leitores para não deixar escapar nenhum dos desenhos escondidos nos cantos das páginas. Se você desviar sua atenção da tela por alguns segundos, com certeza vai perder alguma frase estúpida ou alguém levando um tombo no canto da tela.

Em uma das seqüências mais engraçadas do filme, Frank Drebin penetra na cerimônia de entrega do Oscar e acaba com a festa. Ele cai de uma escada em cima da cabeça de Raquel Welch (que, junto a atores como James Earl Jones e Olympia Dukakis, faz uma aparição especial no filme) e arrasa um número musical com Pia Zadora.

Se você está querendo divertimento com conteúdo, esqueça. *Corra que a Polícia Vem Aí* é um filme descerebrado para platéias descerebradas, ou que pelo menos aceitem de bom grado serem lobotomizadas por uma hora e meia. Felizmente ainda existem pessoas assim neste planeta cada vez mais carrancudo, o que explica seu sucesso de bilheteria. Longa vida a Frank Drebin.

André Barcinski

Naked Gun 33 1/3 – The Final Insult, EUA, 1994 ■ DIREÇÃO: Peter Segal ■ ROTEIRO: Pat Proft, David Zucker, LoCash ■ FOTOGRAFIA: Robert Stevens ■ MÚSICA: Ira Newborn ■ Com Leslie Nielsen, Priscilla Presley, George Kennedy, O. J. Simpson, Fred Ward ■ DISTRIBUIÇÃO: UIP ■ DURAÇÃO: 82 min.

UIP

O idiota chefe de polícia Leslie Nielsen e a mulher Priscilla Presley conseguem ser ainda mais engraçados

Quinze quilos mais magro, Paulo Betti emociona com sua interpretação como o militar Carlos Lamarca

LAMARCA

Sérgio Rezende resgata sem maniqueísmos a imagem do revolucionário capitão Carlos Lamarca

Filho de sapateiro, o capitão Carlos Lamarca teve uma carreira brilhante no Exército. Enviado em 1956 para o Canal de Suez integrando as Forças das Nações Unidas, ele sofreria forte impacto com a situação dos árabes da região que, apesar da riqueza do petróleo, viviam na miséria. De volta ao Brasil, novamente se abalaria com os rumos tomados pelo país após o golpe de 1964.

Gradativamente, ele foi se afastando dos ideais das Forças Armadas e aproximando-se dos grupos de esquerda. "Eu sempre quis ser soldado e nunca vou deixar de ser. Mas mudo de exército se o nosso passar para o lado dos exploradores", afirma para o pai ao regressar de Suez. De 1960, quando desertou do Exército brasileiro para aderir à luta armada, até 1971, ao ser morto pelos militares no sul da Bahia, o capitão Carlos Lamarca tornou-se uma lenda nacional.

Lamarca, o belo filme de Sérgio Rezende, tem o mérito de resgatar, sem maniqueísmo, a figura deste homem que – como toda uma geração – errou talvez em quase todos os detalhes de sua empreitada, mas acertou no sonho essencial de buscar um mundo melhor.

No papel de Lamarca, Paulo Betti realiza talvez uma das mais dignas e comoventes interpretações do cinema brasileiro. Um personagem fascinante e forte como o do capitão pode significar uma grande oportunidade, mas também uma tentação para o *overacting*. Betti, ao contrário, coloca-se quase que humilde diante de seu personagem e torna-se grandioso.

As grandes ações estão presentes no filme apenas para compor a evolução do personagem – como o assalto ao cofre do governador Adhemar de Barros ou a incrível retirada dos guerrilheiros cercados pelo Exército no Vale do Ribeira, em São Paulo –, e aparecem como rápidos flashbacks.

O roteiro de Sérgio Rezende e Alfredo Oróz (falecido no ano passado), uma livre adaptação do livro *Lamarca, o Capitão da Guerrilha*, de Emiliano José e Oldack Miranda, consegue apreender toda a complexidade daqueles tempos. Sob a direção segura de Rezende, que rejeita o apelo fácil e os excessos óbvios, tudo está no filme sem ser caricaturizado: desde a ingenuidade política de Lamarca até o imediatismo e voluntarismo dos militantes que julgavam ser possível "fazer a revolução" a curto prazo.

Sérgio tem controle absoluto sobre a vasta galeria de personagens, em que se destacam também o trabalho de Carla Camuratti, José de Abreu e dos estreantes Ernani Moraes e Eliezer de Almeida. A direção de arte e os figurinos reconstituem com precisão e harmonia os anos 60/70. Destaque para a belíssima música de David Tygel e a fotografia de Antonio Luiz Soares.

Lamarca mostra uma saga latino-americana que deve ser recuperada e repensada. Mas, sobretudo, trata-se de um belo filme – é de longe o melhor e mais maduro trabalho de Sérgio Rezende.

Helena Salem

Lamarca, Brasil, 1994 ■ DIREÇÃO: Sérgio Rezende ■ ROTEIRO: Sérgio Rezende e Alfredo Oróz ■ FOTOGRAFIA: Antonio Luiz Mendes ■ MÚSICA: David Tygel ■ FIGURINOS: Rita Murtinho ■ CENOGRAFIA: Vera Hamburguer ■ MONTAGEM: Isabelle Rathery ■ Com Paulo Betti, Carla Camuratti, José de Abreu, Deborah Evelyn, Eleizer de Almeida, Ernani Moraes, Carlos Zara ■ DISTRIBUIÇÃO: Riofilme ■ DURAÇÃO: 130 min.

GILBERT GRAPE – APRENDIZ DE SONHADOR

Leonardo DiCaprio mostra seu talento no papel de deficiente mental

Talvez fosse preciso o toque sutil e poético do diretor sueco Lasse Hallstrom para fazer acertadamente *What's Eating Gilbert Grape?*, o retrato de um ano na vida de Gilbert (Johnny Depp), rapaz aprisionado na modorrenta vidinha de uma microcidade americana e assoberbado pelas responsabilidades que tem para com sua grande família, das quais a mais importante é cuidar do irmão caçula e deficiente mental, Arnie (Leonardo DiCaprio).

Um diretor americano possivelmente teria conduzido o filme com mão pesada, cambando para o dramalhão. Mas Lasse nos apresenta com delicadeza, carinho e humanidade o mundo de Gilbert – a mãe obesa e monstruosa, mas imensamente amorosa; a madame adúltera com quem tem um caso; a forasteira (Juliette Lewis), que chega à cidade apenas por um verão e vira o coração (e a vida) de Gilbert pelo avesso.

O jovem DiCaprio se revela um ator com potencial para o primeiro escalão

Não será difícil compreender por que Leonardo DiCaprio foi indicado para o Oscar por seu Arnie. O trabalho do jovem ator aqui pode ser comparado ao de Robert De Niro em *Tempo de Despertar* e ao de Dustin Hoffman em *Rain Man*: ele não apenas incorpora os maneirismos de uma pessoa com sérios problemas neurológicos, como também faz o público acreditar piamente que está diante não de um ator representando um papel, mas de um jovem deficiente que, apesar de suas limitações, é capaz de atuar num filme.

José Emilio Rondeau

What's Eating Gilbert Grape?, EUA, 1993 ■ DIREÇÃO: Lasse Hallstrom ■ ROTEIRO: Peter Hedges, a partir de seu romance homônimo ■ FOTOGRAFIA: Sven Nykviar ■ MÚSICA: Alan Parker ■ Com Johnny Depp, Juliette Lewis, Mary Steenburgen, Leonardo DiCaprio, Darlene Cates, Laura Harrington, Mary Kate Schellhardt ■ DISTRIBUIÇÃO: Flashstar ■ DURAÇÃO: 118 min.

Flashstar

Geena Davis incorpora Angie

ANGIE

Veículo para Geena Davis resulta em dramalhão mexicano mal conduzido

Angie é o que se convencionou chamar *star vehicle*: uma passarela para a estrela do filme desfilar todo o raio de alcance de seu talento, alternando cenas dramáticas, cômicas, de suspense e ação que emolduram suas habilidades em toda sua extensão.

Neste caso, *Angie* é o que de melhor poderia acontecer a Geena Davis a esta altura de sua carreira. Como a personagem-título, Geena tem a maior parte das cenas do filme para brilhar sozinha. Infelizmente, o público se diverte – ou se satisfaz – bem menos que ela.

É quase inacreditável constatar que a diretora Martha Coolidge (a mesma do excelente *As Noites de Rose*) conduza a história de uma jovem mulher indecisa entre sua independência, o amor e a maternidade como se fizesse um dramalhão mexicano. Martha abusa do melodrama, especialmente quando vai se aproximando do final. O discurso de Angie para o filho, na tentativa de salvar a vida da criança – enfraquecida e confinada a uma incubadeira – é um momento especialmente embaraçoso. O consolo é enfiar na cabeça a idéia de que, com Madonna – a escolha inicial para ser a protagonista –, tudo poderia ter sido muito pior.

José Emilio Rondeau

Angie, EUA, 1994 ■ DIREÇÃO: Martha Coolidge ■ ROTEIRO: Todd Graff, a partir do romance *Angie, I Says*, de Avra Wing ■ FOTOGRAFIA: Johnny E. Jensen ■ MÚSICA: Jerry Goldsmith ■ Com Geena Davis, Stephen Rea, James Gandolfini, Aida Turturro, Philip Bosco, Betty Midler ■ DISTRIBUIÇÃO: Columbia TriStar ■ DURAÇÃO: 97 min.

DOIS VELHOS RABUGENTOS

Atores veteranos se reencontram em comédia despretensiosa

Dois Velhos Rabugentos foi um dos sucessos mais inesperados da temporada passada nos Estados Unidos. A própria produtora, Warner, não acreditava no potencial desta comédia, tanto que nem investiu muito em divulgação. Mesmo assim o filme estourou. Até o final de março havia rendido quase US$ 70 milhões, mais do que *O Último Grande Herói*. Os fãs, no entanto, pareciam estar ansiosos por um reencontro dos astros Jack Lemmon e Walter Matthau, que não trabalhavam juntos há mais de uma década.

A única explicação é o carisma de Lemmon e Matthau. A dupla de sucessos como *A Primeira Página* atraiu para o cinema uma platéia mais velha, cansada da fascinação hollywoodiana pelos jovens e que hoje não tem muitas opções no cinema a não ser os filmes de Merchant e Ivory (*Vestígios do Dia*). Mesmo estando longe de ser um dos melhores trabalhos de Lemmon ou Matthau, o filme foi uma bênção para os fãs da velha escola de comédia, saudosos de Jerry Lewis e Tony Curtis.

A história se passa no friorento Estado de Minnesota, onde neva durante dez dos doze meses do ano. Lemmon e Matthau interpretam dois vizinhos que só têm duas diversões na vida: pescar e atazanar um ao outro. Até que uma coroa enxuta (Ann-Margret) se muda para o bairro e eles descobrem uma nova razão para viver: conquistar o coração da senhora.

Lemmon e Matthau são tão bons que transformaram um roteiro banal em um filme assistível. Alguns diálogos são realmente engraçados. *Dois Velhos Rabugentos* não será lembrado como um dos destaques da carreira de nenhum dos atores, mas pelo menos serviu para juntar de novo uma das duplas cômicas mais bem-sucedidas do cinema. Uma dica: assista aos créditos até o final para não perder a cena mais engraçada de todo o filme.

A. B.

Grumpy Old Men, EUA, 1993 ■ DIREÇÃO: Donald Petrie ■ ROTEIRO: Mark Steven Johnson ■ FOTOGRAFIA: Johnny E. Jensen ■ MÚSICA: Alan Silvestri ■ Com Jack Lemmon, Walter Matthau, Ann-Margret, Burgess Meredith, Daryl Hannah ■ DISTRIBUIÇÃO: Warner ■ DURAÇÃO: 104 min.

ADORO HOMENS DE UNIFORME

Diretor canadense faz estudo instigante sobre a inadequação à realidade

"O que aconteceria se um cidadão comum saísse às ruas vestido de policial?" A partir dessa indagação, o diretor/roteirista David Wellington criou a trama de *Adoro Homens de Uniforme*. A premissa é instigante e sua realização, bastante convincente.

Tom McCamus interpreta Henry Adler, um caixa de banco aspirante a ator. Vive de forma solitária e um tanto isolada do mundo externo. Seu único parente é um pai enfermo, e seus valores morais são rígidos e absolutos. Para ele, o mundo, em franca decadência, deve ser governado pelo branco e pelo preto, pelo certo e pelo errado. Demora a perceber que a realidade não se adequa a essa radicalidade opinativa. Sua grande chance surge ao ser contratado para viver um policial numa telessérie baseada em fatos reais, *Crimewave*. Para melhor compreender o personagem, ele passa a andar pelas ruas vestido com seu uniforme.

O filme é um estudo psicológico do personagem e de sua inadequação ao universo concreto, desenvolvido pelo diretor em ritmo de thriller, pois sugere que, com a sucessão de fatos trágicos em sua vida, Henry não consegue mais discernir a fantasia da realidade. Este é o único calcanhar de Aquiles do filme: de certa forma, o perfil do personagem acaba um tanto reduzido ao conduzi-lo pela trilha da loucura.

Apesar de o título sugerir uma trama apoiada no fetiche, o diretor Wellington em nenhum momento recorre ao estereótipo do poder viril impresso no uniforme preto ou no cacetete. A armadura que o uniforme representa é mais um disfarce que tenta adaptar um ser humano ingênuo e literalmente "básico" a um cotidiano de esgoto, a uma urbe devastada pela violência. A câmera, em todos os momentos, trabalha o ponto de vista do personagem. O espectador, incomodado, agradece.

Christian Petermann

I Love a Man in Uniform, Canadá, 1993 ■ DIREÇÃO E ROTEIRO: David Wellington ■ FOTOGRAFIA: David Franco ■ MÚSICA: Ron Sures e The Tragically Hip ■ Com Tom McCamus, Brigitte Bako, David Hemble ■ DISTRIBUIÇÃO: Look Filmes ■ DURAÇÃO: 99 min.

Look Filmes

McCamus: dos palcos para a tela

Warner

Lemmon e Matthau fazem sucesso de bilheteria como nos velhos tempos

O DESPERTAR PARA A VIDA

História de deficientes acerta por não ser complacente

Pagar um ingresso para ver um filme sobre pacientes paraplégicos pode não parecer um programa dos mais animadores – ainda mais com um nome como *O Despertar para a Vida*, que parece sugerir que a deficiência física tem a função "existencial" de levar ao autoconhecimento. Errado. Em nenhum momento o filme insinua que a situação dos pacientes confinados a um centro de reabilitação seja algo menos do que dolorosa. E aí está a grande qualidade de *Waterdance* (o título original, que também não explica muita coisa): a total ausência de autopiedade e o tratamento inusitado e franco de tabus como a vida sexual de um deficiente.

Baseado na experiência pessoal do co-diretor Neal Jimenez, o filme narra o processo de adaptação do jovem escritor Joe (Eric Stoltz) às dificuldades impostas por um acidente que o deixa sem movimentos da cintura para baixo. A princípio alheio à sua condição e mais preocupado com os rumos que deve tomar seu romance com Anna (Helen Hunt, ótima), uma mulher casada em dúvida sobre deixar ou não o marido, Joe se vê pouco a pouco obrigado a encarar os fatos: está emocionalmente abalado e numa situação de dependência.

Pena que o contraponto dramático do filme seja um tanto previsível: a hostilidade entre os companheiros de enfermaria, especialmente Bloss (William Forsythe), um motoqueiro que tem delírios sobre processar o motorista do carro com o qual colidiu (quando ele próprio estava bêbado), e Raymond Hill (Wesley Snipes, em sua fase pré-estrelato), que compensa seu afastamento da mulher e filha recordando peripécias amorosas. É claro que essa animosidade irá se converter em algo bem próximo à solidariedade à medida que os três encontram um terreno comum entre eles. Mas não é um "truque" que chegue a prejudicar mortalmente este filme honesto, valorizado por boas interpretações e que em momento algum cede à tentação de recorrer às lágrimas para conquistar o espectador.

Isabela Boscov

Waterdance, EUA, 1991 ■ DIREÇÃO: Neal Jimenez e Michael Steinberg ■ ROTEIRO: Neal Jimenez ■ FOTOGRAFIA: Mark Plummer ■ MÚSICA: Michael Convertino ■ Com Eric Stoltz, Helen Hunt, Wesley Sinpes, William Forsythe, Elizabeth Peña, William Allen Young ■ DITRIBUIÇÃO: Pandora ■ DURAÇÃO: 107 min.

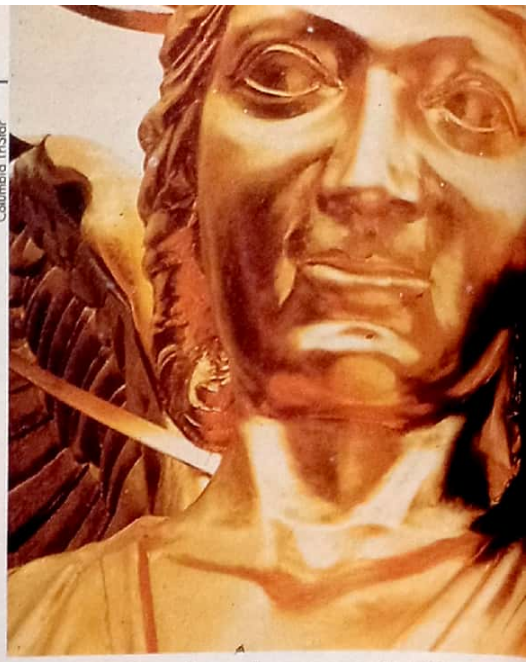
Pandora

Forsythe, Stoltz e Snipes encontram um caminho para a solidariedade

TÃO LONGE, TÃO PERTO

O anjo Otto de *Asas do Desejo* desce à Terra e desencanta a platéia

Wim Wenders já foi chamado de Senhor Cinema. O diretor mais cult dos anos 80 graças a *Paris, Texas* e *Asas do Desejo* desmorona nos 90. Quando foi que ele desaprendeu a filmar? Difícil precisar a data, mas *Até o Fim do Mundo* é um porre, um *road movie* que fracassa como ficção científica e também não possui encanto como discurso sobre o significado das imagens no mundo moderno. Quem pensou que era o ponto mais baixo a que ele poderia chegar enganou-se. *Tão Longe, Tão Perto* é pior.



Columbia TriStar

Wim Wenders transforma o anjo Otto em

Como outros diretores em crise, Wenders achou que o caminho do sucesso deveria passar pela continuação de um de seus clássicos. Pegou *Asas do Desejo*. O começo promete: uma tomada vertiginosa nos céus de Berlim, culminando no alto do pedestal em que está o anjo Otto Sander. Ele desce à Terra e o que se segue é uma história sem pé nem cabeça sobre amores difíceis e sentimentos desencontrados.

A tragédia do anjo é se fazer mortal, inscrevendo-se no tempo. Isso acontece na cena mais bonita, quando se sacrifica para salvar uma criança da morte. Wenders apegou-se ao prêmio do Júri de Cannes /93 para salvar as aparências. Para ele, é prova de que ainda está em forma. Para quem não se deixa iludir, é motivo de constrangimento.

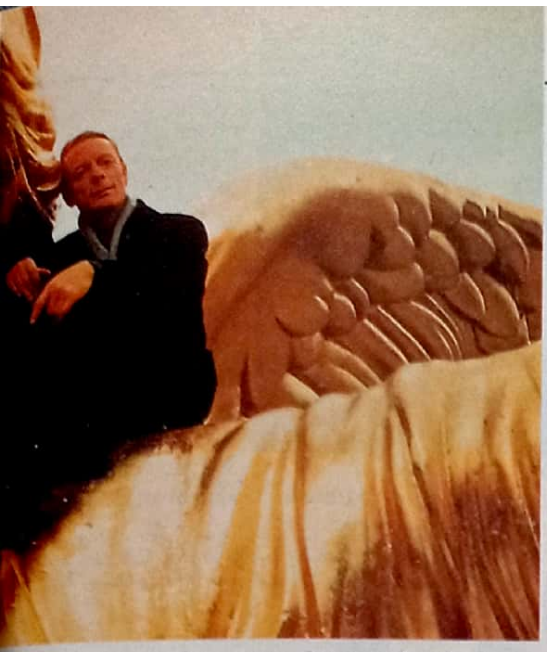
Luiz Carlos Merten

In Weiter Ferne So Nah, Alemanha, 1993 ■ DIREÇÃO E ROTEIRO: Wim Wenders ■ FOTOGRAFIA: Jürgen Jürges ■ MÚSICA: Laruent Petotgrand ■ MONTAGEM: Peter Przygodda ■ Com Otto Sander, Peter Falk, Horst Buchholz, Nastssja Kinski, Bruno Ganz, William Dafoe ■ DISTRIBUIÇÃO: Columbia TriStar ■ DURAÇÃO: 165 min.

MR. JONES

Personagem doidão e suicida vivido por Richard Gere faz chorar de rir

Não dá para entender o que se passa na cabeça de alguns astros de Hollywood: os caras ganham milhões de dólares e recebem dezenas de ofertas de filmes a cada



mortal e perde a aura de grande diretor

semana. Como não precisam bater o ponto numa fábrica para ganhar a vida, têm tempo de sobra para escolher os filmes que querem fazer. Apesar disso, conseguem se meter nas maiores roubadas.

Richard Gere é um caso típico: o cara ficou famoso em *Gigolô Americano* e milionário em *Uma Linda Mulher*. É casado com Cindy Crawford e virou porta-voz da comunidade budista hollywoodiana. Burro ele não é. Então como se explica o fato de ter aceitado um papel numa bomba como *Mr. Jones*? Teria sido um ataque de esquizofrenia? Quem sabe estava pagando uma promessa?

A razão agora não importa, o estrago já foi feito. O negócio é relaxar e rir. Rir sim, porque é a única coisa que dá para fazer com um roteiro desses. Sinta só o drama: Gere interpreta o tal Mr. Jones, um cara meio doidão que anda numa moto incrementada mas que trabalha como peão de obra. Um dia ele ameaça se jogar do alto da construção e o patrão chama o pinel. Jones é tratado por uma doutora gostosona (Lena Olin), que imediatamente se apaixona pelo paciente. A doutora depois descobre vários segredos surpreendentes sobre a vida do mala.

É neste filme que se percebe mais claramente a incompetência de Gere como ator. Ele é da escola Lima Duarte de interpretação, em que se aprende a fazer um só papel pelo resto da vida. Gere interpreta Mr. Jones usando os mesmos maneirismos que demonstrou em *Sommersby – O Retorno de um Estranho*, *Sem Perdão* e tantos outros: um rápido piscar de olhos quando está nervoso, um olhar perdido no horizonte quando quer demonstrar incerteza. Quando fica nervosinho, fecha os olhos e levanta o rosto em direção ao céu. Às vezes fica ridículo. *Mr. Jones* e *Intersection – Uma Escolha, uma Renúncia* são a prova.

A.B.

Mr. Jones, EUA, 1993 ■ DIREÇÃO: Mike Figgis ■ ROTEIRO: Eric Roth e Michael Cristofer ■ FOTOGRAFIA: Juan Ruiz Anchia ■ MÚSICA: Maurice Jarre ■ Com Richard Gere, Lena Olin, Anne Bancroft, Tom Irwin ■ DISTRIBUIÇÃO: Columbia TriStar ■ DURAÇÃO: 112 min.

Columbia TriStar

Richard Gere aperta os olhinhos e ganha a doutora Lena Olin

MEU PRIMEIRO AMOR PARTE 2

Seqüência maçante não tem Macaulay Culkin e mais parece um telefilme

Primeiro, a boa notícia: como Macaulay Culkin morreu no primeiro filme, e como o pai dele, Kit Culkin, teria pedido mundos e fundos para que o moleque aparecesse num rápido flashback, o pentelho mais bem pago do planeta está fora desta continuação. Só que Macaulay deve estar rindo de felicidade, porque escapou de uma seqüência maçante e sem muita razão de existir.

Com o pai (Dan Aykroyd) e a madrasta (Jamie Lee Curtis) reduzidos a caricaturas de papelão, a hoje adolescente Vada (Anna Chlumsky) parte para Los Angeles em busca das raízes da mãe que nunca conheceu, auxiliada/atrapalhada pelo primo Nick (Austin O'Brien, o parceiro de Schwarzenegger em *O Último Grande Herói*), um típico malandrinho californiano que primeiro a antagoniza, só para depois transformar-se no primeiro amor da menina.

O objetivo é saber tudo sobre a mãe, que morreu durante o parto, através dos relatos de velhos amigos. Uma premissa interessante, que renderia descobertas e encontros inesquecíveis. O problema é que o filme nunca acha muito bem seu tom, e a grande revelação que se apresenta a Vada no terço final da história tem sabor de anticlímax. Como filme para TV, talvez até funcionasse bem. Mas, como seqüência, não se justifica.

J.E.R.

My Girl 2, EUA, 1994 ■ DIREÇÃO: Howard Zieffn ■ ROTEIRO: Janet Kovalci, a partir de personagens criados por Laurice Elehwany ■ FOTOGRAFIA: Paul Elliott ■ MÚSICA: Cliff Eidelman ■ Com Dan Aykroyd, Jamie Lee Curtis, Anna Chlumsky, Austin O'Brien, Richard Masur, Christine Ebersole ■ DISTRIBUIÇÃO: Columbia TriStar ■ DURAÇÃO: 99 min.

Columbia TriStar

Austin e Anna vivem um amor maçante

Laserland

ACESSO LIVRE

Via SEDEX para todo Brasil

AOS MELHORES MAIS NOVOS E MAIS RAROS LASER VIDEOS DISCS IMPORTADOS DO JAPÃO E DOS E.U.A.

Av. Rebouças, 2736, Pinheiros, S. Paulo, SP
05402-500
tel (011) 282 0922 fax (011) 881 3117

R. Domingos Leme, 675, V.N.Conceição, S. Paulo, SP
04510-040
tel / fax (011) 829 7235

Av. Pres. Vargas, 935, Sumaré, Ribeirão Preto, SP
14020-260
tel (016) 623 3069 fax (016) 623 3001

TOMBSTONE – A JUSTIÇA ESTÁ CHEGANDO

Tombstone segue praticamente à risca a trajetória de Wyatt Earp (Kurt Russell), ex-homem da lei que chega ao Arizona para se aposentar do combate ao crime mas acaba retornando à velha profissão com a ajuda do amigo Doc Holliday (Val Kilmer). *J.E.R.*

(Tombstone, EUA, 1993) Direção: George P. Cosmatos. Com Kurt Russel, Val Kilmer, Michael Biehn, Sam Elliott, Dana Delany. Columbia Buena Vista.

GERONIMO

A história do líder apache que guerreou contra o Exército americano parece feita sob medida para Walter Hill (*48 Horas Parte 2*): une um tema facilmente assimilável à possibilidade de bolar cenas de tiroteiros, coisa de que o diretor não abre mão. Como tudo que ele já dirigiu, *Geronimo* é bem realizado. Nota-se a intenção de fazer um western épico com cenas grandiloqüentes, centenas de extras e complicados tiroteios. *A.B.*

(Geronimo: An American Legend, EUA, 1993) Direção: Walter Hill. Com Jason Patric, Gene Hackman, Wes Studi, Robert Duvall. Columbia TriStar.

A CASA DOS ESPÍRITOS

O resultado da adaptação de Bille August (*As Melhores Intenções*) do best-seller de Isabel Allende constitui-se no maior novelão dos últimos anos. O drama de Allende conta a saga da família Trueba, passa-se num país indefinido da América do Sul e cobre 45 anos dos personagens mais românticos que se possa imaginar. *P.G.*

(The House of Spirits, Alemanha/ Dinamarca/ Portugal/ EUA, 1993) Direção: Bille August. Com Jeremy Irons, Meryl Streep, Glenn Close, Winona Ryder, Antonio Banderas. Paris Filmes.

ALMA CORSÁRIA

Alma Corsária é a história de uma amizade que vai da infância à maturidade, dos anos 50 aos 90, atravessando as turbulências do tempo: a escola, o rock, a descoberta do amor, a revolução, a repressão. Para cada época há variações de estilo, mudanças de tom (nunca bruscas, como no passado), descaminhos, regenerações. Passa-se do cômico ao dramático, da ingenuidade à tragédia. É uma viagem interior, plenamente autoral, na qual, no entanto, qualquer um se reconhecerá. *I.A.*

(Brasil, 1992) Direção: Carlos Reichenbach. Com Bertrand Duarte, Jandir Ferrari, Andréia Richa, Mariana de Moraes, Jorge Fernando. Filmes do Estação.

Columbia Buena Vista

Tombstone

INTERSECTION – UMA ESCOLHA, UMA RENÚNCIA

Richard Gere é um arquiteto bem-sucedido na profissão mas atormentado no amor, que precisa decidir entre a vida doméstica e pacífica que leva com a esposa (Sharon Stone) e a filha, ou então se mudar de mala e libido para os braços da amante (Lolita Davidovich), uma fogosa jornalista. Na hora em que toma a decisão, ele se depara com um caminhão e uma perua, justo quando perde o volante numa estrada sinuosa, e o destino se encarrega de solucionar a questão. A trama é intrigante, não fossem o roteiro de estrutura primária e os diálogos ginasianos que Rydell põe na boca dos personagens. *J.E.R*

(Intersection, EUA, 1993) Direção: Mark Rydell. Com Richard Gere, Sharon Stone, Lolita Davidovich, Jenny Morrison. UIP.

MALÍCIA

Roteirista sofre, e os deste filme mereciam adicional de insalubridade. Não é para qualquer um a tarefa de conjugar um colégio de moças, um reitor (Bill Pullman) e sua jovem esposa (Nicole Kidman), um assassino serial (Alec Baldwin) e uma tentativa de fraude, tudo numa só fita. Ainda assim, a somatória de tantos segredos não equivale a um único grande mistério. Não espere produzir muita adrenalina, só exclamações de espanto. *I.B.*

(Malice, EUA, 1993) Direção: Harold Becker. Com Alec Baldwin, Nicole Kidman, Bill Pullman, Bebe Neuwirth. PlayArte.

EM TERRENO SELVAGEM

Steven Seagal se mandou para o Alasca para fazer sua estréia na direção e filmar a história de um homem em luta contra uma poderosa companhia de petróleo. Apesar dos personagens caricatos e da história risível, *Em Terreno Selvagem* é um filme de ação recomendável. As cenas de luta estão entre as melhores dos últimos anos, e os efeitos especiais são de primeira. Num aspecto mais ecológico, as cenas mostrando as paisagens do Alasca são nota dez, e a cena final – um monólogo de dez minutos de Seagal alertando para os perigos da poluição – é surpreendentemente interessante. Agora os fãs do ator vão continuar surrando os coleguinhas de escola, mas com certeza nunca mais jogarão um papel de bala no chão. Consciência ecológica é isso aí. *A.B.*

(On Deadly Ground, EUA, 1993) Direção: Steven Seagal. Com Seagal, Michael Caine, Joan Chen, John C. McGinley. Warner.

BOLSA DE CINEMA

Short Cuts, de Robert Altman, é um filme longo e denso, mas mesmo assim conquista unanimidade.

	Inácio Araújo Folha de S. Paulo	Neusa Barbosa Veja São Paulo	Luiz Zanin Oricchio O Estado de S. Paulo	Luciano Trigo O Globo	Carlos Eli de Almeida Jornal do Brasil	Rubens Ewald Filho Jornal da Tarde	Cristiane Couto MTV	Cleber Eduardo Diário Popular	Antonio Querino Neto Isto É	Christian Petermann SET	Média
Short Cuts – Cenas da Vida (PlayArte)	8	10	8	8	8	10	10	9	8	9	8.8
Sorgo Vermelho (Belas Artes)	6	8	8	8	—	9	—	6	—	8	7.8
Os Aristogatas (Columbia Buena Vista)	—	9	6	8	8	7	9	—	8	7	7.7
O Processo, o Pesadelo de Joseph K. (Pandora)	—	—	7	—	—	4	9	7	9	6	7.0
What's Eating Gilbert Grape? (Lumiere)	—	8	—	6	—	6	7	—	6	—	6.6
Corpos em Movimento (Lumiere)	—	7	—	8	7	3	6	7	5	7	6.2
Uma Noite Alucinante 3 (Fox)	—	—	—	—	—	4	8	—	6	6	6.0
Jamaica Abaixo de Zero (Columbia Buena Vista)	5	—	—	6	5	7	—	5	7	5	5.7
Equinox (Filmes do Estação)	—	—	5	9	7	3	3	7	5	5	5.5
O Dossiê Pelicano (Warner)	4	6	3	7	—	4	6	6	8	5	5.4

ATREVIDA.
OUSADA.
PICANTE.

EDITORA
AZUL

NAS BANCAS

LIVROS

A VIDA POR UM FIO

JOSEPH LOSEY: A REVENGE ON LIFE
(de David Caute, Faber & Faber)

O diretor americano Joseph Losey debutou na década de 40 e logo se tornou um nome promissor. Mas, com a "caça às bruxas", entrou para a lista negra do macarthismo e se exilou na Europa, onde trabalhou com baixos orçamentos. Foram os críticos franceses que mais o apoiaram, e o Festival de Cannes lhe deu a Palma de Ouro por *O Mensageiro* (1971). O biógrafo Caute faz um retrato esmiuçado do diretor, não poupando inclusive as histórias sobre os abusos alcoólicos.

RECOMENDADO PARA COLECIONADORES

THE VAMPIRE FILM – FROM NOSFERATU TO BRAM STOKER'S DRACULA
(de Alain Silver e James Ursini, Limelight Editions)

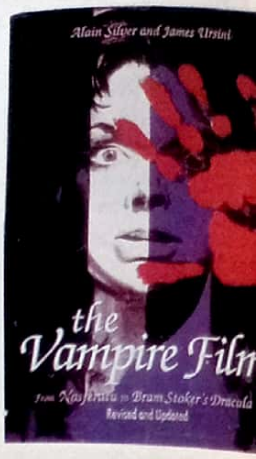
Antes de assistir a *Entrevista com o Vampiro*, que provavelmente estará pronto no final do ano, fique por dentro do assunto destrinchando este volume que conta toda a história dos terríveis seres da noite no cinema. Há desde os vampiros clássicos, *Nosferatu* (1922) e *Vampyr* (1931), de Carl Dreyer, até as versões adolescentes dos anos 80, *Os Garotos Perdidos*, *A Hora do Espanto* e *Quando Chega a Escuridão*. Prato cheio (de sangue) para fãs do gênero.

ANIMAÇÃO EM DESTAQUE

ANIME! A BEGINNER'S GUIDE TO JAPANESE ANIMATION
(de Helen McCarthy, Titan Books)

Guia completo da animação japonesa escrito pela editora da *Anime UK* – a maior especialista do assunto no Reino Unido. McCarthy mapeia essa arte desde os anos 30, passando pelas séries de TV dos anos 60, como *Marine Boy*, e pelos desenhos eróticos, até chegar na sofisticada técnica dos anos 90.

Deborah Peleias



LASER

OS LANÇAMENTOS QUENTES NOS ESTADOS UNIDOS EM MARÇO

IN THE LINE OF FIRE
(Na Linha de Fogo)
(Columbia TriStar Home Video, US$ 39,95)

O thriller de 1993 com o melhor mocinho (Clint Eastwood) e o pior vilão (John Malkovich) é obrigatório em qualquer laserteca.

THE MAN WITHOUT A FACE
(Warner Home Video, US$ 34,98)

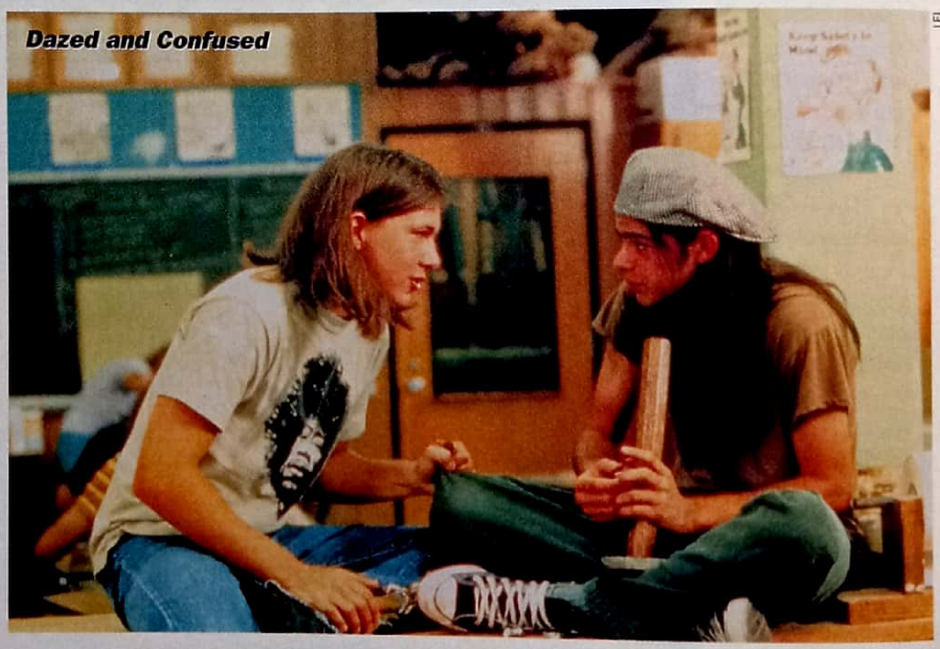
Donos de videolaser podem ver em primeira mão a estréia na direção de Mel Gibson, que continua inédita no Brasil.

THE SECRET GARDEN
(O Jardim Secreto)
(Warner Home Video, US$ 34,98)

A suntuosa fábula de Agnieszka Holland, baseada na história clássica de Frances Hodgson Burnett, é perfeita no laserdisc. Indicado tanto para crianças quanto para adultos – que inclusive podem verter algumas lágrimas.

FORTRESS
(A Fortaleza)
(LIVE Home Video, US$ 34,95)

Mesmo com pouco dinheiro, Stuart Gordon sabe ser original. E é exatamente isso que ele volta a fazer nesta aventura futurística sobre casal que desafia as leis do sistema e tem mais de um filho. Até Christophe Lambert se sai bem.



MUCH ADO ABOUT NOTHING
(Muito Barulho por Nada)
(Columbia TriStar Home Video, US$ 34,95)

Adaptação da comédia de Shakespeare pelo talentoso Kenneth Branagh. Um filme delicioso com elenco brilhante.

THE THING CALLED LOVE
(Paramount Home Video, US$ 34,95)

Por enquanto, este laser é a única chance de os brasileiros assistirem ao último filme completo de River Phoenix, em que interpreta um cantor country.

STRICTLY BALLROOM
(Vem Dançar Comigo)
(Touchstone Home Video, US$ 39,99)

Grata surpresa de Cannes-1992, quando o australiano Baz Luhrmann recebeu o prêmio de diretor estreante. O também australiano e bailarino Paul Mercurio é um rapaz que sonha ganhar um concurso de dança e inventa uma coreografia sensual que foge às rígidas regras da competição.

DAZED AND CONFUSED
(MCA/Universal, US$34,98)

Mais uma produção ainda inédita nas telas brasileiras e que fez muito sucesso nos Estados Unidos. Comédia sobre os loucos estudantes dos anos 70.

BARBARELLA
(Paramount, US$ 35)

A viagem ao futuro de Roger Vadim pode parecer kitsch hoje, mas nunca deixará de ser legal ver a enxuta Jane Fonda fazendo um strip-tease logo na abertura.

D.P.

EQUIPAMENTOS

PARECE, MAS NÃO É

PROJETOR XV-H35U
(Sharp, importado)

Parece um projetor de slides, mas é um projetor de vídeo da Sharp, o XV-H35U. Para tentar diminuir os problemas das imagens de vídeo ampliadas (perda da definição e brilho), o fabricante incluiu uma tecnologia chamada "Micro-optics" que, segundo anuncia, melhora o brilho da imagem em até 25%. É equipado com alto-falante e tem zoom e foco de tamanho entre 60 cm e 5 metros (diagonais).

PERFORMANCE SONORA

DAC-IN-THE-BOX
(Audio Alchemy, US$ 199, importado)

A obsessão de ter um "cinema em casa" está sempre sendo alimentada por itens essenciais à sobrevivência do videomaníaco. Um dos mais recentes é o conversor D/A (digital/analógico) da Audio Alchemy, destinado a melhorar a performance sonora de CD players e

Acima, o karaokê da Pioneer para ler laserdiscs de vídeo e áudio e, abaixo, a nova câmera Cannon que evita vibrações de imagens

Laserdisc players. Esses equipamentos normalmente já trazem seus próprios D/As (que traduzem a informação digital contida nos discos em sinal analógico reproduzível em alto-falantes), mas raramente têm unidades de alta-resolução, capazes de cobrir todas as minúcias da trilha sonora de uma superprodução. O preço do DAC-in-the-Box é US$ 199. Ele pode ser associado a outra caixa, o Digital Transmission Interface, que corrige o "jitter", um erro comum de timing digital. Isso por mais US$ 300. Importante: essa parafernália só pode ser conectada a players que tenham uma saída digital em seus painéis traseiros.

SEM DESAFINAR

CLD-150K
(Pioneer, importado)

Cantores de banheiro, uni-vos! De preferência em torno de um dos novos karaokês digitais que a tecnologia do CD interativo trouxe para o mundo do consumo. Um deles é o Pioneer CLD-150K. Com essa máquina, não há problema se o tom da voz do calouro não bate com o do acompanhamento: os comandos permitem modular a música conforme a necessidade do usuário. Há entradas para dois microfones e controles de reverberação que permitem simular uma ambientação de palco para a cantoria. De quebra, ele lê normalmente disco laser de vídeo e áudio. Os discos laser específicos para CD já contam com cerca de 20 mil títulos nos EUA e Japão, onde a Pioneer, detentora da patente do karaokê laser, está concentrando seus esforços.

IMAGENS PERFEITAS

CANON UC5
(Canon, US$ 2.535, importada)

Quem fica mareado assistindo a qualquer gravação da última festinha de aniversário talvez esteja precisando de uma câmera mais estável. A Canon UC5 é uma das novas câmeras que procuram reduzir ao mínimo o efeito de vibrações sobre a estabilidade da imagem. Cada fabricante investe em um tipo diferente de sistema; o da Canon é chamado de "Optical Image Stabilizer" e é baseado em um prisma cujo ângulo é controlado por um microprocessador que interpreta as vibrações lidas por sensores. A UC5, que trabalha com o formato Hi-8, também é dotada de um zoom digital que amplia em até 24 vezes a imagem captada. O preço é de cerca de US$ 2.535.

Marcos Smirkoff

TRILHAS SONORAS

GRUNGE E SAMBA

REALITY BITES
(BMG Music, importado)

Este filme sobre a geração X, estrelado por Winona Ryder, só poderia ter como trilha uma seleção de nomes espertos do pop atual. A principal curiosidade é a presença de Ethan Hawke (*Vivos*) cantando a faixa "I'm Nuthin" ("Sou Nada") com displicência e pose bem "grunge" que combinam com o cavanhaque que usa na fita. De resto, como em toda seleção heterogênea, o crioulo doido samba. A trilha tem ótimas canções, como o rap tranqüilo do Me Phi Me ("Revival!") ou uma faixa surpreendente do World Party ("When You Come Back to Me"). O elenco inclui ainda Lenny Kravitz, Dinosaur Jr. e Crowded House, entre outros, todos em faixas produzidas entre 93 e 94, além de um U2 de 88, "All I Want Is You".

SIMPLESMENTE IMPECÁVEL

SHORT CUTS
(Imago)

Um dos melhores filmes do ano passado tem o privilégio de contar com uma trilha sonora simplesmente impecável. Excluindo-se algumas composições eruditas apoiadas no cello, da autoria de Igor Stravinsky e Anton Dvorák, entre outros, interpretadas com sutileza por Lori Singer e o Trout Quartet, é um deleite ouvir canções originais de artistas tão talentosos quanto disparatados – como Bono e The Edge (do U2), Elvis Costello, Iggy Pop, o bluesman Dr. John e os veteranos do jazz Jon Hendricks e Horace Silver. As músicas são interpretadas com emoção e extremo bom gosto por Annie Ross e o Low Note Quintet, o grupo do clube focalizado pelo filme. O conjunto é uma vitória absoluta. Apenas imperdível. Detalhe: a capinha do CD chama *Short Cuts – Cenas da Vida* de *Atalhos*. É o único porém.

Christian Petermann

Reinaldo

KIRK DOUGLAS

O CONQUISTADOR DE LÍNGUA FERINA

Aos 77 anos e em plena forma, o astro volta às telas com *Greedy*, em que faz um milionário apaixonado, e diz que sua principal preocupação hoje é se divertir

Quem olha para a figura elegante de Kirk Douglas, sentado descontraidamente em uma suíte de luxo de um hotel de Beverly Hills, não consegue acreditar que ele já tenha 77 anos e que seu coração bata com a ajuda de um marca-passo. "Faço ginástica e levanto pesos quase todos os dias para manter a forma", orgulha-se o ator, que mantém os mesmos 75 quilos de trinta anos atrás, quando enlouqueceu as fãs no papel do musculoso gladiador Spartacus.

Afastado das telas desde 1986, quando trabalhou na comédia *Os Últimos Durões*, Douglas aproveitou o hiato para escrever uma elogiada autobiografia (*O Filho do Trapeiro*, publicada no Brasil pela Civilização Brasileira) e dois romances, *The Gift* e *Dança com o Diabo* (ed. Civilização Brasileira). Agora o ator volta a trabalhar em cinema, na comédia *Greedy*, dirigida por Jonathan Lynn (*Meu Primo Vinny*).

Em *Greedy* Kirk Douglas interpreta Joe, o milionário patriarca de uma família de trapaceiros gananciosos. A família torce para que o velho morra logo para que eles possam herdar sua fortuna. Mas o coroa se mostra inclinado a deixar todo seu dinheiro para uma escultural jovem que contratou como sua enfermeira, e a única saída dos familiares é encontrar o único parente pelo qual Joe ainda mostra algum afeto, o bondoso sobrinho Danny (Michael J. Fox), e pedir que ele convença o velho Joe a deixar o dinheiro em família. "Na verdade, eu não estava muito interessado em voltar a trabalhar em cinema", diz Douglas, "mas meu agente me deu o roteiro de *Greedy* para ler e eu adorei. É um papel muito engraçado e tive muito prazer em fazer o filme."

Kirk Douglas foi um dos grandes machões do cinema e um dos maiores conquistadores que Hollywood já conheceu. Por seus braços já passaram beldades como Rita Hayworth, Joan Crawford, Marlene Dietrich e Gene Tierney. Além de namoradas, Douglas colecionou inimizades ao longo de quase meio século de carreira. Tido como um "cabeça-dura" por muitos, ele brigou com diversos diretores (chamou Stanley Kubrick, que o dirigiu em *Spartacus* e *Glória Feita de Sangue*, de "um m... com talento") e humilhou publicamente atores que considerava incompetentes. Sua mania de revelar detalhes picantes sobre seus relacionamentos amorosos irritou diversas ex-namoradas, notadamente Joan Crawford, que ele acusava de ter péssimo hálito. "Sempre gostei de falar mal dos outros", confessa Douglas. "Agora, então, que estou velho, é que não me importo mesmo com o que os outros vão pensar."

Universal

O ator segura a peteca como o milionário amoroso de *Greedy*

Mas por trás de todas as polêmicas existia um ator de talento, caráter inabalável e incrível tino comercial. Kirk Douglas foi um dos primeiros a desafiar o monopólio dos grandes estúdios, ao montar em 1955 sua própria companhia indepen-

Kirk Douglas encarna o gladiador Spartacus, em traje que lhe serviu até para brincar o Carnaval no Brasil

dente de produção de filmes. "Fundei minha produtora para poder fazer os filmes que os estúdios recusavam", diz. Ele produziu grandes sucessos, como *Glória Feita de Sangue* (1957), *Sem Lei e Sem Alma* (1957), *Os Vikings* (1958), *Spartacus* (1960) e *Sua Última Façanha* (1962).

Douglas não aceitava imposições de ninguém e surpreendeu a todos quando ignorou o Macarthismo e anunciou que Dalton Trumbo – então na "lista negra" dos estúdios devido à suspeita de que era simpatizante comunista – iria escrever o roteiro de *Spartacus*. A decisão de Douglas foi considerada um grande passo no processo de readaptação de artistas marcados pela "lista negra".

Nas telas, Douglas sempre interpretou personagens viris. Seja no papel do boxeador em *O Invencível* (1949), de Mark Robson, do jornalista ganancioso em *A Montanha dos Sete Abutres* (1951), de Billy Wilder, ou como Vincent Van Gogh no ótimo *Sede de Viver* (1956), de Vincente Minnelli, seus personagens foram homens fortes, moldados por vidas difíceis. Mais ou menos como o próprio Douglas.

Filho de imigrantes russos, Kirk, ou melhor, Issur Danielovich Demsky, nasceu no Estado de Nova York em 1916, o único filho homem do casal Herschell e Bryna. Seu pai era um trapeiro e vendedor de ferro velho, e sua mãe cuidava como podia dos sete filhos. A família viveu durante anos na miséria absoluta e Issur chegou a roubar batatas para dar de comer às irmãs. "De certa forma, acho que fui sortudo por viver na miséria", diz. "Como não tinha nada, minha situação só poderia melhorar. Por isso sempre fui otimista."

Acreditando que tinha vocação para o palco, ele juntou algumas suadas economias e se mandou para uma escola de teatro em Nova York, já sob o novo nome de Kirk Douglas ("Tive que pensar em um nome bem americano"). Acabou na Broadway e, em 1946, foi convidado para seu primeiro filme, *O Tempo não Apaga*. Três anos depois recebeu uma proposta para trabalhar em *O Grande Pecador*, com Gregory Peck e Ava Gardner, mas preferiu se aventurar em *O Invencível*, um pequeno drama sobre boxe produzido pelo então desconhecido Stanley Kramer. O papel lhe rendeu fama e a primeira de três indicações para o Oscar (até hoje Douglas nunca ganhou a estatueta). "Durante minha carreira, sempre segui meus instintos", diz. "Meu agente me chamou de maluco quando recusei o papel em *O Grande Pecador* e preferi fazer *O Invencível*. Ninguém dava nada pelo filme, mas ele acabou se tornando um grande sucesso e me transformou num astro."

Com Luis Van Rooten e William Bendix em *Chaga de Fogo*, de 1951, de William Wyler

O Oscar que a Academia se negou a conceder a Kirk acabou indo parar nas mãos do filho Michael, por *Wall Street*. Além do talento como ator, Michael herdou o tino comercial do pai, produzindo filmes de sucesso como *Um Estranho no Ninho*, *Síndrome da China* e *Linha Mortal*.

Michael é o mais velho dos quatro filhos de Kirk Douglas. Ele e Joel, um produtor de TV, nasceram do casamento de Kirk com a atriz Dianna Dill. Depois de se separar de Dianna, Kirk teve mais dois filhos – o produtor Peter e o ator Eric – com sua atual empresária, Anne Buyens, 70 anos.

Kirk e Michael sonham em trabalhar juntos algum dia. "Ainda não conseguimos achar o roteiro certo", diz o pai, "mas estamos procurando". Enquanto isso, o velho Kirk termina seu quarto livro, o romance *Last Tango in Brooklyn*, e organiza a venda de sua amada coleção de arte para fins beneficentes. "Passei a vida inteira colecionando pinturas e tenho uma fortuna pendurada nas paredes de minha casa", revela. "Mas vou vender tudo e doar para alguma instituição de caridade. Acho que os mais ricos devem ajudar aos menos felizes e sei que não vou poder levar meus quadros para o caixão quando morrer."

Kirk sabe o que é estar perto da morte – há dois anos, ele sofreu um acidente de helicóptero. Os outros dois ocupantes – inclusive um garoto de 19 anos – morreram na hora. "Esse tipo de acontecimento faz você repensar suas prioridades na vida", diz o ator.

Hoje a prioridade número um na vida de Kirk Douglas é a diversão. "Só quero fazer aquilo que me der prazer", diz. Entre seus passatempos prediletos estão a literatura e seu BMW conversível, que usa em longos passeios pelas montanhas de Hollywood. "Hoje estou mais calmo", garante. "Antigamente eu era um louco e não podia passar muito tempo sem dar uma cantada em alguma moça." Entre suas lembranças mais queridas da época dos galanteios está uma visita ao Brasil no começo dos anos 60, quando passou o Carnaval fantasiado de Spartacus. Ele sintetiza a experiência em uma só palavra: "Loucura!"

André Barcinski

Kirk faz pose para mostrar seu físico privilegiado em 1947

KIRK DOUGLAS

Ator, também produtor e diretor, nascido Issur Danielovitch Demsky a 9 de dezembro de 1916 em Amsterdam, Nova York.

Como ator: 1946: O TEMPO NÃO APAGA (*The Strange Love of Martha Ivers*, de Lewis Milestone) ■ 1947: ESTRANHA FASCINAÇÃO (*I Walk Alone*, de Byron Haskin); FUGA DO PASSADO (*Out of the Past*, de Jacques Tourneur); CONFLITO DE PAIXÕES (*Mourning Becomes Electra*, de Dudley Nichols) ■ 1948: A SECRETÁRIA PREFERIDA (*My Dear Secretary*, de Charles Martin); AS MURALHAS DE JERICÓ (*The Walls of Jericho*, de John M. Stahl) ■ 1949: QUEM É O INFIEL? (*A Letter to Three Wives*, de Joseph L. Mankiewicz); O INVENCÍVEL* (*Champion*, de Mark Robson) ■ 1950: ÊXITO FUGAZ (*Young Man With a Horn*, de Michael Curtiz); ALGEMAS DE CRISTAL (*The Glass Menagerie*, de Irving Rapper) ■ 1951: EMBRUTECIDOS PELA VIOLÊNCIA (*Along the Great Divide*, de Raoul Walsh); A MONTANHA DOS SETE ABUTRES* (*Ace in the Hole* ou *The Big Carnival*, de Billy Wilder); CHAGA DE FOGO (*Detective Story*, de William Wyler) ■ 1952: RIO DA AVENTURA (*The Big Sky*, de Howard Hawks); FLORESTA MALDITA* (*The Big Trees*, de Felix Feist); ASSIM ESTAVA ESCRITO (*The Bad and the Beautiful*, de Vincente Minnelli) ■ 1953: A HISTÓRIA DE TRÊS AMORES (*The Story of Three Loves*, de Vincente Minnelli); O MALABARISTA (*The Juggler*, de Edward Dmytryk); MAIS FORTE QUE A MORTE (*Act of Love*, de Anatole Litvak) ■ 1954: 20.000 LÉGUAS SUBMARINAS* (*20,000 Leagues Under the Sea*, de Richard Fleischer) ■ 1955: CAMINHOS SEM VOLTA (*The Racers*, de Henry Hathaway); ULYSSES* (de Mario Camerini); HOMEM SEM RUMO (*Man Without a Star*, de King Vidor); A UM PASSO DA MORTE (*The Indian Fighter*, de Andre de Toth) ■ 1956: SEDE DE VIVER (*Lust for Life*, de Vincente Minnelli) ■ 1957: LÁBIOS SELADOS (*Top Secret Affair*, de H. C. Potter); SEM LEI E SEM ALMA* (*Gunfight at the O.K. Corral*, de John Sturges, também como produtor); GLÓRIA FEITA DE SANGUE (*Paths of Glory*, de Stanley Kubrick, também como produtor) ■ 1958: OS VIKINGS/VIKINGS, OS CONQUISTADORES* (*The Vikings*, de Richard Fleischer, também como produtor) ■ 1959: DUELO DE TITÃS* (*Last Train from Gun Hill*, de John Sturges); O DISCÍPULO DO DIABO (*The Devil's Disciple*, de Guy Hamilton, também como produtor) ■ 1960: O NONO MANDAMENTO (*Strangers When We Meet*, de Richard Quine); SPARTACUS* (de Stanley Kubrick, também como produtor) ■ 1961: O ÚLTIMO PÔR-DO-SOL (*The Last Sunset*, de Robert Aldrich); CIDADE SEM COMPAIXÃO (*Town Without Pity*, de Gottfried Reinhardt) ■ 1962: SUA ÚLTIMA FAÇANHA (*Lonely Are the Brave*, de David Miller, também como produtor); A CIDADE DOS DESILUDIDOS (*Two Weeks in Another Town*, de Vincente Minnelli) ■ 1963: SEDE DE VINGANÇA (*The Hook*, de George Seaton); A LISTA DE ADRIAN MESSENGER (*The List of Adrian Messenger*, de John Huston); POR AMOR OU DINHEIRO (*For Love or Money*, de Michael Gordon) ■ 1964: SETE DIAS EM MAIO (*Seven Days in May*, de John Frankenheimer) ■ 1965: PRIMEIRA VITÓRIA (*In Harm's Way*, de Otto Preminger); OS HERÓIS DE TELEMARK (*The Heroes of Telemark*, de Anthony Mann) ■ 1966: A SOMBRA DE UM GIGANTE (*Cast a Giant Shadow*, de Melville Shavelson); PARIS ESTÁ EM CHAMAS? (*Is Paris Burning?* ou *Paris Brûle-t-il?*, de René Clement) ■ 1967: DESBRAVANDO O OESTE (*The Way West*, de Andrew V. McLaglen); GIGANTES EM LUTA (*The War Wagon*, de Burt Kennedy) ■ 1968: ENTRE O DESEJO E A MORTE (*A Lovely Way to Die*, de David Lowell Rich); SANGUE DE IRMÃOS (*The Brotherhood*, de Martin Ritt, também como produtor) ■ 1969: MOVIDOS PELO ÓDIO (*The Arrangement*, de Elia Kazan) ■ 1970: NINHO DE COBRAS (*There Was a Crooked Man*, de Joseph L. Mankiewicz) ■ 1971: O FAROL DO FIM DO MUNDO (*The Light at the Edge of the World*, de Kevin Billington, também como produtor); O DUELO/UM HOMEM MARCADO PARA MORRER* (*A Gunfight*, de Lamont Johnson); COMO AGARRAR UM ESPIÃO/UM ESPIÃO POR MEU MARIDO* (*Catch Me a Spy/To Catch a Spy* ou *Les Doigts Croisés*, de Dick Clement) ■ 1973: UN UOMO DA RISPETTARE (de Michele Lupo); ASSASSINO NA CIDADE* (*Cat and Mouse* ou *Mousey*, de Daniel Petrie, para a TV) ■ 1975: UMA VEZ SÓ NÃO BASTA (*Jacqueline Susann's Once Is Not Enough*, de Guy Green) ■ 1976 VITÓRIA EM ENTEBBE (*Victory at Entebbe*, de Marvin J. Chomsky, para a TV) ■ 1978: EXTERMINAÇÃO 2.000 (*Holocaust 2000* ou *The Chosen*, de Alberto De Martino); A FÚRIA* (*The Fury*, de Brian De Palma) ■ 1979: CACTUS JACK, O VILÃO (*The Villain*, de Hal Needham); TERAPIA DE DOIDOS* (*Home Movies*, de Brian De Palma) ■ 1980: MISSÃO SATURNO 3* (*Saturn 3*, de Stanley Donen); NIMITZ, VOLTA AO INFERNO (*The Final Countdown*, de Don Taylor) ■ 1982: HERANÇA DE UM VALENTE/O HOMEM DE SNOWY RIVER* (*The Man from Snowy River*, de George Miller); LEMBRANÇAS DE UM AMOR* (*Remembrance of Love*, de Jack Smight, para a TV) ■ 1983: CAÇADA IMPIEDOSA* (*Eddie Macon's Run*, de Jeff Kanew) ■ 1984: PISTOLEIROS/OS INDOMÁVEIS* (*Draw!*, de Steven Hilliard Stern, para a TV a cabo) ■ 1985: AMOS* (de Michael Tuchner, para a TV) ■ 1986: OS ÚLTIMOS DURÕES* (*Tough Guys*, de Jeff Kanew, também como co-produtor) ■ 1987: QUEENIE* (de Larry Peerce, para a TV) ■ 1988: INHERIT THE WIND (de David Greene, para a TV) ■ 1991: MINHA FILHA QUER CASAR* (*Oscar*, de John Landis) ■ 1994: GREEDY (de Jonathan Lynn)

Como diretor: 1973: AS AVENTURAS DE UM VELHACO (*Scalawag*, também como ator) ■ 1975: AMBIÇÃO ACIMA DA LEI (*Posse*, também como ator e produtor)

Como produtor: 1971: A ÁRVORE DA SOLIDÃO (*Summertree*, de Anthony Newley)

PEDRO ALMODÓVAR

Diretor, roteirista e ator, nascido a 25 de setembro de 1951 em Calzada de Calatrava, província de Ciudad Real, Espanha.

Como diretor: 1974: DOS PUTAS/HISTORIA DE AMOR QUE TERMINA EN BODA (curta-metragem); FILM POLÍTICO (curta-metragem) ■ 1975: LA CAÍDA DE SÓDOMA (curta-metragem); HOMENAJE (curta-metragem); EL SUEÑO/LA ESTRELLA (curta-metragem); BLANCOR (curta-metragem) ■ 1976: TRAILER OF WHO'S AFRAID OF VIRGINIA WOOLF? (curta-metragem); SEA CARITATIVO (curta-metragem) ■ 1977: LAS TRES VENTAJAS DE PONTE (curta-metragem); SEXO VA, SEXO VIENE (curta-metragem) ■ 1978: FOLLE... FOLLE... FÓLLEME... TIM; SALOMÉ (curta-metragem) ■ 1980: PEPI, LUCI E BOM (*Pepi, Luci, Bom y Otras Chicas del Montón*, também como roteirista) ■ 1982: LABERINTO DE PASIONES (também como ator, roteirista e desenhista de produção) ■ 1983: ENTRETINIEBLAS (também como roteirista e autor de uma canção) ■ 1984: ¿QUÉ HE HECHO YO PARA MERECER ESTO? (também como roteirista) ■ 1985: TRAILER PARA AMANTES DE LO PROHIBIDO (média-metragem para a TV) ■ 1986: MATADOR* (também como roteirista) ■ 1987: A LEI DO DESEJO (*La Ley del Deseo*, também como roteirista, autor da trilha sonora e de algumas canções) ■ 1988: MULHERES À BEIRA DE UM ATAQUE DE NERVOS* (*Mujeres al Borde de un Ataque de Nervios*, também como roteirista) ■ 1989: ATA-ME!* (*Atame!*, também como roteirista) ■ 1991: DE SALTO ALTO* (*Tacones Lejanos*, também como roteirista) ■ 1994: KIKA (também como roteirista)

BERNARDO BERTOLUCCI

Diretor e roteirista, nascido a 16 de março de 1940 em Parma, Itália.

Como diretor: 1961: DESAJUSTE SOCIAL (*Accatone*, de Pier Paolo Pasolini, como assistente de direção) ■ 1962: LA COMMARE SECCA (também como roteirista) ■ 1964: PRIMA DELLA RIVOLUZIONE (também como roteirista) ■ 1965/66: LA VIA DEL PETROLIO (documentário para a TV) ■ 1967: AMORE E RABBIA ■ 1968: PARTNER (também como roteirista) ■ 1970: O CONFORMISTA (*Il Conformista*, também como roteirista); A ESTRATÉGIA DA ARANHA (*La Strategia del Ragno*, também como roteirista) ■ 1972: O ÚLTIMO TANGO EM PARIS* (*The Last Tango in Paris*, também como roteirista) ■ 1976: 1900* (*Novecento*, também como roteirista) ■ 1979: LA LUNA (também como roteirista) ■ 1981: A TRAGÉDIA DE UM HOMEM RIDÍCULO (*La Tragedia di un Uomo Ridicolo*, também como roteirista) ■ 1987: O ÚLTIMO IMPERADOR* (*The Last Emperor*, também como roteirista) ■ 1990: O CÉU QUE NOS PROTEJE* (*The Sheltering Sky*, também como roteirista) ■ 1994: O PEQUENO BUDA (*Little Buddha*)

Como argumentista: 1969: ERA UMA VEZ NO OESTE* (*C'Era una Volta il West/Once Upon a Time in the West*, de Sergio Leone)

Como produtor: 1982: SCONCERTO ROCK ■ 1983: IO CON TE NON CI STO PIÙ

*disponível em vídeo

Dulce Damasceno de Brito

UM BRUTAMONTES SEXY E COM CORAÇÃO DE OURO

De todos os brutamontes de Hollywood – Schwarzenegger, Stallone, Van Damme, Chuck Norris etc. –, o garotão Lorenzo Lamas vem se destacando nas locadoras por ser o mais bonito e sexy. E talvez o mais inteligente. Porque, não vendo para si campo de trabalho no cinema, ele partiu para o vídeo, formando sua própria produtora. Resultado: está ficando rico. Atualmente com 35 anos, Lorenzo é um exemplo vivo de alguém que soube dar a volta por cima de todos os obstáculos. Na verdade, sua história parece uma telenovela: desprezado pela mãe e criado por uma madrasta superdedicada, soube cultuar o físico e a mente de maneira sadia.

Seu pai foi o argentino Fernando Lamas, que se tornou astro em Hollywood nos anos 50 graças a filmes como *A Viúva Alegre*, com Lana Turner, e *Salve a Campeã*, com Esther Williams. Irresistível para as estrelas hollywoodianas, Fernando teve um ardente caso de amor com Lana e depois casou-se com Esther. Entre uma e outra, foi casado com a belíssima atriz Arlene Dahl, com quem teve o filho Lorenzo, nascido em Los Angeles em 1958. Quando se divorciou de Arlene, em 1960, Fernando ficou com a custódia do filho porque a mãe havia se mudado para Nova York, onde montou uma indústria de cosméticos e casou-se mais três vezes, sempre com milionários.

Lorenzo foi educado pelo pai dentro dos rígidos padrões latino-americanos de machismo e somente ao completar nove anos soube o que era um verdadeiro lar. Foi quando seu pai se casou com Esther Williams, a estrelíssima nadadora dos musicais da Metro. Apesar de já ter três filhos do casamento anterior, Esther tomou-se de amores pelo enteado. Esse carinho não diminuiu (até aumentou) depois da morte de Fernando Lamas em 1982, vítima de câncer aos 67 anos.

Então já afastado do cinema, Fernando havia se tornado um bom diretor de seriados

LFI

Lorenzo Lamas mostra seu *appeal*; abaixo, seu pai Fernando Lamas recebe Dulce num intervalo de filmagens na Paramount

Arquivo Dulce D. de Brito

– a verdadeira escola de arte dramática do filho. Após algumas pontinhas na TV, Lorenzo fez uma triunfal estréia, já como galã, em *Falcon Crest*, com Jane Wyman, a ex-mulher do ex-ator-presidente Ronald Reagan. Inédito no Brasil, esse seriado durou quatro anos na rede CBS. Ao terminá-lo, Lorenzo já contava com seu próprio público e passou a estrelar e produzir filmes independentes, como *Kick Boxer – A Grande Disputa*, *A Noite do Guerreiro Imortal* e *O Desertor*, culminando (como diretor também) com *C.I.A. II – Missão Alexa*, todos disponíveis em vídeo no Brasil.

Na vida particular, depois de inúmeras conquistas, ele casou-se com uma publicitária, Michelle, porque ela estava esperando um filho seu. Mas, assim que a criança nasceu, foi consumado o divórcio. Ninguém pode acusar Lorenzo de falta de cavalheirismo. Quando sua verdadeira mãe, Arlene Dahl, foi à bancarrota com a indústria de cosméticos, ele lhe deu um bom papel em sua produção *A Noite do Guerreiro Imortal*. O que me faz lembrar uma tarde em novembro de 1984 quando almocei com Esther Williams (minha velha amiga de Hollywood) no Maksoud Hotel de São Paulo. Ela havia participado de um festival de cinema no Rio e viera à capital paulista a negócios, pedindo-me para manter sigilo sobre sua presença porque não teria tempo para receber meus colegas de imprensa. Conversamos sobre o passado – as sentidas mortes de entes queridos como Carmen Miranda e Fernando –, e nunca esqueci suas declarações (que tenho gravadas) com referência ao enteado: "É uma pena que Carmen não tenha deixado filhos. Graças a Deus, tenho à minha frente um xerox de Fernando na pessoa de Lorenzo: másculo e, ao mesmo tempo, gentil e carinhoso. É um menino de ouro!".

Aos fãs que quiserem escrever para o ator, seu endereço particular é: Mr. Lorenzo Lamas, 641 South Mariposa Drive, Burbank, California 91506, U.S.A.

VÍDEO SET

MAIO

EDITORA AZUL

KALIFORNIA
BRAD PITT DÁ UMA DE SERIAL KILLER

BAMBI
O CLÁSSICO DE DISNEY CHEGA ÀS LOCADORAS

EL MARIACHI
MAD MAX VAI AO MÉXICO

O ALVO
O CHINÊS JOHN WOO DIRIGE VAN DAMME

STALLONE
EM O DEMOLIDOR

- TEMPOS MODERNOS
- TINA
- MALCOLM X
- SEDUÇÃO

JOHN MALKOVICH NÃO DÁ TRÉGUA A CLINT EASTWOOD EM

NA LINHA DE FOGO

PARIS FILMES APRESENTA MAIS UMA SUPERPRODUÇÃO

MAIS DE 70 CRÍTICOS DO MUNDO INTEIRO CONCORDAM QUE

O PIANO

É O MELHOR FILME DO ANO!

VENCEDOR DE 3 OSCAR 1994

MELHOR ATRIZ
MELHOR ATRIZ COADJUVANTE
MELHOR ROTEIRO ORIGINAL

2 PALMAS DE OURO

GLOBO DE OURO

CESAR 94 de MELHOR FILME ESTRANGEIRO

" RAZÕES SUFICIENTES PARA TRANSFORMÁ-LO EM UM ESPETÁCULO OBRIGATÓRIO ENTRE NÓS... ALGUMAS CENAS DE AMOR REALMENTE ORIGINAIS, FEMININAS E DECIDIDAMENTE ERÓTICAS"

Rubens Ewald Filho

"JANE CAMPION CRIOU UMA OBRA PRIMA DE IMAGENS SURPREENDENTEMENTE BELAS, COM TODO O PODEROSO EROTISMO QUE SATISFAZ A NECESSIDADE MAIS PROFUNDA DO CORAÇÃO, ASSIM COMO DESLUMBRA A VISÃO E ENRIQUECE A ALMA!"

Le Monde

"AMBIGUIDADE, TENSÃO E SENSUALIDADE EXPLODEM EM UM CENÁRIO HOSTIL E FASCINANTE..."

Suzana Schild (Jornal do Brasil)

"HOLLY HUNTER, HARVEY KEITEL, SAM NEILL E ANNA PAQUIN SÃO EXTRAORDINÁRIOS"

New York Times

"NA HISTÓRIA DO CINEMA, DIFICILMENTE UM INSTRUMENTO MUSICAL TERÁ DESEMPENHADO UM PAPEL TÃO SEDUTOR QUANTO ESTE PIANO"

Arthur Dapieve (O Globo)

HOLLY HUNTER - HARVEY KEITEL
SAM NEILL - ANNA PAQUIN
direção
JANE CAMPION

PARIS VIDEO FILMES

JÁ NAS LOCADORAS

DE ARMA NA MÃO

56 EL MARIACHI
Aula de cinema e economia
57 O ALVO
A reunião de Van Damme e John Woo

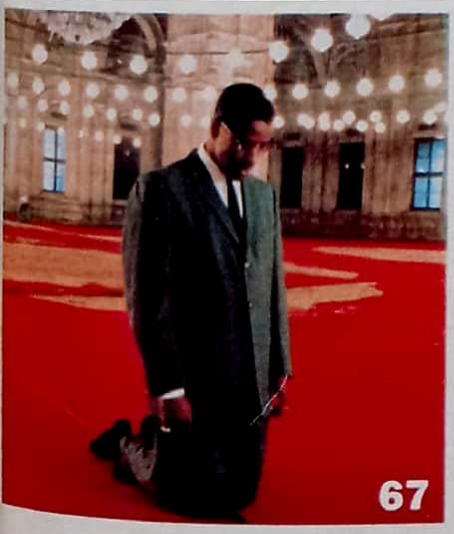
Columbia

58 POR UM PUNHADO DE DÓLARES
Nasce o western-spaghetti
58 PISTOLEIROS DO ENTARDECER
Sam Peckinpah retrata a agonia do Oeste

Lumiere

59 KALIFORNIA
Brad Pitt faz cara de mau
60 O DEMOLIDOR
Stallone mostra músculos e algum humor
66 NA LINHA DE FOGO
Clint Eastwood enfrenta o psicopata John Malkovich

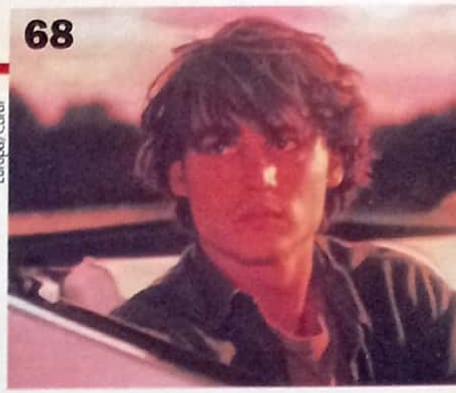
CINEMA NEGRO



65 RITMO E BLUES
Ascensão e queda de um grupo de r&b
67 MALCOLM X
A incursão de Spike Lee pelo épico
67 BOPHA!
O apartheid dentro de casa

AUTORES EUROPEUS

59 O SILÊNCIO DO LAGO
Da Holanda, um thriller asfixiante
68 O VIAJANTE
Volker Schlöndorff em viagem literária



Europa/Coral

68 ARIZONA DREAM
O iugoslavo Kusturica se rende a Jerry Lewis
69 ZOO
O mundo perturbador do inglês Greenaway

Flashstar

70 SEDUÇÃO
O erotismo sutil de Fernando Trueba
71 MADAME BOVARY
Chabrol faz um retrato cruel da burguesia

COMÉDIAS

62 TEMPOS MODERNOS
Chaplin em sua criação mais atual
62 QUEM NÃO HERDA... FICA NA MESMA
Eric Idle e Rick Moranis em nonsense à inglesa
63 NADA É SAGRADO
O humor demolindo instituições

ESTRELAS

63 15 METROS DE MULHER
Daryl Hannah em tamanho gigante
64 OS HOMENS PREFEREM AS LOIRAS
Marilyn em versão tirana
65 TINA
Os altos e baixos da popstar
70 O PIANO
A atuação premiada de Holly Hunter
71 ANNA KARENINA
Garbo mostra seu magnetismo

UFI

DESENHOS

74 BAMBI
A obra revolucionária de Disney
74 VIDA DE CACHORRO
Um cão contra o tédio

AVENTURA

LK-Tel/Vídeo

O diretor Robert Rodriguez comanda Carlos Gallardo na cena de abertura

EL MARIACHI ★★★★

Mad Max mexicano

El Mariachi merece ser lembrado não só pelo fato de ter sido realizado com míseros US$ 7 mil – um dado discutível, mas que fez sua fama. Não importa. O filme é um divertido e inteligente exercício de cinema e economia, e não só porque o diretor também assina a co-produção, roteiro, fotografia, montagem, efeitos especiais, edição de som e das músicas e stills de divulgação.

É uma comédia de ação despretensiosa, ao mesmo tempo violenta e bem-humorada, ingênua – quase primitivista – e fashion (repare no quarto da heroína e nos telefones de última geração). A montagem ágil e a câmera nervosa lembram lições dos irmãos Coen e de Sam Raimi, assim como a violência estilizada nos remete a Sam Peckinpah e ao spaghetti de Sergio Leone.

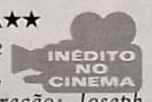
O filme é um qüiproquó tremendo causado por uma descrição que mete no mesmo balaio um assassino e um mariachi – um músico popular mexicano, espécie em franca extinção. Ambos se vestem de preto e carregam caixas de violão, mas com conteúdos obviamente diferentes. Em um cenário desértico e miserável, o mariachi é engolido por uma situação de grande perigo, transforma-se num Indiana Jones chicano e termina com um estigma meio Mad Max.

Rodriguez, que foi o melhor diretor estreante no Independent Film Awards deste ano, transmite o tesão que sente pelo cinema. Brinca com o espectador (só o "herói" – que mata mais que qualquer outro personagem da trama – e o vilão, o loiro Moco, têm olhos claros num elenco de latinos genuínos), usa como recurso piadístico a câmera acelerada e cria personagens empáticos (até mesmo o cão da heroína cativa o espectador). Ao final, agradece ainda a Alfonso Arau (*Como Água para Chocolate*), que realiza um cinema local bem diferente.

(México, 1993) Direção: Robert Rodriguez. Com Carlos Gallardo, Consuelo Gomez, Jaime de Hoyos, Peter Marquardt. 82 min. LK-Tel/Vídeo.

CHRISTIAN PETERMANN

SEDE DE VITÓRIA★★

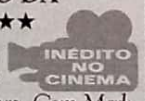


(To Be the Best, EUA, 1993) Direção: Joseph Merhi. Com Michael Worth, Martin Kove. 101 min. TV Vídeo.

Quem gosta de filmes de ação com kickboxing não vai se decepcionar com esta produção acima da média, em que o roteiro serve para construir situações de confronto entre heróis e vilões e para amarrar mais de vinte seqüências de lutas – recorde no gênero. Os membros da equipe americana de kickboxing lutam nas ruas e fazem inimigos que podem comprometer o desempenho do time no mundial da categoria. É claro que tem mulher no meio, ou os machões não teriam um ponto fraco. No caso, a namorada do número 1 da equipe é raptada, o que o obriga a perder a luta final. Como a união faz a força, alguém ajudará o campeão a se safar da chantagem.

FÁTIMA GIGLIOTTI

IRON & SILK – O REGRESSO DA ÁGUIA ★★★

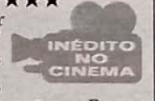


(Iron & Silk, 1990) Direção: Shirley Sun. Com Mark Salzman, Pan Qingfu, Jeanette Lin Tsu. 91 min. Europa/Carat.

O ator, escritor, músico e professor de kung-fu Mark Salzman lecionou inglês para professores chineses de 1984 a 86. O roteiro de *Iron & Silk*, baseado na autobiografia homônima de Mark, é fiel ao livro, já que dois dos personagens principais interpretam a si mesmos – Mark e seu mestre, o chinês Pan (hoje morando no Canadá e conhecido como "Punho de Ferro"), que concorda em aceitar um discípulo estrangeiro em sua academia de Wu-Shu. A desconhecida diretora Sun, apesar de insistir no ressentimento dos chineses com a experiência comunista, mostra com elegância o choque cultural entre Mark e seus herméticos alunos. Mais importante: mantém intacta a dignidade do Wu-Shu, não incluindo nenhuma cena de combate fora dos treinos.

NEI NEON

O SENHOR DOS VENTOS ★★★



(King of the Wind, Inglaterra, 1989) Direção: Peter Duffell. Com Navin Chowdhry, Richard Harris, Glenda Jackson. 98 min. LK-Tel/Vídeo.

Encantadora fábula sobre a amizade entre um adolescente mudo e órfão e seu fiel cavalo árabe. Em 1727, Agba trabalha para importante criador de cavalos e afeiçoa-se ao potro Sham. Quando alguns cavalos são escolhidos para presentear o rei da Tunísia, Sham está entre eles e o garoto o acompanha na viagem. É o início de uma grande aventura. Produção que prima pela bela fotografia e pela discrição na narrativa, que emociona sem ser piegas.

F. G.

SHERAZADE ★

(Sheherazade, França/Marrocos, 1990) Direção: Philippe de Broca. Com Catherine Zeta Jones, Gerard Jugnot, Vittorio Gassman. 89 min. LK-Tel/Vídeo.

A trama de *As Mil e Uma Noites* já se prestou a variadas adaptações. Aqui o veterano De Broca abusa do recurso de misturar épocas, contrapondo século 20 e antiga Pérsia. Mas as referências se confundem, e a originalidade vira armadilha. Sherazade (a bela Jones) escapa de ser morta por um rei com ajuda do gênio da lâmpada (Jugnot), exilado em Londres (!). Na fuga, a moça encontra Simbad (Gassman), antes de um providencial final feliz.

CESAR GARCIA LIMA

Jean-Claude Van Damme emprega seu jeito todo particular de lidar com o inimigo na estréia americana do chinês John Woo

O ALVO ★★★★★

John Woo acerta na mosca

Quem já viu outros filmes de John Woo diz que ele pode fazer melhor. Então vamos esperar esses filmes realizados em Hong Kong roendo as unhas de ansiedade, porque este *O Alvo* já basta para situá-lo como o melhor cineasta de ação em atividade no mundo.

Esses fãs de Woo desfazem do roteiro escrito por Chuck Pfarrer, que consideram vulgar. Aí já dá para discordar. Na história de Pfarrer, Jean-Claude Van Damme é um estivador que usa seus conhecimentos de artes marciais para enfrentar uma organização que promove safáris em que a caça são seres humanos. A idéia de matar um ser humano por simples prazer representa uma espécie de plenitude do mal. É como se todos os desejos fossem absorvidos pela destrutividade, como se todo o ideal civilizatório encontrasse sua negação mais pura.

Estamos num terreno pantanoso, mas de modo algum vulgar. E é de admirar a maneira como, em seu filme, John Woo coloca em evidência a sordidez das pessoas e dos ambientes, jogando o espectador no centro de um pesadelo desde a primeira cena: é um mundo de agonia, destituído de qualquer valor, prestes a se esfarelar por falta de força interior.

Woo é um cineasta que faz o cinema popular reencontrar seu sentido, tirando-o do terreno medíocre das perseguições inconseqüentes – tipo *Duro de Matar* – para recolocá-lo na trilha das grandes tragédias.

Mas é também um chinês: sabe perfeitamente que a violência é um meio e não um fim, e que o cinema popular é uma questão de beleza, não de pancadaria (ou antes, que até na pancadaria deve haver beleza). Daí o espantoso encanto da seqüência final, em que Van Damme duela com os vilões em um barracão: ele encena uma luta de vida e morte com a delicadeza e o refinamento de um velho balé de Minelli. Boas vindas, John Woo. *O Alvo* pega na mosca.

(Hard Target, EUA, 1993) Direção: John Woo. Com Jean-Claude Van Damme, Lance Henriksen, Yancy Butler. 99 min. CIC.

INÁCIO ARAÚJO

AVENTURA/WESTERN

POR UM PUNHADO DE DÓLARES ★★★★★

Nasce o estranho sem nome

Talvez o lançamento em vídeo de *Por um Punhado de Dólares* provoque no espectador uma certa sensação de *déjà vu*. Quando Os *Brutos Também Amam*, de George Stevens, chegou ao vídeo, foi a mesma coisa: "Só tem clichê", diziam. É que as boas idéias de *Shane* foram tantas vezes imitadas, citadas e copiadas que acabaram se convertendo em clichês. *Por Um Punhado de Dólares* também.

Na verdade, as principais características do western-spaghetti estão aí: as vinhetas sonoras de Enio Morricone, os big closes de Sergio Leone, a desconstrução satírica do western clássico de Ford e Hawks, a violência estilizada que influenciou Sam Peckinpah e Samuel Fuller e, principalmente, a figura do estranho sem nome, marca registrada de Clint Eastwood, forjada neste filme. Sim, Shane também era um estranho "sem nome", mas cavalgava em outras pradarias. Ele compra uma briga que não é sua porque é, no fundo, um bom rapaz. Já o estranho de Eastwood-Leone age sem nenhum objetivo claro. Só lhe interessa lucro pessoal e despachar mexicanos para o inferno (não é difícil; o México não fica muito longe).

Como o samurai Yojimbo (no qual o filme é baseado), o pistoleiro não tem passado nem futuro, é um anti-herói existencialista, um fantasma. Todo o ciclo do spaghetti (que começa aqui e termina por volta de 1972) foi feito em cima desses pressupostos. *Por Um Punhado de Dólares* é tão bom que foi copiado, citado, imitado e satirizado inúmeras vezes. Afinal, é assim que nascem os clichês.

(Per un Pugno di Dollari, Itália/França/Espanha, 1964) Direção: Sergio Leone. Com Clint Eastwood, Gian-Maria Volonté. 96 min. Reserva Especial

EDSON ARANTES

Clint Eastwood contempla o Oeste na companhia habitual de sua arma

Joel McCrea, Mariette Hartley e Ronald Starr enfrentam a maldição do ouro

HERÓIS DA RESISTÊNCIA ★★★

INÉDITO NO CINEMA

(Drengen far Sankt Petri, Dinamarca, 1991) Direção: Soren Kragh-Jacobsen. Com Tomas Villum Jensen, Nikolaj Lie Kaas. 110 min. Europa/Carat.

O diretor é o primeiro a afirmar que esta história já foi contada diversas vezes. Mas ele achou importante reconstituir os passos do primeiro grupo de resistência a surgir, em 1942, entre jovens dinamarqueses contra a presença nazista, já que os adolescentes do país não conheciam esses fatos. Ao mesmo tempo, em 1991 o mundo via a queda do Muro de Berlim e a invasão das ruas de Pequim pelos estudantes. Era o momento propício para realizar esta obra modesta, mas vigorosamente apoiada no elenco de novatos.

CH.P.

PISTOLEIROS DO ENTARDECER ★★★★★

Nos limites da ética

Lembre, primeiro, do Sam Peckinpah de *Meu Ódio Será Sua Herança*. Também aqui o Oeste agoniza, invadido por um progresso que coloca à margem seus velhos pistoleiros. Também aqui existe a constatação de que entre o Bem perfeito e o Mal absoluto há uma ampla zona de sombra, a ser ocupada pelos homens.

As semelhanças ficam por aí. Em *Pistoleiros do Entardecer*, ao contrário, Peckinpah trabalha o faroeste crepuscular num registro estritamente clássico, para narrar a história do velho homem da lei (Joel McCrea) que junta-se ao velho amigo (Randolph Scott) a fim de transportar até um banco o ouro extraído numa mina.

Se McCrea está interessado no pagamento de US$ 20 ao dia, Randolph quer pôr a mão na bolada e romper com a humilhante pobreza com que o mundo contempla os homens que defendem a lei. O conflito desenvolve-se nos limites da ética. É normal, já que o Oeste é também uma fronteira, onde todos os paradoxos são convocados a dar sua palavra.

Não por acaso, a mais bela cena do filme, central para o conflito, é um casamento realizado em um prostíbulo. Nesse contato entre o puro e o impuro, o nobre e o corrompido, há a força de uma cena de Stroheim. Também Peckinpah nos fala de ouro e maldição. Mas também da maturidade, da beleza, do equívoco, da morte, da virtude perdida e reencontrada. *Pistoleiros* é um dos maiores filmes de um grande diretor.

(Ride the High Country, EUA, 1962) Direção: Sam Peckinpah. Com Randolph Scott, Joel McCrea, Ronald Starr. 95 min. Concorde/Tocantins.

INÁCIO ARAUJO

DA TERRA NASCEM OS HOMENS ★★★

(The Big Country, EUA, 1958) Direção: William Wyler. Com Gregory Peck, Charlton Heston, Jean Simmons, Burl Ives. 155 min. Concorde/Tocantins.

Grandioso é a melhor palavra para definir este filme sobre um cavalheiro do Leste (Peck) que vai para o Texas casar-se com a filha de um grande proprietário. As coisas vão bem até os primeiros dois terços de filme, dedicados a explorar com humor as diferenças entre a ética do almofadinha e a violência com que se resolvem – ou se prolongam – os conflitos entre os brutos locais. É quando esses conflitos dão uma guinada abrupta para o drama que o diretor Wyler perde o controle sobre o ritmo. Mas ainda assim há bons momentos e um elenco carismático, com menção honrosa para Peck, o perfeito *gentleman*, e Heston, um caubói rude.

I.B.

Europa/Carat

Brad agarra Juliette numa das poucas brincadeiras inofensivas de *Kalifornia*

KALIFORNIA ★★★

Receita bem pensada

O filme não emplacou quando exibido em telas brasileiras, mas encontrará seu público com o lançamento em vídeo. Afinal, foi calculado em minúcias para agradar ao espectador "moderno".

A receita: 1) diretor oriundo dos videoclips, o que chama a atenção das revistas jovens e resulta em apuro visual; 2) um (então) casal de atores, os bonitinhos Brad Pitt e Juliette Lewis, aqui ensebados e caipiras para provar talento; 3) roteiro sobre *serial killers* – em voga desde o Oscar de *O Silêncio dos Inocentes* – disfarçado de "estudo sociológico"; 4) o tema associa-se a uma sensualidade latente, carregada de simbolismos fálicos óbvios, como armas; 5) é um *road movie*, o que permite casar paisagens desérticas com cenários urbanos úmidos e sombrios.

A boa produção facilita a digestão, e o filme ensaia seus passinhos de cult, até chegar a hora do hediondo final – no qual mais uma vez o vilão ultrapassa seus limites de psicopata humano para chegar às raias de super-homem do mal. Bobagem.

(EUA, 1993) Direção: Dominic Sena. Com Brad Pitt, Juliette Lewis, David Duchovny, Michelle Forbes. 117 min. Europa/Carat.

CHRISTIAN PETERMANN

MEDO DE ESCURO ★★ INÉDITO NO CINEMA

(Afraid of the Dark, Grã-Bretanha/França, 1991) Direção: Mark Peploe. Com James Fox, Fanny Ardant, Ben Keyworth. 92 min. LK-Tel/Vídeo.

Primeiro filme do roteirista Mark Peploe (*O Último Imperador*) e raro trabalho de Fanny Ardant no cinema. Pena que a viúva do cineasta François Truffaut seja desperdiçada nesta fantasia um tanto confusa, criada a partir do mundo do pequeno Lucas (Keyworth). Ele é um garoto londrino à beira da cegueira, que confunde sua própria doença com a realidade. A proposta é rica e literária, mas o resultado é decepcionante.

C.G.L.

A VÍTIMA POR TESTEMUNHA ★★

(Eaux Profondes, França, 1981) Direção: Michel Deville. Com Isabelle Huppert, Jean-Louis Trintignant. 90 min. Paris.

Adaptação em clima "cabeça" do livro *Águas Profundas*, de Patricia Highsmith. Huppert é a fútil e voluntariosa Mélanie, que joga com o marido Vic (Trintignant) atraindo para dentro de casa seus incontáveis amantes. Mas nem Mélanie é tão dona da situação quanto parece, nem Vic é tão paciente ou manso quanto ostenta em público. A história é de primeira mas, até por obrigação de simplificar a trama em sua adaptação para o cinema, o diretor Deville (de *Perigo no Coração*) traduz a frieza e a secura com que Highsmith trata seus personagens em uma afetação bem francesa. Vale pelos intérpretes.

I.B.

ENGANO MORTAL ★★★ INÉDITO NO CINEMA

(Deadfall, EUA, 1993) Direção: Christopher Coppola. Com Michael Biehn, James Coburn, Nicolas Cage, Peter Fonda, Charlie Sheen, Talia Shire. 98 min. Alpha.

Mais um integrante do clã dos Coppola entra para o cinema, acumulando as funções de diretor, co-produtor e co-roteirista e se fazendo acompanhar do afilhado do veterano Francis, Nicolas Cage, e da irmã deste, Talia Shire. É um thriller com conclusão surpreendente e personagens bizarros que, com atores deste naipe, pretende se tornar cult. A direção, porém, carece de paixão e ritmo. Biehn interpreta um golpista que, depois de provocar sem querer a morte do pai (Coburn), descobre a existência de um tio gêmeo, também trambiqueiro. Entre os tipos estranhos, um vilão com garras de aço no lugar das mãos, um Nicolas Cage seboso, descontrolado e deliciosamente irritante e Charlie Sheen como um – acredite! – elegante e charmoso jogador de sinuca.

C.H.P.

NCA

Johanna Ter Steege, indefesa, pouco antes de sumir misteriosamente

O SILÊNCIO DO LAGO ★★★★ INÉDITO NO CINEMA

O original, bem superior

Este é um caso raro: o mesmo diretor que realizou o sucesso estrangeiro original incumbiu-se também de sua refilmagem americana. O holandês Sluizer, porém, caiu nas armadilhas de Hollywood e reduziu seu grande filme a uma fitinha de suspense com clímax sanguinolento.

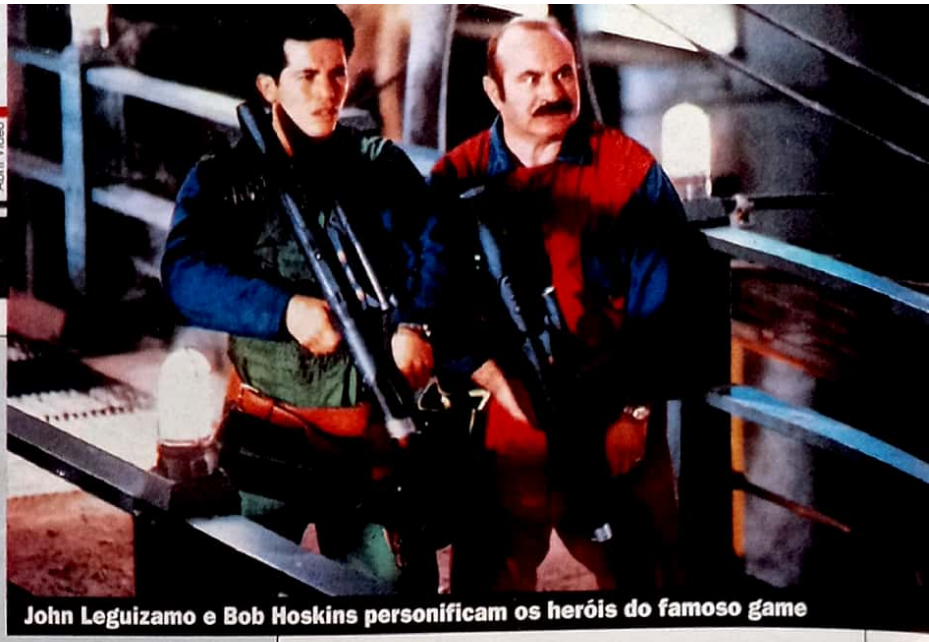
Felizmente chega ao vídeo a primeira leitura do romance *The Golden Egg*, de Tim Krabbe, na qual o diretor foi co-responsável pela produção, roteiro e montagem. Este asfixiante estudo psicológico de um crime alcançou sucesso mundial e levou os principais prêmios da Academia holandesa. O final é do balaco.

Tente saber o mínimo possível sobre a história, principalmente se você não assistiu à fita americana. Este thriller revela logo o criminoso, mas o que interessa é a maquinação do ato e o cruzamento dos personagens. Casal de namorados viaja pela França; durante uma parada num posto, logo após uma briga, a garota desaparece. O amante a procura durante três anos, até que finalmente conhece o perpetrador do crime e se dispõe a saber suas motivações. Um choque.

(L'Homme qui Voulait Savoir, França/Holanda, 1988) Direção: George Sluizer. Com Bernard-Pierre Donnadieu, Gene Bervoets, Johanna Ter Steege. 103 min. NCA.

CHRISTIAN PETERMANN

Abril Vídeo



John Leguizamo e Bob Hoskins personificam os heróis do famoso game

TERROR/FICÇÃO

SUPER MARIO BROS. ★★

Fique com o game

Filme-videogame. Essa nova escola do cinema, inaugurada por *O Exterminador do Futuro* e *Tartarugas Ninjas*, atinge um novo patamar. Pela primeira vez, um personagem de videogame ganha carne e ossos e é transportado para o celulóide. O resultado é um filme com muitos pulos, escorregões, itens especiais, chefes e subchefes.

Mario e seu irmão Luigi têm que salvar a princesa Daisy, capturada pelo rei Koopa, que quer abrir uma porta para nossa dimensão e dominar a Terra. Essa é a sinopse. Não se pode dizer que os roteiristas não tenham sido fiéis ao original. Tiveram até um bom trabalho para explicar os cogumelos que dão uma força a Mario no videogame e como um encanador do Brooklin foi parar em uma dimensão povoada por homens-dinossauros.

Bob Hoskins está perfeito como Mario, e Dennis Hopper faz um rei Koopa assustador. Os outros personagens são totalmente bidimensionais, como um game de oito bits. O filme tem um clima esquisito, não muito comum em filmes infantis, e o final traz um gancho descarado para *Super Mario Bros. 2*.

(EUA, 1993) Direção: Rocky Morton, Annabel Jankel. Com Bob Hoskins, Dennis Hopper, John Leguizamo, Fiona Shaw. 104 min. Abril Vídeo.

HEINAR MARACY

PROJETO FILADÉLFIA 2 ★★★
(Philadelphia Experiment II, EUA, 1993) Direção: Stephen Cornwell. Com Brad Johnson, Gerrit Graham. 96 min. Alpha.

INÉDITO NO CINEMA

O primeiro filme narra a história de um bombardeiro naval que desaparece devido a experimentos com um radar, fazendo com que um marinheiro caia no temível ano de 1984 – alusão à obra de George Orwell. Agora o cidadão perdido, David, ainda procura seu espaço no tempo. O Projeto Filadélfia é retomado, e lá vai David sendo arremessado para 1993. A aventura tem um ritmo por vezes lento, mas o efeito claustrofóbico é convincente, e o cenário e enquadramentos têm a melhor inspiração dos quadrinhos adultos.

WALTER DE SILVA

A INOCENTE FACE DO TERROR ★★★
(The Other, EUA, 1972) Direção: Robert Mulligan. Com Uta Hagen, Diana Muldaur, Chris e Martin Udvarnoky. 100 min. Abril Vídeo.

Causou muito mais arrepios à época de sua estréia do que poderia provocar hoje este ensaio frio sobre um menino dominado por seu diabólico gêmeo. Desde então, o tema da perversidade infantil vem sendo ao mesmo tempo banalizado – por filmes como *O Anjo Malvado* – e tornado ainda mais assustador – por episódios como o dos dois meninos que assassinaram um bebê na Inglaterra. Ainda assim, a narrativa sintética do diretor Mulligan e as tintas sobrenaturais com que colore sua história garantem duas horas de interesse.

I.B.

DOLLMAN CONTRA OS BRINQUEDOS DIABÓLICOS ★★
(Dollman vs. The Demonic Toys, EUA, 1993) Direção: Charles Band. Com Tim Thomerson, Tracy Scoggins. 61 min. CIC.

INÉDITO NO CINEMA

A curtíssima duração e escurecimentos regulares dão a impressão de tratar-se de um piloto para uma telessérie do produtor B Charles Band, ainda mais se considerarmos que a história mistura personagens de três outros filmes da Full Moon Productions. O herói (Thomerson), um humanóide alienígena minúsculo, vem de *Dollman – 33 cm. de Altura... e Atira!*; a heroína, uma terráquea miniaturizada, vem de *O Alien do Mal* (cujo final já previa o encontro com Dollman); e os vilões, bonecos animados, são oriundos de *Brinquedos Diabólicos*, de onde também saiu a policial interpretada por Scoggins. Parece uma festa para os fãs de Band, mas o filme se atropela em histórias paralelas e reserva pouco espaço para o suspense.

CH. P.

Warner

Sylvester Stallone, nu, entra na geladeira

O DEMOLIDOR ★★

Egotrip pateta

Algo está errado quando o melhor do filme é a inacreditável seqüência de abertura. Depois de apresentar John Spartan (Stallone), um policial nada ortodoxo, e Phoenix (Wesley Snipes), um homicida sádico e inteligente, um prédio explode e trinta inocentes morrem. Herói e vilão são congelados, uma punição criogênica *sui generis*. Entram os letreiros e Stallone, nu, é exibido na câmara de congelamento em posição fetal, e o diretor Marco Brambilla passeia a sua câmera lenta pelos músculos do astro. Quem gosta de halterofilistas vai gozar.

Mas é só. A ação passa para 2032, quando Phoenix é reanimado numa sociedade pacífica e desarmada. O governo tem que descongelar Spartan, único opositor à altura. A história se desenvolve em tom de humor – mas humor patético, antiquado. A coisa fica pior com a direção de arte, esta sim uma verdadeira piada. Para que viver num mundo com carros de três rodas, lerdos e balançantes? E que castigo merecemos para viver numa sociedade que não beija nem faz sexo? Melhor demolir tudo e começar do zero.

(Demolition Man, EUA, 1993) Direção: Marco Brambilla. Com Sylvester Stallone, Wesley Snipes, Sandra Bullock, Nigel Hawthorne. 120 min. Warner.

CHRISTIAN PETERMANN

TOM CRUISE

Resistir ao poder pode ser fatal.
Muita ação, num filme arrebatador.

UM FILME DE SYDNEY POLLACK

A FIRMA

THE FIRM

Paramount

COMÉDIA

TEMPOS MODERNOS ★★★★★

Mundo cruel

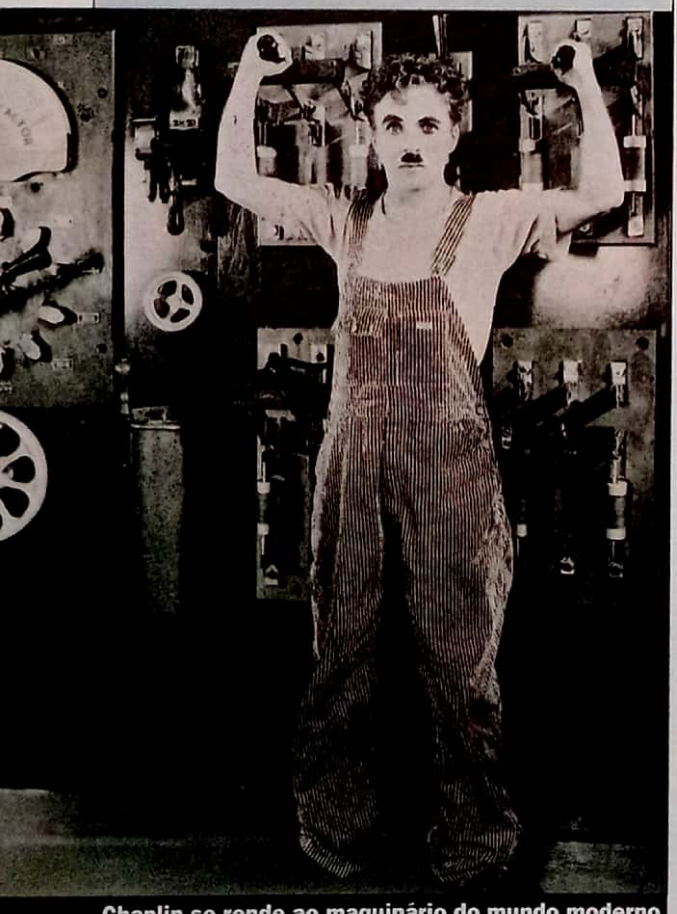
Nenhum diretor resistiu mais ao sonoro do que Charles Chaplin: ele sabia que esse avanço tecnológico era a morte de seu Carlitos. Por isso mesmo, fez *Tempos Modernos* sem diálogos, apoiado essencialmente na música. Não por acaso, é também um filme contra o avanço tecnológico, em que Carlitos é um operário às voltas com a crueldade do maquinário e as exigências da indústria.

Esse motivo ajudou Chaplin a fazer, aqui, algumas de suas gagues mais inesquecíveis, que triunfam com facilidade sobre seu lado meio sentimentalóide. Mas o que se desenha neste filme, que o faz genial, não é o humanismo fácil. É, sim, a crítica aguda da modernidade, a percepção de que este mundo do progresso, aparentemente triunfante, vive no abismo do desequilíbrio, à beira de um desarranjo brutal, prestes a desintegrar-se, vítima não de uma ameaça externa, mas de si mesmo.

Sob esse aspecto, não é exagero dizer que este é o mais atual dos Carlitos. Aqui, sua mímica transforma o impossível em possível, o inacreditável em matéria.

(Modern Times, EUA, 1936) Direção: Charles Chaplin. Com Chaplin, Paulette Goddard, Henry Bergman, Chester Conklin. 89 mm. Continental.

INÁCIO ARAUJO



Chaplin se rende ao maquinário do mundo moderno

Depp e Masterson aprendem a conhecer suas respectivas esquisitices

QUEM NÃO HERDA... FICA NA MESMA★★★

INÉDITO NO CINEMA

(Splitting Heirs, EUA/Inglaterra, 1993) Direção: Robert Young. Com Rick Moranis, Eric Idle, Barbara Hershey, Catherine Zeta Jones, John Cleese. 86 min. CIC.

Quem achar que a presença de Eric Idle e John Cleese no elenco é sinônimo de Monty Python vai se decepcionar. Mas quem estiver à cata de uma comédia simpática para matar um domingo de preguiça não vai ter do que reclamar: malhado pela crítica devido ao excesso de expectativas, *Quem Não Herda...* funciona bem em vídeo na base do nonsense e do pastelão. Eric Idle é um corretor financeiro que, apesar de seus olhos azuis, acha que é indiano. Prestes a ser despedido, fica amigo do novo diretor da companhia (Moranis), um nobre herdeiro inglês criado nos EUA junto à sua peruíssima mãe (Hershey, ótima). Seu novo patrão tem uma história curiosa: foi esquecido ainda bebê num restaurante (seus pais eram hippies e estavam chapados) e reencontrado dias depois numa cabine telefônica. Parece ser o início de uma grande amizade, até que Idle começa a achar que é ele o verdadeiro bebê esquecido e contrata os serviços de uma advogado mau-caráter (Cleese) para dar um jeito no falso nobre. Como se vê, não é para rir a sério mesmo. Mas, entre uma ou outra piada mal-sucedida, salva-se pelo menos uma dúzia de boas gagues para garantir a locação da fita.

I.B.

BENNY & JOON – CORAÇÕES EM CONFLITO ★★★★

Sedução suave e silenciosa

Este é o tipo de filme que conquista aos poucos, silenciosamente, e quando menos espera o espectador está entregue, vulnerável a seus valores e sentimentos. O sorriso é dos mais agradáveis, o choro é dos mais sinceros, o deleite é absoluto.

O estranho é que o pouco experiente diretor Chechik (de *Férias Frustradas de Natal*) conseguiu esse equilíbrio trabalhando apenas com personagens desajustados e um entrecho que beira o improvável. Aidan Quinn é um mecânico solitário que dedica sua vida à irmã (Masterson), emocionalmente instável; um parceiro ideal surge na figura de Johnny Depp, esplêndido no papel de artista performático que se considera a reencarnação de Buster Keaton; para completar, a bela Julianne Moore faz uma vizinha sensível que se apaixona por Quinn.

Esse quadrado preenche a tela de forma melancólica e um tanto amarga, mas cujo desenrolar se dá em tons luminosos. O casal formado por Depp e Masterson é dos mais encantadores do cinema recente, e seus incomuns jogos de sedução são pura poesia.

(Benny and Joon, EUA, 1993) Direção: Jeremiah Chechik. Com Johnny Depp, Mary Stuart Masterson, Aidan Quinn, Julianne Moore, Oliver Platt. 99 min. Warner.

CHRISTIAN PETERMANN

A DÉCIMASEGUNDA NOITE ★★★

(The Twelfth Night, Inglaterra, 1968) Direção: John Dexter. Com Alec Guinness, Tommy Steele, Ralph Richardson, Joan Plowright. 100 min. Top Tape.

Montagem teatral para TV. A peça caminha no terreno fluido das tiradas de duplo sentido, da malícia inteligente que acompanha as crônicas amorosas shakespearianas. Os coadjuvantes são o destaque – em especial Guinness, que interpreta Malvólio. Na ilha de Ilíria, o governador Orsino está apaixonado por Olívia, dama que chora a morte do irmão e jura manter luto por sete anos. Uma jovem náufraga chega à ilha e se traveste de Cesário para conquistar um cargo no castelo. O ardil dá certo: Orsino confia em Cesário a ponto de mandá-lo à casa de Olívia declarar seu amor. Tudo se complica quando a mulher amada se apaixona pelo pajem, e não pelo patrão.

F.C.

NADA É SAGRADO ★★★★

Quem engana quem?

Nada É Sagrado é uma dessas comédias devastadoras dos anos 30 que, à força de riso, demoliam instituições. A instituição, no caso, é o jornalismo, representado pelo repórter Fredric March, disposto a tudo por um furo. Sua personagem perfeita é Carole Lombard, garota do interior supostamente vítima de radiação e, por conta disso, condenada à morte. March traz a moça a Nova York e a transforma em heroína nacional. A essa altura ela já sabe que não fora vítima de radiação nenhuma, mas leva a farsa adiante, apenas porque quer conhecer Nova York. Que importa? O caso faz o país se banhar em lágrimas de crocodilo e o jornal vende adoidado.

É como se o filme perguntasse quem engana quem, num mundo onde todos trapaceiam em tempo integral. E é como se o Tartufo desembarcasse em 1937, com humor e rigor, para mostrar um mundo que, de tão corrompido, já não pode distinguir – nem produzir – o falso e o verdadeiro: só cria e só absorve o vazio. Em 1937, mas também poderia ser em 1994. *Nada É Sagrado* não só é uma bela comédia, como atualíssima.

(Nothing Sacred, EUA, 1937) Direção: William Wellman. Com Carole Lombard, Fredric March, Walter Connoly, Charles Winninger. 75 min. VTI.

INÁCIO ARAÚJO

A mentira ronda o amor de Lombard e March

Hannah aproveita que tamanho é documento e diverte-se em cenário fake

METEOR MAN ★★★

(The Meteor Man, EUA, 1993) Direção: Robert Townsend. Com Townsend, Marla Gibbs, Leon. 127 min. Warner.

Primeiro ponto: super-herói para crianças até dez anos. Segundo: efeitos especiais a cargo de George Lucas. Terceiro: acaba divertindo aos adultos. Então, não espere muito desta aventura sobre um professor covardão (Townsend) que ganha superpoderes depois que um meteoro cai sobre ele. Como todo super-herói tem uma supermãe, a de Townsend insiste que ele se torne Meteorman e defenda o bairro de uma gangue – tornando-se o maior herói de Washington. Vale conferir.

D.P

15 METROS DE MULHER ★★

INÉDITO NO CINEMA

Fábula feminista

Não bastasse já ser um mulherão, a rica e desprezada Nancy Archer (Daryl Hannah) é a escolhida por alienígenas misteriosos para se tornar uma gigante e aterrorizar a população de uma cidadezinha. Pior para o maridão, Harry (Daniel Baldwin) – que tem o hábito de pular a cerca com uma prima da mulher –, ou para o pai (William Windom), que a trata como uma incapaz. Esta refilmagem do clássico trash dirigido por Natan Hertz em 1958 reinterpreta a vingança da mulher gigante. Algumas coisas foram mudadas (inclusive o final) para transformar o roteiro descabeçado do original em uma fábula feminista.

O resultado é morno, sem o humor ingênuo provocado pela ruindade absoluta do filme de Hertz (um dos dez piores da história, com certeza). Pelo menos a produção barata manteve o padrão (baixo) dos efeitos especiais.

(Attack of the 50 ft. Woman, EUA, 1993) Direção: Christopher Guest. Com Daryl Hannah, Daniel Baldwin, William Windom. 100 min. Look.

MARCOS SMIRKOFF

Marilyn e Jane Russell exibem seus atributos

OS HOMENS PREFEREM AS LOIRAS ★★★★★

Tratado sobre os sexos

A modéstia não era a maior das virtudes de Howard Hawks. O diretor de *Os Homens Preferem as Loiras* tinha a ambição de fazer uma obra-prima em cada gênero. Mas, como sabia o que estava fazendo, acabou conseguindo: esta é uma das grandes comédias musicais já feitas, embora longe dos faustos da Metro (a produção é da Fox).

Que importa? Há duas belas garotas subindo e descendo escadas deliciosamente. Há a loira Lorelei/Marilyn olhando os homens como meros intermediários entre ela e os diamantes. Há Dorothy/Jane Russell como a morena que corre atrás do amor romântico (se possível de um rapaz musculoso).

Há, por fim, as duas garotas, cada uma dominando e tiranizando os homens à sua maneira e impondo a inteligência feminina para o amor sobre o masculino, ao longo de uma série de confusões. Que mais se pode pedir? Sim, claro, Hawks, dirige com seu conhecido rigor e aquela falsa simplicidade que disfarça, sob a capa do musical, um pensamento agudo sobre a vida (se os homens preferem as loiras é porque Marilyn se propõe aqui como a mulher que concebe a si própria como obra de arte). Este filme é também uma obra de arte, grande, na forma de tratado sobre as relações entre os sexos e a inteligência feminina. Não nega o que disse Godard uma vez: Hawks é o maior artista americano do século.

(Gentlemen Prefer Blondes, EUA, 1953) Direção: Howard Hawks. Com Jane Russell, Marilyn Monroe, Charles Coburn, Elliott Reid. 91 min. Abril Vídeo.

INÁCIO ARAUJO

ZENÓBIA ★★★

(Zenobia, EUA, 1939) Direção: Gordon Douglas. Com Oliver Hardy, Harry Langdon, Billie Burke, Step'n Fetchit. 65 min. VTI.

Uma bem-acabada e singela comédia marca a única aparição na tela de Oliver Hardy sem seu amigo Stan Laurel. Em *Zenóbia* a colorização ajuda e, de quebra, há uma hilariante e fascinante personagem, o negro Zero, interpretado por um ator com nome e voz para lá de estranhos, Step'n Fetchit. Zenóbia é a fêmea de elefante que passa a perseguir o médico Tibbett (Hardy), que a curou de uma doença. Tibbett não tem papas na língua e prefere cuidar de pobres a ricos. O problema é que sua filha vai se casar com o filho de uma ricaça da cidade a quem Tibbett disse algumas verdades. E Zenóbia não pára de seguilo (um elefante nunca esquece). Participação de Harry Langdon.

F.C.

INVESTIMENTO ARRISCADO★★

(Strictly Business, EUA, 1991) Direção: Kevin Hooks. Com Halle Berry, Tommy Davidson. 87 min. Europa/Carat.

INÉDITO NO CINEMA

Se você pensa que bailes funk são privilégio do subúrbio carioca, assista a esta comédia romântica e despretensiosa passada em Nova York. Ela narra as agruras de um empresário negro em ascensão que está prestes a ser promovido a sócio – desde que feche um milionário negócio – mas se apaixona por uma cantora de bailes funk e rap. Para conquistá-la, ele precisa perder a pose de yuppie e aprender a dançar, no que conta com a ajuda do boy da empresa. O trunfo é a harmonia do elenco e a beleza de Berry, que já encantara Eddie Murphy em *O Príncipe das Mulheres*.

F.G.

MUSICAL

ADORÁVEL PECADORA ★★★

Farsa lânguida

Não faltaram talentos para cercar o encontro cinematográfico de Marilyn com o francês Montand, estreando em Hollywood: o coreógrafo Jack Cole, o roteirista Norman Krasna e Cukor, diretor então merecidamente consagrado por vários filmes, entre os quais alguns musicais românticos como este. Mas o resultado acabou sendo lânguido, comprometido por uma história apoiada no desgastado esquema da falsa aparência.

A farsa é provocada por Clement (Montand), bilionário que vai ser objeto de paródia num espetáculo *off-Broadway*. Sob nome falso, apresenta-se candidato ao papel. Desajeitado, toma aulas de humor, canto e dança com Milton Berle, Bing Crosby e Gene Kelly (os próprios). Nesse contexto nasce o amor entre ele e a corista Amanda. A personagem traz características de outras figuras interpretadas pela atriz e que são próprias dela, a julgar pelo que se sabe: ingenuidade, falta de cultura e vontade de se aprimorar. O penúltimo filme de Marilyn vale justamente por sua presença cheia de candura e malícia (evidente quando canta "My Heart Belongs to Daddy"); sua espontaneidade é marcante nas cenas de amor e ternura com Montand – se bem que, na vida real, a atração foi mais forte.

(Let's Make Love, EUA, 1960) Direção: George Cukor. Com Marilyn Monroe, Yves Montand, Tony Randall, Frankie Vaughan. 118 min. Abril Vídeo.

ALFREDO STERNHEIM

Marilyn ensina um embevecido Montand a cantar

Bassett interpreta Tina e faz sua carreira decolar

TINA ★★★★

Montanha-russa

A tentação de pintar a rainha do rhythm'n'blues Tina Turner como uma vítima de seu descobridor, marido e algoz Ike Turner pode ter sido grande, mas o diretor inglês Brian Gibson não caiu nesse erro e fez uma cinebiografia inteligente, sensível e, por que não, comovente. Explicação: não é fácil contar a história de alguém que levou surras homéricas nos bastidores enquanto o marido enchia o bolso com o dinheiro que vinha de seu talento.

Ao contrário do que se possa esperar, *Tina* (baseado na autobiografia escrita a quatro mãos pela própria e por Kurt Loder) é uma alegria, como é o balanço do blues e do rock'n'roll que esta cantora de 54 anos vem entoando desde os 18, quando ainda era Anna Mae Bullock e cantava com a banda The Kings of Rythm nos bares de St. Louis, Tennessee.

E é essa trajetória de quatro décadas, cheia de altos e baixos, que se vê na tela. Muito da perfeição dessa montanha-russa se deve a Angela Bassett e Laurence Fishburne – eles não poderiam viver com mais intensidade os personagens de Tina e Ike. Merece destaque a pequena atriz Rae'Ven Kelly, como a Tina ainda garotinha – logo no início do filme ela mostra que Anna Mae seria um dia uma grande estrela.

(What's Love Got To Do with It?, EUA, 1993) Direção: Brian Gibson. Com Angela Bassett, Laurence Fishburne, Rae'Ven Kelly, Jenifer Lewis, Phyllis Yvonne Stickney. 100 min. Abril Vídeo.

DEBORAH PELEIAS

RITMO E BLUES – O SONHO DO SUCESSO ★★★

(The Five Heartbeats, EUA, 1991) Direção: Robert Townsend. Com Townsend, Michael Wright, Leon. 121 min. Abril Vídeo.

Townsend é um dos diretores negros mais importantes em atividade nos EUA (ver *Meteor Man* nesta mesma edição). Ele não tem a ambição artística nem muito menos o peso político de Spike Lee. Seus filmes, que tendem para o humor, retratam a condição negra de forma leve e sem ranço. Para uns, ponto positivo, para outros, seu grande defeito. Ele cria aqui uma fantasia sobre a ascensão e queda de um quarteto vocal de rhythm' n'blues. Dá-se melhor nas passagens bem-humoradas, pois nos momentos dramáticos pesam em grossas pinceladas os clichês e certa falsidade emocional. O conjunto, porém, ganha com uma trilha sonora saborosa (de Stanley Clarke) e a excelente atuação de Wright (*O Exército Inútil*), como o integrante viciado em drogas.

C.P.

OS ANOS DA DANÇA – UMA PEÇA MUSICAL ★

(The Dancing Years – A Musical Play, Inglaterra) Direção: Richard Bramall. Com Anthony Valentine, Susan Skipper. 165 min. Top Tape.

Telefilme sobre a vida do compositor austríaco Rudikleber (Anthony Valentine) e sua conturbada história de amor com a cantora lírica Maria (Celia Gregori). O roteiro começa nos anos 10 e passa pelos principais momentos da história da Europa – incluindo a anexação nazista da Áustria. A produção para a TV não justifica o artificialismo, que impede que as cenas de musical enriqueçam o roteiro. O resultado, então, fica próximo ao novelão mexicano.

C.G.L.

FUNNY LADY ★★★

Dama sem graça

Continuação de *Funny Girl – A Garota Genial*, inferior àquele filme dirigido por William Wyler. Este dificilmente teria assinado a segunda parte, já que havia declarado jamais trabalhar novamente com Streisand, nem que lhe pagassem a maior fortuna. Mas não se diga que a culpa do resultado geral caiba totalmente a Ross, que foi o diretor das cenas musicais de *Funny Girl*. Ele fez um trabalho empenhado, de linguagem elegante. Só que o roteiro, mostrando a vida da cantora e atriz Fanny Brice (Streisand) após se divorciar do jogador Nick (Sharif) e em meio às dificuldades na carreira, não oferece consistência.

O filme vale pela fotografia de James Wong Howe, pela ambientação e pelos números musicais – em que Streisand se impõe como cantora e faz esquecer a atriz incontrolável que é em sua altivez constante. Brice merecia uma intérprete mais humilde e emocionante.

(EUA, 1975) Direção: Herbert Ross. Com Barbra Streisand, James Caan, Omar Sharif, Roddy McDowall. 138 min. LK-Tel/Vídeo.

ALFREDO STERNHEIM

Barbra Streisand esnoba James Caan em continuação inferior ao original

Dois momentos na vida do agente Clint: protegendo o presidente e, abaixo, numa pausa romântica com Rene Russo

POLICIAL

Fotos LK-Tel/Vídeo

NA LINHA DE FOGO ★★★★

Duelo de titãs

Um grande ator nunca perde o fôlego. Quando Clint Eastwood entra em cena você tem a certeza de que "the man" está na tela, faça ele Bronco Billy ou Dirty Harry. Para não falar dos famosos western-spaghetti. Por isso mesmo, para quem fez há pouco algo do porte de *Os Imperdoáveis*, *Na Linha de Fogo* pode parecer um projeto quase comprometedor – como se trombeteou quando o filme entrou em cartaz. Nada disso: é um thriller de suspense perspicaz. Além disso, tem um grande e malvado coadjuvante, John Malkovich (*Ligações Perigosas*), no papel de um psicopata disposto a assassinar o presidente dos EUA. Todo o filme se desenrola através do conflito entre o assassino e o ex-segurança do presidente Kennedy (Eastwood), que falhou em salvá-lo da morte naquele dia fatídico em Dallas.

Malkovich é um bambambã, mas Eastwood é um astro. Basta o espectador se lembrar de *Os Imperdoáveis*: quando todos pensavam que Gene Hackman o tinha aniquilado, ele reaparece e liquida a fatura com uma calma impressionante. Aliás, Eastwood é de longe o mais bem-acabado tipo de masculinidade em ação em Hollywood.

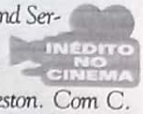
Na Linha de Fogo é muito eficiente nessa abordagem. Seja dedilhando "As Time Goes By" ao piano antes de correr atrás de Rene Russo (que está ótima), seja fazendo a garota baixar os olhos ao encará-lo, ou torcendo para que ela olhe para trás quando a moça se afasta dizendo que vai encontrar com outro. Ela olha, é claro. Mesmo na cama, ele não tira a camiseta. Não tira, e pronto. Os homens olham com inveja para ele, as mulheres têm inveja de Rene. E olhe que Malkovich está numa de suas melhores interpretações – só não levou o Oscar porque o papel não era politicamente correto.

O cerebral assassino do presidente que persegue o agente de segurança Eastwood vai receber uma lição. "Eu vi o que havia no fundo do seu olho, eu o conheço, você não escapa mais de mim", diz Eastwood a certa altura. Ponto final.

(In the Line of Fire, EUA, 1993) Direção: Wolfgang Petersen. Com Clint Eastwood, John Malkovich, Rene Russo, Fred Dalton Thompson, Dylan McDermott. 125 min. LK-Tel/Vídeo.

FRANCISCO COSTA

PROTEGER E SERVIR ★★★



(To Protect and Serve, EUA, 1992) Direção: Eric Weston. Com C. Thomas Howell, Lezlie Deane. 92 min. Europa/Carat.

C. Thomas Howell é contemporâneo de integrantes do *brat pack* que hoje são astros de primeira grandeza, como Tom Cruise. Embora ele seja melhor que muitos de seus colegas, Howell infelizmente hoje passa batido. Este policial serve para conferir seu talento. Sem aquela cara de garoto assustado de *A Morte Pede Carona*, ele faz um jovem oficial durão obrigado a conviver com policiais corruptos e violentos. Misteriosamente, os tiras criminosos vão sendo eliminados, numa ação carregada de violência.

W.S.

O ERRO FATAL ★★

(Hostage, EUA, 1992) Direção: Robert Young. Com Sam Neill, Talisa Soto. 96 min. LK-Tel/Vídeo.

Para o cinema, é uma pena que a Guerra Fria tenha acabado e levado com ela os bons motivos para produzir filmes de espionagem. Em *O Erro Fatal*, Sam Neill – que ainda não tinha feito *Jurassic Park* – vive uma espécie de dublê de 007, como um agente secreto inglês. Acostumado a cumprir ordens sem questioná-las, ele muda de opinião quando, numa missão de resgate, envolve-se com seqüestro de crianças. Para disciplinã-lo, o Serviço Secreto ameaça seqüestrar suas próprias filhas. A narrativa é confusa, o roteiro é improvável e a virada de Neill não tem pé nem cabeça: parece que seu erro fatal foi se apaixonar pela cunhada do principal suspeito, mas o romance não convence.

F.G.

ADEUS QUERIDA ★★
(Farewell My Lovely, EUA, 1975) Direção: Dick Richards. Com Robert Mitchum, Charlotte Rampling, John Ireland, Sylvia Miles, Harry Dean Stanton, Sylvester Stallone. 95 min. Top Tape.

O detetive Philip Marlowe, criado pelo escritor Raymond Chandler em 1939, chegou ao cinema na pele de Dick Powell em *Até a Vista, Querida* (44) e depois foi encarnado com perfeição por Humphrey Bogart em *À Beira do Abismo* (46). Robert Mitchum até faz justiça a seus antecessores, mas quem não segura a onda é o diretor, pois Chandler gostava de criar casos em que o detetive se mete num emaranhado de crimes, suspeitos e pistas falsas. O resultado desta história, em que Marlowe é contratado por um ex-presidiário para encontrar a ex-namorada, não tem a mesma força do longa de Howard Hawks e, por ser mal-amarrada, o espectador provavelmente se sentirá perdido entre tantas idas e vindas.

D.P.

DON JUAN★★
(EUA, 1926) Direção: Alan Crosland. Com John Barrymore, Mary Astor, Willard Louis. 111 min. Continental.

Alguém teve o cuidado de ver *Don Juan* pelo seu lado mais picante e contou nada menos do que 191 beijos dados por Juan/John Barrymore nas mulheres que passavam pelas imediações. Eram ninguém menos do que Mary Astor, Estelle Taylor, Myrna Loy e outras beldades do cinema mudo. Mudo, mas já agonizante. Em *Don Juan*, pela primeira vez a Warner usou o sistema Vitaphone para gravar a música e efeitos sonoros em sincronismo com a imagem. O feito técnico e o recorde de beijos são, na verdade, mais interessantes do que o filme dirigido por Alan Crosland: um capa-e-espada com toques de drama romântico que não perde a linha, nem é mais do que um exemplo do cinema produzido em Hollywood nos anos 20.

I.A.

BOPHA!★★★
INÉDITO NO CINEMA
(EUA, 1993) Direção: Morgan Freeman. Com Danny Glover, Malcolm MacDowell, Alfre Woodard, Maynard Eziashi. 121 min. CIC.

O apartheid sul-africano é um desses temas que o cinema já se acostumou a tratar de forma ambiciosa, como em *Um Grito de Liberdade*. Em sua estréia na direção, porém, o ator Morgan Freeman faz o caminho inverso e traz o conflito para dentro de casa, numa perspectiva homem-a-homem – no caso, pai e filho – carregada de tensão. Glover é o policial negro de uma *township* que vive em rara paz, até que um incidente traz a intervenção federal e seus métodos violentos – que servirão justamente para atear fogo à pólvora. No meio do incêndio, Glover e seu filho – que milita pelo fim da segregação – terão que buscar um ponto comum, algo impossível num país fraturado até a espinha.

I.B.

D R A M A

MALCOLM X ★★★
Épico da consciência

Depois de ver *Malcolm X*, o boxeador Mike Tyson intensificou suas leituras na prisão e garantiu que aproveitará o tempo atrás das grades para obter um diploma. Fez exatamente o que Spike Lee dizia esperar de seu épico: que os negros dos EUA aplicassem em seu dia-a-dia as idéias do ativista assassinado em 1965, aos 39 anos. No início do filme, uma bandeira americana em chamas transforma-se num X. Segue-se o célebre vídeo com o espancamento de RodneyKing em Los Angeles.

Lee transfere-se então para uma praia que decididamente não é a sua, a da biografia épica. Confessou ter usado como modelo *Lawrence da Arábia* e *Dr. Jivago*, de David Lean. Deu conta do recado, mas abdicou de sua marca pessoal. Lee e Arnold Perl assinam o roteiro, baseado num original de James Baldwin – por sua vez inspirado na *Autobiografia de Malcolm X*, escrita com Arthur Hailey. O filme cobre seus últimos vinte anos, da marginalidade em Boston à ascensão como líder negro, passando pela temporada na prisão que o converteu ao islamismo. Didático e reverente, usa também documentários e fotos de época. Mas deve boa parte de sua força à atuação magnética de Washington. Indicado ao Oscar, perdeu para Al Pacino. Nem o verniz épico à la *Gandhi* fez o perfume de *Malcolm X* seduzir a Academia.

(Malcolm X, EUA, 1992) Direção: Spike Lee. Com Denzel Washington, Angela Bassett, Albert Hall, Spike Lee. 201 min. Abril Vídeo.

SÉRGIO RIZZO

Abril Vídeo

O líder negro Malcolm X (Washington) percorre os caminhos do islamismo ao lado de Ossie Davis

A bela Julie Delpy encanta Sam Shepard

O VIAJANTE ★★★★

Sedução do acaso

Adaptar clássicos da literatura tem sido uma constante na carreira de Schlöndorff desde seu primeiro longa, *O Jovem Törless*, baseado no romance de Robert Musil. Günter Grass (*O Tambor*) e Marcel Proust (*Um Amor de Swann*) também lhe forneceram matéria-prima. O suíço Max Frisch juntou-se a esse grupo ilustre ao ter *Homo Faber*, seu "relato" existencialista de 1957, transformado em *O Viajante*. Em parte autobiográfico, o livro tem um personagem marcante, um engenheiro extremamente racional que se julga senhor do seu destino. Ao final, descobre sua importância diante do mundo pela via mais dolorosa, a da tragédia.

No filme, Walter Faber (Shepard) é um americano que, em 1957, tromba com o irmão de um amigo que não vê há décadas e dá início a um roteiro que passa pelo México, Nova York, Paris, interior da Itália e encontra seu desfecho na Grécia. Em flashbacks, recorda seu envolvimento com uma judia alemã (Sukowa). No presente, cai na estrada junto a uma garota (Delpy, irresistível). Schlöndorff acompanha a peça que o acaso prega em Faber com noção de ritmo dramático e sobriedade impecáveis. Um mestre de volta à plena forma.

(Voyager, Alemanha/França/Grécia, 1991) Direção: Volker Schlöndorff. Com Sam Shepard, Julie Delpy, Barbara Sukowa. 117 min. Paris.

SÉRGIO RIZZO

O HERÓI CORROMPIDO ★★

(Highway Patrolman/ El Patrullero, EUA/México, 1992) Direção: Alex Cox. Com Roberto Sosa, Bruno Bichir. 103 min. HVC.

INÉDITO NO CINEMA

O Alex Cox mais fraco de sua carreira. O mesmo México que serviu de cenário para a divertida brodagem de *A Caminho do Inferno* (87) é agora pano de fundo para um drama de incrível moralismo e sem surpresas em seu registro da violência e corrupção na força policial. O herói corrompido (Sosa) é um jovem idealista que entra para a Polícia Rodoviária com sonhos de justiça. Convive com pressões e miséria, perde um amigo por condições precárias de trabalho e encana de se redimir na figura de uma prostituta adolescente que tenta levar para o bom caminho. A dimensão trágica de seu personagem desmorona com um moralismo estranho ao anárquico Cox e um roteiro displicente e redundante.

CH.P.

GRANDE EXPECTATIVA ★★

(Great Expectations, Inglaterra/EUA, 1974) Direção: Joseph Hardy. Com Michael York, Sarah Miles, James Mason. 123 min. Top Tape.

Nesta versão para TV, o livro clássico de Charles Dickens acabou sendo aproveitado apenas em seu aspecto novelesco. A força das diferenças sociais no século passado, que o autor sempre realçou com incomum dramaticidade, quase não existe. O processo de descobertas e ascensão do órfão Pip em meio a uma trama que inclui um misterioso protetor e sentimentos amorosos contraditórios é exposto numa narrativa correta, bonita mas fria. Ótimos atores como York e o notável Mason, a bela música de Maurice Jarre, a requintada fotografia e o capricho na recriação de época não encontram pleno aproveitamento na direção acadêmica de Hardy. Comparar este filme com o que David Lean fez em 1946 é covardia.

A.S.

SARAH 2 – O DESAFIO DE UMA VIDA ★★★

(Skylark, EUA, 1992) Direção: Joseph Sargent. Com Glenn Close, Christopher Walken. 92 min. Alpha.

É uma grata surpresa esta continuação do sensível *Sarah*, baseado no romance infantil de Patricia MacLachlan e produzido por Close. Depois de casar-se com doce e introvertido fazendeiro viúvo, Sarah enfrenta a seca e a saudade da família. O diretor Sargent soube tirar o máximo de Walken e Close, que formam um casal afinado. A fotografia valoriza a história, construída por um roteiro correto que chega a tangenciar a poesia em alguns momentos.

F.G.

ARIZONA DREAM ★★★

Olhar estrangeiro

Há um número redondo em *Arizona Dream*: é a 50ª atuação de Jerry Lewis. O diretor Kusturica conta que gargalhava com suas palhaçadas nas filmagens, enquanto os técnicos americanos permaneciam indiferentes. A imagem é preciosa: saiu bem pouco "americana" a primeira produção *made in USA* do premiado cineasta iugoslavo de *Quando Papai Saiu em Viagem de Negócios*.

Um jovem solitário (Depp) vai até o Arizona para o casamento do tio (Lewis). Lá, envolve-se com uma viúva quarentona (Dunaway) e com sua enteada (Taylor). Os personagens beiram a piração, alimentada pelas imagens visionárias de Kusturica: uma família de esquimós no Alasca, peixes sobrevoando o deserto, truques de levitação. Urso de Prata em Berlim-93, o filme alterna idéias tolas com grandes achados, cenas banais com seqüências brilhantes (como a antológica paródia de *Intriga Internacional*). Quem se deixar seduzir pelo seu encanto, porém, não se arrependerá.

(Arizona Dream, EUA, 1993) Direção: Emir Kusturica. Com Johnny Depp, Faye Dunaway, Jerry Lewis, Vincent Gallo, Lili Taylor, Iggy Pop, Paulina Porizkova. 140 min. Europa/Carat.

SÉRGIO RIZZO

Depp encara sua bizarra rotina em Nova York

Andrea Ferreol, já quase desmembrada, deleita-se entre os gêmeos Deacon, que a utilizam como objeto de estudo científico

ZOO – UM Z E DOIS ZEROS ★★★★

A anatomia da arte

O filme que melhor traduz o universo do controvertido diretor Peter Greenaway. Ele elabora aqui um estudo perturbador sobre o nascimento, crescimento, decadência e morte de todas as formas de vida e de suas expressões possíveis, do racional humano (pela Arte) ao instintivo animal (pela Sobrevivência). A partir de um violento acidente de carro, Greenaway introduz três personagens: uma mulher que perdeu uma perna no acidente e dois zoólogos gêmeos, que perderam as esposas na mesma tragédia e que dissecam corpos a partir do processo de decomposição gradual.

A morbidez latente nos filmes de Greenaway encontra aqui seu eco mais coerente, desafiando o espectador a adorar ou rejeitar esta análise da animalidade do ser humano e da complexidade de sua sede de conhecimento, de sua necessidade de domínio sobre as vontades da natureza. Greenaway se coloca na posição de um anatomista, manipulando seus personagens em meio a uma ambientação (um prédio vizinho a um zoológico) adequada a sua estética preciosista. É um filme sombrio e sujo, difícil de ser digerido (literalmente), mas que traduz de forma provocante o discurso de Greenaway sobre o poder da imagem e a sedução da ciência.

(A Zed & Two Noughts, Inglaterra/Holanda, 1985) Direção: Peter Greenaway. Com Brian Deacon, Eric Deacon, Andrea Ferreol, Frances Barber, Joss Ackland. 115 min. Top Tape.

CHRISTIAN PETERMANN

TRAÍDA PELO AMOR ★★
(Betrayed by Love, EUA, 1992) Direção: John Power. Com Mare Winningham, Patricia Arquette, Steven Weber. 92 min. TV Vídeo.

O destaque deste suspense com trama convencional é a charmosa Patricia Arquette, que vem fazendo sombra para a irmã Rosanna. Ela faz Deanne, uma mulher simples que se envolve com um agente do FBI (Weber) e aceita ser informante para manter o caso, mas vira uma pedra no sapato do ambicioso amante quando confessa estar grávida. Contra os conselhos da irmã, vai encontrar o agente na volta de uma missão e desaparece. Até aqui o roteiro flui bem, com uma boa combinação de drama e suspense. Mas a partir da saga que a irmã inicia para descobrir o paradeiro de Deanne, o falatório excessivo toma o lugar da ação e o ritmo cai vertiginosamente.

F.G.

A REVOLTA NUCLEAR ★★★
(Buried of Sunday, Canadá, 1992) Direção: Paul Donovan. Com Paul Gross, Denise Vrieux, Maury Chaykin. 95 min. VTI.

INÉDITO NO CINEMA

Nos anos 60, Hollywood satirizava as relações com os soviéticos através de filmes como *Os Russos Estão Chegando*. Nos 90, os EUA mudaram, a URSS nem existe mais. E surgem filmes como este. Avariado devido a uma briga, um submarino nuclear russo encalha na costa americana. Se os russos brigam entre si, os americanos também não estão unidos. Brigam por causa de pesca. A ecologia substitui os antigos conflitos entre as potências. O mérito do diretor é flagrar as mudanças mundiais, transformando-as numa ficção que, sem empolgar, prende o interesse.

L.C.M.

PUNIDO AO EXTREMO ★★★
(Last Night, EUA, 1993) Direção: Kiefer Sutherland. Com Sutherland, Forest Whitaker, Amanda Plummer. 95 min. Alpha.

INÉDITO NO CINEMA

A estréia na direção de Kiefer Sutherland é corajosa por discutir a questão da pena de morte nos EUA, onde 2.676 pessoas estão condenadas à morte e 191 foram executadas. Kiefer faz um presidiário condenado à cadeira elétrica pelo assassinato de seu colega de cela. Whitaker é um ex-policial que vai trabalhar no presídio e passa a cuidar de Kiefer, considerado um assassino frio e calculista. Com a convivência, percebe que o desequilíbrio do rapaz é fruto de uma infância passada em orfanatos e da condenação à prisão perpétua aos 16 anos. Ele resolve então defendê-lo da crueldade do tenente para preservar o que ainda resta de humanidade a Kiefer.

D.P.

CRIANÇAS DE DOMINGO ★★★
(Söndagsbarn, Suécia, 1992) Direção: Daniel Bergman. Com Thommy Berggren, Lena Endre. 108 min. Top Tape.

Ingmar Berman anunciou há alguns anos que ia deixar o cinema para se dedicar ao teatro. Dedicou-se à escrita. Contou a história de seus pais em *As Melhores Intenções*, de Bille August. Contou sua própria história em *Crianças de Domingo* e entregou a direção a seu filho Daniel. Bergman nasceu num domingo, o que, segundo a tradição sueca, o torna um ser especial – e o que este filme mostra é um garoto que se sente à parte. Bergman acerta os ponteiros com seu pai. O filme é bem-feito, mas não atinge a densidade que poderia ter.

L.C.M.

SEDUÇÃO ★★★★

Ciranda de amores

Atropelar o favorito *Adeus Minha Concubina* na corrida ao Oscar de filme estrangeiro foi a mais surpreendente façanha desta comédia acostumada a prêmios (sete Goya na Espanha, três Kikitos em Gramado) e muito bem recebida pelo público de seu país, onde arrecadou mais de US$ 7 milhões. Ex-crítico do jornal *El País*, Trueba (de *O Sonho do Macaco Louco*) provavelmente não imaginava que seu sétimo longa – "uma celebração alegre da vida", segundo ele – fosse capaz de conquistar também os eleitores da Academia.

Confessadamente inspirado no francês Jean Renoir, em especial o de *Une Partie de Campagne* (1936), *Sedução* ambienta-se na Espanha de 1931, pouco antes da queda da monarquia. Um soldado desertor (Sanz) encanta-se pelas quatro filhas do velho republicano (Gómez) que o hospeda. O pano de fundo político serve de moldura inteligente e irônica à ciranda de amores que alcança também a mulher do velho, seu amante oficial e outras figuras carimbadas do vilarejo. E, embora Sanz e Verdú revivam o calor do triângulo formado com Victoria Abril em *Os Amantes*, o ótimo elenco não tem ninguém melhor que o veterano Gómez para simbolizar o charme deste filme despretensioso e adorável.

(Belle Époque, Espanha/França/Portugal, 1992) Direção: Fernando Trueba. Com Jorge Sanz, Fernando Fernán Gómez, Maribel Verdú, Miriam Díaz-Aroca, Penelope Cruz, Ariadna Gil. 108 min. Vídeo Arte.

SÉRGIO RIZZO

MAIS FORTE QUE O DESEJO ★

(Lake Consequence, EUA, 1992) Direção: Rafael Eisenman. Com Billy Zane, Joan Severance, May Karasun. 90 min. Top Tape.

Depois de *9 1/2 Semanas de Amor*, espécie de tratado sobre a vida sexual dos yuppies, o produtor Zalman King sempre que pode volta ao local do crime. Fez *Orquídea Selvagem* e, agora, *Mais Forte...*. É assim: dona de casa (Severance, dublê de Linda Evangelista) resolve dar para o jardineiro (Zane) e para a namorada dele (Karasun, dublê de Sharon Stone). Não funciona. É só um pornosoft vulgar com estética de comercial de sabonete. Não bastasse, escalaram como garanhão de plantão Zane que, com sua boquinha de coração, não convence ninguém de que o sexo feminino esteja entre seus favoritos. Aaarrrgghh!

E.A.

Maribel Verdú repete a dupla de *Os Amantes* ao lado de Jorge Sanz

Vídeo Arte

Paris

Keitel e Hunter praticam comunicação não-verbal

O PIANO ★★★★★

Novela gótica

Um filme "de mulheres", uma alegoria sobre a sexualidade reprimida ou a conquista do desconhecido. *O Piano* – vencedor em Cannes-93 – presta-se a cada uma dessas definições mas não se esgota em nenhuma delas, porque é, antes de tudo, uma novela gótica, uma história fabulosa narrada com habilidade idem pela neozelandesa Jane Campion.

A trama é conhecida: em 1870, Ada (Holly Hunter, premiada com o Oscar), que não fala uma palavra desde os seis anos, muda-se de mala, cuia, filha (Anna Paquin, também oscarizada) e piano para a ainda selvagem Nova Zelândia, a fim de casar-se com um colonizador (Sam Neill). O arranjo revela-se ainda mais conflituoso que o esperado quando o marido decide privar Ada de seu piano – ou sua voz. E, enquanto o marido tenta compreender que barreira física e espiritual é esta que se interpõe entre ele e a nova mulher, é o quase selvagem e analfabeto Harvey Keitel quem descobre a chave para o sofrimento e o "segredo" de Ada.

Campion, além de talentosa, é esperta. Ela faz da mudez de Ada não uma deficiência, mas um trunfo: enquanto todos se enredam em convenções e jogos de palavras, a pianista muda existe e pensa em termos de verdades essenciais. O filme explora ainda dois grandes dramas masculinos: diante de um universo feminino impenetrável (inclusive no sentido sexual), recorrer à coerção e a um arremedo de paciência, como faz o marido, ou buscar um acordo, como faz o amante.

Como uma contadora de "causos", Jane Campion usa as imagens não para rechear, mas para evocar; metade da história está no que se vê, e não no que acontece. Amarrando tudo, o tema que perpassa todo o romance gótico: a sexualidade como o oculto, o motor da vontade e o grande poder transformador. Imperdível.

(The Piano, Nova Zelândia, 1993) Direção: Jane Campion. Com Holly Hunter, Harvey Keitel, Sam Neill, Anna Paquin. 120 min. Paris.

ISABELA BOSCOV

Vídeo Arte

TERRA D'ÁGUA ★★★
(Waterland, Inglaterra, 1992) Direção: Stephen Gyllenhaal. Com Jeremy Irons, Sinead Cusack, Ethan Hawke. 95 min. Top Tape.

Fãs de Jeremy Irons não podem perder este filme, baseado num romance de Graham Swift. O filme, como o livro, é memorialista: um professor evoca lembranças do passado, histórias de sua família e cidade. Fundem-se com os dramas atuais: do professor com a mulher e os alunos. O fascínio vem todo da voz de Irons. Ele diz o texto de um jeito que soa como música. Recomendável para quem fala inglês e pode acompanhar o original.

L.C.M.

A TERCEIRA MARGEM DO RIO ★★
(Brasil/França, 1994) Direção: Nelson Pereira dos Santos. Com Ilya São Paulo, Sonja Saurin, Maria Ribeiro, Jofre Soares. 100 min. Sagres/Riofilme.

Sem filmar desde *Jubiabá* (1986), o cineasta de clássicos como *Vidas Secas* e *Memórias do Cárcere* escolheu uma pedreira para voltar à ativa: reunir no mesmo argumento cinco contos de *Primeiras Estórias*, de Guimarães Rosa. A primeira parte registra o cotidiano de uma família no interior de Minas, e a segunda narra sua fuga para uma cidade-satélite de Brasília. Na passagem, o filme se perde: mantém o padrão amadorístico de interpretação e transforma em constrangedora ingenuidade a tentativa de recriar em imagens a riqueza verbal de Rosa. "A gente não pode acertar sempre", diz o próprio Nelson. Aqui, embora a falta de recursos acabasse comprometendo o projeto original, não há como esconder que o mestre pisou em falso.

S.R.

A DAMA DAS CAMÉLIAS ★★★
(La Storia Vera della Signora delle Camelie, Itália/França, 1981) Direção: Mauro Bolognini. Com Isabelle Huppert, Gian Maria Volonté, Bruno Ganz. 121 min. Paris.

O cinema contou muitas vezes a história da Dama das Camélias. A versão mais famosa é ainda a de George Cukor nos anos 30, com Greta Garbo. A Dama é uma prostituta que se redime pelo amor de Armand, mas se sacrifica por ele e morre tuberculosa. Em 1981, surgiu a versão de Bolognini, que é o chamado "Visconti mórbido": adora ostentação e climas decadentes. Sua Dama das Camélias, prostituída pelo próprio pai, é vítima de uma sociedade que vive de aparência. Bolognini incorpora o criador, o escritor Dumas Filho, à história da criatura. Recorre até a uma Dama representada no palco, dentro do filme, realçando o distanciamento crítico. A atuação de Huppert favorece a intenção: é uma Dama gélida. Por mais suntuoso que seja o visual, Garbo segue imbatível no papel.

L.C.M.

United

Garbo, sempre divina, vive a nobre adúltera

ANNA KARENINA ★★★

Força interior

Este lançamento deve ser festejado não só como mais uma oportunidade de ter Garbo em vídeo, mas também por permitir o acesso a um grande diretor. Engenheiro mecânico que nos anos 20 debandou para o cinema, Brown foi um mestre do intimismo romântico. Isso e seu bom relacionamento com a "Divina" devem ter pesado para a Metro usá-lo em função da atriz; foi ele quem mais a dirigiu em Hollywood (sete filmes). E o fez com garra e poesia, criando sempre forte clima sensual.

Anna Karenina tem essas virtudes. Mas tem também defeitos no roteiro, adaptado do clássico de Tolstói e que responde pelos aspectos mais envelhecidos do filme: diálogos floreados acentuando a sensação de pecado para o desejo adúltero da heroína, esposa de um nobre que se apaixona por festejado oficial na Rússia do século passado.

Garbo, que já fizera a mesma personagem em 1928, neste melodrama em preto & branco comprovou seu notável magnetismo e a capacidade de passar numa mesma cena de uma reação para outra (luxúria, amor maternal) com incrível força interior.

(Anna Karenina, EUA, 1935) Direção: Clarence Brown. Com Greta Garbo, Fredric March, Freddie Bartholomeu, Maureen O'Sullivan, Basil Rathbone. 95 min. Continental.

ALFREDO STERNHEIM

United

Christophe Malavoy como um dos amantes de Ema (Huppert)

MADAME BOVARY ★★★

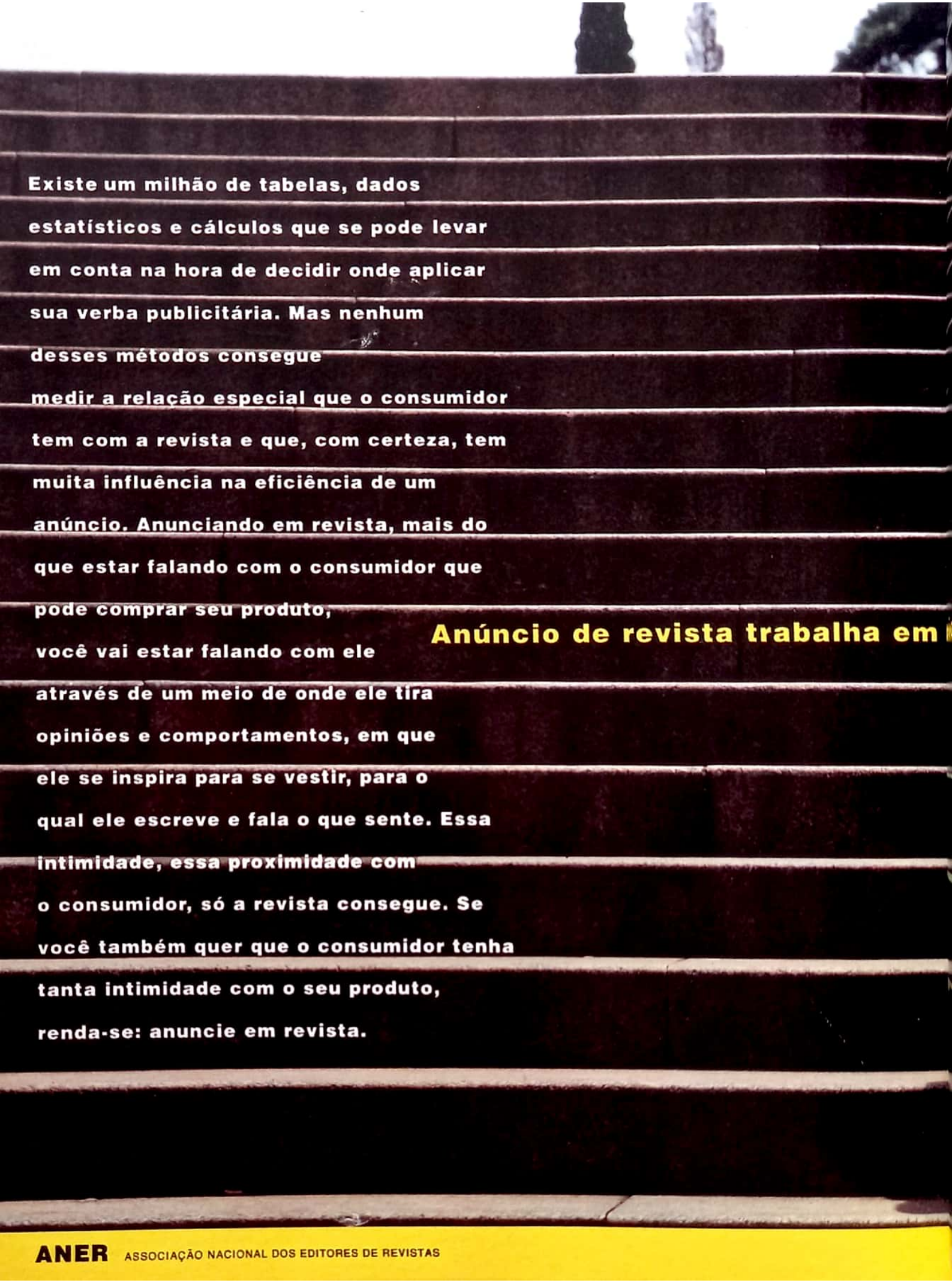
Autópsia do provincianismo

Um dos maiores filmes produzidos no mundo no ano passado foi *Vale Abraão*, de Manoel de Oliveira. O diretor português adaptou a história de Madame Bovary ao seu país. E criou uma Bovarinha genial. Pouco antes, o francês Claude Chabrol havia se baseado em Gustave Flaubert para fazer a sua Ema Bovary. A personagem é um marco: representa não apenas a insatisfação feminina, mas também a complexidade das relações entre homens e mulheres.

Flaubert dizia: "Ema sou eu". Ema sonha com riqueza e romance, eo marido provinciano não consegue lhe dar o que ela deseja; Ema arranja um amante. Chabrol é cruel na descrição da vida na província. Faz uma caricatura da burguesia e investe contra o mito de Ema. Nos quinze ou vinte minutos finais, o espectador tem a impressão de assistir a uma autópsia. Não é filme para todos os gostos. Entra na classificação "cinema de arte", com uma interpretação genial de Isabelle Huppert.

(Madame Bovary, França, 1991) Direção: Claude Chabrol. Com Isabelle Huppert, Jean-François Balmer, Christophe Malavoy, Jean Yanne. 129 min. United.

LUIZ CARLOS MERTEN


Existe um milhão de tabelas, dados
estatísticos e cálculos que se pode levar
em conta na hora de decidir onde aplicar
sua verba publicitária. Mas nenhum
desses métodos consegue
medir a relação especial que o consumidor
tem com a revista e que, com certeza, tem
muita influência na eficiência de um
anúncio. Anunciando em revista, mais do
que estar falando com o consumidor que
pode comprar seu produto,
você vai estar falando com ele
através de um meio de onde ele tira
opiniões e comportamentos, em que
ele se inspira para se vestir, para o
qual ele escreve e fala o que sente. Essa
intimidade, essa proximidade com
o consumidor, só a revista consegue. Se
você também quer que o consumidor tenha
tanta intimidade com o seu produto,
renda-se: anuncie em revista.
Anúncio de revista trabalha em
ANER ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS EDITORES DE REVISTAS

Quem pode comprar revista pode comprar seu produto.

Abril Vídeo

Bambi diverte-se com seus amigos enquanto não chegam as agruras da vida

INFANTIL

BAMBI ★★★★★

Rei da floresta e dos desenhos

Assim que Walt Disney leu *Bambi*, em 1935, decidiu transformá-lo em desenho animado. Os direitos de adaptação haviam sido comprados pelo diretor Sidney A. Franklin, mas Disney mostrou-se tão determinado que aquele os cedeu, colaborando como supervisor do filme. Disney ficou tão agradecido que incluiu nos créditos de *Bambi*, concluído em 1942, um agradecimento especial a Franklin.

Bambi incorporou novos procedimentos técnicos, desenvolvidos pelos Estúdios Disney, revolucionando a arte da animação. A floresta foi desenhada com uma riqueza de detalhes que ainda hoje impressiona. Para recriar as criaturas que a povoam, os desenhistas contaram com animais vivos, transportados para o estúdio. Além disso, Disney mandava animadores a lugares ermos da América, a fim de captarem o espírito da vida selvagem, com suas formas e movimentos. E, para obter de alguns personagens expressões humanas, os atores Donna Atwood e Jane Randolph atuaram como modelos para os animadores.

Bambi é um típico herói de Disney: meigo, bom, ingênuo, natural, amoroso, tímido e desajeitado, mas também capaz de grande coragem ante situações extremas. Com sua alma feminina, o veadinho representa os homens "marginalizados", que Disney procurou recriar no universo da fantasia com uma visão positiva: no seu mundo, os diferentes não são punidos, mas recompensados por sua diferença. E se o ciclo da vida é doloroso para o veadinho, bastando lembrar a morte da mãe, Bambi não renega a natureza, sua virilidade despontando e triunfando no final: com a voz cada vez mais grossa, coroado com galhos de macho, tendo conquistado a fêmea e gerado dois filhotes, Bambi torna-se o sucessor do pai, o novo Grande Príncipe da Floresta.

(Bambi, EUA, 1942) Direção: David Hand. 69 min. Abril Vídeo.

LUIZ NAZÁRIO

DE VOLTA PARA O FUTURO – VOLS. 1, 2 e 3 ★★★

(EUA, 1991) Direção: Phil Robinson, John Hays e Peyton Reed. CIC.

Após o sucesso da série de filmes homônimos, a história do genial cientista maluco volta como desenho. São três fitas contando as aventuras da família Brown. A adaptação se adequa à linguagem do desenho animado, pelos seus aspectos irreverentes num universo em que tudo é possível. E é justamente por isso que os filmes são uma deliciosa diversão. O ator Christopher Lloyd aparece entre as histórias, apresentando seus mais novos experimentos. Os desenhos caracterizam-se por traços realistas, preenchidos por cores fortes e movimentos audaciosos que usam e abusam dos recursos da animação, abrindo caminho para o nonsense desta fabulosa ficção. Vale a pena conferir.

CAROLINA MARINHO

CIC

O carismático cãozinho ri do tédio familiar

VIDA DE CACHORRO ★★★

Cão atrapalhado chega à TV

Chegam às locadoras cinco fitas que reúnem as aventuras do cachorro dos Beanford, o mais simpático canino surgido nos desenhos animados nos anos 80. Mas a versão televisiva decepciona um pouco quem assistiu à estréia do cãozinho parecido com um rato, exibida na fita *Histórias Maravilhosas* 6 (disponível em vídeo). O cachorro criado pelo animador Brad Bird e desenhado por Tim Burton (o diretor dos *Batman*) era um pacato membro de uma família tipicamente tediosa. Até que, após um treinamento radical, virava uma fera e caía na trilha do crime. O desenho era brilhante ao ponto de reproduzir as imagens trêmulas de um filme super-8 que retratava o Natal atrapalhado dos Beanford.

Burton, junto a Spielberg, permanece como produtor executivo da série. Mas o pai da cria, Bird, caiu fora, o que talvez explique por que *Vida de Cachorro* não foi páreo para *Os Simpsons* na TV americana. Faltam um ritmo mais intenso às piadas e roteiros mais bem amarrados. Dos quatro episódios, o melhor é "Um Amor de Cachorrinha". O cão se apaixona por uma cadelinha que está para mudar de cidade, enquanto seus donos também tentam tirar o atraso de sua vida conjugal.

(Family Dog, EUA, 1993) Direção: Clive A. Smith. CIC.

MARCOS SMIRKOFF

CANTE COM DISNEY ★★

Série de números musicais. Abril Vídeo.

A coletânea *Cante com Disney*, de Phil Savenick, nada acrescenta aos vídeos de animação já lançados pela Disney. Retomadas de outros desenhos e filmes, as canções são aqui, ainda por cima, dubladas. Vozes, arranjos e letras originais perdem seu sabor em adaptações e recriações mal arranjadas. Das dez canções apresentadas pelo Grilo Falante, apenas "Somente o Necessário" de *Mogli*, e a "Canção de Trabalho", de *Cinderela*, soam satisfatórias. Aos artistas nacionais parece faltar tudo o que faz a alma de um cartoon: vozes especiais, ritmo, swing, afinação e um especial sentido do nonsense.

L.N.

A VERDADEIRA HISTÓRIA DE TINA TURNER.

TINA

What's love got to do with it.

2 INDICAÇÕES PARA O OSCAR.

ANGELA BASSETT Melhor Atriz
LAURENCE FISHBURNE Melhor Ator

© TOUCHSTONE PICTURES

Estrelando:
ANGELA BASSETT (Malcom X)
LAURENCE FISHBURNE (Boys'n Hood)
JENIFER LEWWIS (Mudança de Hábito)
Direção de:
BRIAN GIBSON (The Josephine Baker Story)

TOUCHSTONE PICTURES apresenta Uma Produção de KROST/CHAPIN Um filme de BRAIN GIBSON "TINA WHAT'S LOVE GOT TO DO WITH IT"
ANGELA BASSETT LAURENCE FISHBURNE
Produtor PAT KEHOE Trilha Original de STANLEY CLARCK Montagem STUART PAPPÉ Desenhista de Produção STEPHEN ALTMAN Diretor de fotografia JAIME ANDERSON
Produtores Executivos ROGER DAVIES e MARIO ISCOVICH
Baseado em "I, TINA" de TINA TURNER e KURT LODER Roteiro de KATE LANIER Produzido por DOUG CHAPIN e BARRY KROST Dirigido por BRAIN GIBSON
Trilha Sonora Disponível em PARLOPHONE/EMI RECORDS
© TOUCHSTONE PICTURES

abril vídeo

TOUCHSTONE HOME VIDEO

Preview

Pandora

JUNHO ANTECIPA O CLIMA DE FÉRIAS

O mercado de vídeo, preparando-se para as férias, prevê vários lançamentos de consumo familiar. Há desde os assumidamente infantis *Tom & Jerry – O Filme*, a terceira parte da saga mutante *Os Tartarugas Ninja* e o ecológico *Free Willy* (abaixo), de grande sucesso nas bilheterias do mundo todo, até o saboroso *A Família Addams 2*. Quem gosta de filmes mais fortes, entre o policial e o suspense, terá *Vício Frenético*, do diretor independente Abel Ferrara, pura barra pesada, e alguns filmes que foram mal lançados nos cinemas e merecem uma apreciação melhor, como *A Idade da Violência* (ambos são com Harvey Keitel) e *Tão Culpado como o Pecado*, com o casal Melanie Griffith/Don Johnson.

Warner

Para quem gosta de experimentações estéticas, o mês reserva dois grandes sucessos do recente cinema oriental – o multipremiado *Adeus Minha Concubina*, Palma de Ouro em Cannes/93, e o divertido e irreverente *O Banquete de Casamento*. Chama atenção, também, a mistura de desenho e "realidade" de *Mundo Proibido* (acima), com Kim Basinger e Brad Pitt, e a experiência em preto-e-branco de Woody Allen, *Neblina e Sombras*.

BOLSA DE VÍDEO

A crítica ácida de Charles Chaplin em *Tempos Modernos* mantém a sedução quase sessenta anos depois

	Celso Floravante Folha de S. Paulo	Luiz Carlos Merten O Estado de S. Paulo	Wanderley Sanches Veja São Paulo	José Norberto Flesch Folha da Tarde	Paulo de Góes Jornal do Vídeo	Luiz Zini Pires Zero Hora	Roberto Rios TVA	Miguel Barbieri Jr. Diário Popular	Christian Petermann SET	Média
Tempos Modernos (Continental)	8	9	10	10	9	9	10	10	9	9.3
O Piano (Paris)	8	7	8	8	8	9	4	9	8	7.6
Os Homens Preferem as Loiras (Abril)	7	7	8	7	8	—	8	8	—	7.5
Sedução (Vídeo Arte)	8	8	8	7	8	6	8	8	7	7.5
Na Linha de Fogo (LK-Tel/Vídeo)	8	7	8	7	8	8	7	8	7	7.5
A Dama das Camélias (Paris)	—	7	—	8	6	—	7	8	7	7.1
El Mariachi (Lk-Tel/Vídeo)	6	7	8	6	7	8	7	7	8	7.1
Arizona Dream (Europa)	7	5	8	8	9	5	—	—	6	6.8
O Alvo (CIC)	—	7	—	6	8	—	7	5	6	6.5
Madame Bovary (United)	5	7	9	7	6	—	6	—	5	6.4

SET DÁ A DICA

Dúvidas, reclamações, sugestões? Identifique-se como leitor da SET e ligue para as distribuidoras

Abril Vídeo	(011) 832-1555	NCA	(011) 966-6135
Alpha	(011) 230-0200	Paris/América	(011) 533-8300
Capital	(011) 259-8471	Reserva Especial	(011) 288-5588
CIC	(011) 816-0852	Sagres/Rio Filme	(021) 253-4782
Concorde	(011) 266-6999	Tocantins	(027) 336-7112
Continental/Opção	(021) 262-0751	Top Tape	(021) 205-5552
Europa/Carat	(011) 579-6522	TV Vídeo	(011) 255-9911
Globo Vídeo	(011) 223-4275	United	(011) 195-4020
HVC	(011) 813-1860	Vídeo Arte	(011) 575-6996
LK-Tel/Vídeo	(011) 825-5061	VTI	(021) 580-3130
Look	(011) 536-9366	Warner	(011) 820-6777

Obs.: Estão listadas aqui somente as distribuidoras presentes nesta edição do *Caderno de Vídeo*.

PARADA MARÇO

BRASIL

1. ***Como Água para Chocolate*** ***(Como Agua para Chocolate)*** (Top Tape)
2. ***Vencer ou Morrer*** ***(Nowhere to Run)*** (Lk-Tel/Vídeo)
3. ***Lua de Fel*** ***(Bitter Moon)*** (Paris)
4. ***Dennis – O Pimentinha*** ***(Dennis – The Menace)*** (Warner)
5. ***O Atirador*** ***(Sniper)*** (Europa)
6. ***Invasão de Privacidade*** ***(Sliver)*** (CIC)
7. ***Muito Barulho por Nada*** ***(Much Ado About Nothing)*** (Look)
8. ***Indochina*** ***(Indochine)*** (Paris)
9. ***Proposta Indecente*** ***(Indecent Proposal)*** (CIC)
10. ***Feitiço do Tempo*** ***(Groundhog Day)*** (Lk-Tel/Vídeo)

Fontes: Real Vídeo (SP), Hobby Vídeo (SP), Vídeo Factory (SP), Primeramu's (SP), Scorpius (GO), Vídeo Clube do Brasil (GO), Star Vídeo (GO), Canal do Vídeo (MG), Cia do Vídeo (MG), Dumont Vídeo & Games (MG), Copa 6 (RJ), Vídeo Shack (RJ), Vídeo Clube Nacional (RJ), Open Vídeo (RS), Back I (RS).

E.U.A.

1. ***The Fugitive*** ***(O Fugitivo)*** (Warner)
2. ***In the Line of Fire*** ***(Na Linha de Fogo)*** (Columbia TriStar)
3. ***Demolition Man*** ***(O Demolidor)*** (Warner)
4. ***The Good Son*** ***(O Anjo Malvado)*** (Fox Vídeo)
5. ***Striking Distance*** ***(Zona de Perigo)*** (Columbia TriStar)
6. ***Son-in-Law*** ***(O Genro dos Meus Sonhos)*** (Hollywood)
7. ***Judgement Night*** ***(Uma Jogada do Destino)*** (MCA/Universal)
8. ***The Man Without a Face*** ***(O Homem Sem Face)*** (Warner)
9. ***Hard Target*** ***(O Alvo)*** (MCA/Universal)
10. ***The Program*** (Touchstone)

Fonte: *Entertainment Weekly* 1º/04/94

FITA NOVA JOINTVIDEO

FÁCIL DE COMPRAR

FÁCIL DE LOCAR

FÁCIL DE TROCAR

Difícil é sair da Jointvideo sem a fita que você precisa ou procura, todas com garantia de locação. E, se levar, experimentar e não servir, pode trocar por outra ainda melhor. O que não dá é pra trocar de revenda.

É Jointvideo!

A TROCA:

- **Válida só para fitas novas, em perfeito estado e com sêlo "Fita Legal";**
- **Apresentar Nota Fiscal;**
- **Calcular a depreciação de 2% (dois por cento) ao dia, sobre o valor da compra até a data da troca, no prazo máximo de 30 dias;**
- **Sedex ou transporte da fita por conta do cliente.**

JOINTVIDEO

COMÉRCIO E DISTRIBUIÇÃO DE FITAS LTDA.

Av. Gal. Ataliba Leonel, 411 - Santana
Próximo à Estação Carandirú do Metrô
CEP 02033-000 - São Paulo - SP
Fone: (011)290.0811 - Fax: (011)267.6120

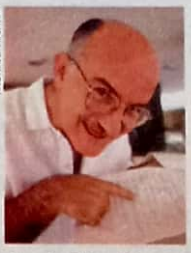
Videoteca

Personalidades falam sobre suas cenas preferidas

Marcelo Chagas

JOSÉ CELSO MARTINEZ CORREA, ator e diretor de teatro:

"Prefiro cinema. Os vídeos para mim assumem um caráter mais documental do que estético, e utilizo-os inclusive no meu trabalho. Atualmente, por exemplo, estou montando um espetáculo sobre a vida de Cacilda Becker, e *Floradas na Serra* (Globo Vídeo) me auxilia na montagem. Considero o mercado de vídeo muito pobre, limitando-se na maioria dos casos à reprodução do cinema americano. De qualquer forma, há uma cena bonita e de que gosto muito em *Floradas*: o momento em que Cacilda conta as gotas do remédio e ao mesmo tempo despede-se de seu amante, interpretado por Jardel Filho. Ela sequer perde a conta num momento como esse!"


Monica Richter

SILVIO DE ABREU, autor de novelas e cineasta:

"Meu interesse por vídeo surgiu em 1980, e hoje tenho cerca de cinco mil títulos. Mesmo com a entrada do disc-laser continuo preferindo os cassetes, porque adoro filmes das décadas de 50 e 60, que utilizavam o CinemaScope – que necessita de uma grande ampliação da tela, o que não se pode obter com a nova tecnologia.

A magia do cinema reside na perpetuação de imagens. Filme é coisa viva, dá a chance de realização do sonho. O vídeo possibilita a recriação das emoções, do que você sentiu quando viu pela primeira vez. Cada uma das cenas pode ser resgatada dependendo do momento pelo qual estou passando, o que estou sentindo, lendo ou escrevendo.

A maioria das minhas novelas possui um ingrediente que remete ao cinema. Por exemplo, *A Rainha da Sucata*, hoje reprisada na Globo, tem dois personagens que gostam muito de cinema, não importa se velho ou novo. Elizabeth Taylor pode parecer jovem se assistirmos aos filmes da década de 50. Importa mais nos remetermos a uma época e percebermos o quanto um produto se torna mais importante e interessante a partir desse olhar.

Uma das cenas mais belas do cinema é a de *O Barco das Ilusões*, de 1954, quando Ava Gardner, que faz o papel de uma prostituta, despede-se de uma família querida. Há um close em que ela manda um beijo para o barco. É maravilhosa, alguém deve se lembrar de cena parecida em alguma novela, e não é por acaso não!"

SET Recomenda

Por Christian Petermann

Tesouros Escondidos nas Prateleiras de Sua Videolocadora

JUICE
(EUA, 1992) Direção: Ernest B. Dickerson. Com Omar Epps, Tupac Shakur, Samuel L. Jackson, Queen Latifah. 91 min. Europa/Carat.

Esta obra foi vista como resposta nova-iorquina ao sucesso de *Boyz'N the Hood* e marca a estréia na direção de Dickerson, fotógrafo de todos os trabalhos de Spike Lee. Ele ainda é um diretor titubeante e comete algumas falhas primárias, mas é isso que acaba imprimindo charme e espontaneidade à história de um pretendente a DJ que é forçado, por amizade, a sacrificar um futuro promissor para se manter na vida de pequenos delitos a que o seu grupo está acostumado. Não tem a densidade do filme angelino de John Singleton, mas raspa o tacho da indignação jovem e situa a falta de perspectivas do negro de classe média baixa em meio a uma trilha com muito rap e pontas de astros dessa expressão musical, como Dr. Dre e a própria rainha Latifah, que é a mentora de um concurso para DJs novatos. Sangue, ritmo e improviso.

Europa/Carat

***Juice*: os quatro amigos que buscam a essência da vida no dia-a-dia de Nova York**

PENN & TELLER – PERSEGUIDOS POR ACASO
(Penn & Teller Get Killed, EUA, 1989) Direção: Arthur Penn. Com Penn Jillette, Teller, Jon Cryer. 90 min. Warner.

Apesar de poder ser encarado como mero veículo para uma dupla de humoristas conhecida na TV americana e absolutamente inédita no Brasil, este é, por incrível que pareça, um dos poucos filmes decentes que Penn (*Bonnie & Clyde*) – o diretor, não o protagonista – dirigiu na década de 80. É um imenso exercício de humor negro, com possibilidades para se tornar cult entre públicos específicos. A dupla Penn & Teller desafia seus espectadores e fãs, em rede nacional, a atentar contra a vida dos astros. Penn Jillette acredita que a vida assim ficará muito mais divertida. Entre trotes cometidos um contra o outro, a coisa começa a ficar mais séria. O final é antológico e ousado, fazendo incrível uso da clássica canção "I Started the Joke", dos Bee Gees.

ANTONIA E JANE
(Antonia & Jane, Inglaterra, 1991) Direção: Beeban Kidron. Com Saskia Reeves, Imelda Staunton, Brenda Bruce. 77 min. Capital.

Crônica encantadora da amizade desde a adolescência entre duas mulheres, uma intelectual (Reeves, de *A Prisioneira do Amor*) e outra com fortes propensões para dona-de-casa (Staunton, de *Para o Resto de Nossas Vidas*). Com o tempo, o encontro das duas reduz-se a um chá anual. É durante a preparação para esse evento particular que as protagonistas reconstroem a relação em flashbacks bem-humorados, sensíveis e por vezes melancólicos. Detalhe: as duas dividem a mesma terapeuta (Bruce). Apesar de mais indicado para o público feminino, a estréia na direção de Kidron (*Romance de Outono*) é um telefilme universal no que compete ao conflito de personalidades.

A CARIBE vai levar você para O CARIBE

Participe desta Promoção!

Apoio: Acessórios METAL CAR

Abra uma revenda CARIBE na sua região.

São mais de 10.000 títulos para você escolher sem se preocupar com os "famosos pacotes", e tudo com PRONTA ENTREGA.

** Aceitamos todos Cartões de Crédito, inclusive para compras feitas por telefone.*

** Remetemos para todo o Brasil.*

** Aceitamos 5 cheques semanais*

** Assessoria para você que está montando sua vídeo locadora.*

*** FITAS NOVAS E USADAS.**

*** ACESSÓRIOS PARA GAME E VÍDEO LOCADORAS.**

MATRIZ - SÃO PAULO - SP
R. Voluntários da Pátria, 1223
Santana - CEP 02011-100
(a 30 metros da estação Carandirú do Metrô)
Fones: (011) 267-9200 / 290-9419
Fone/Fax:(011) 290-9572

FILIAL- SÃO JOSÉ DOS CAMPOS - SP
Praça Cônego Lima, 08 - 1- andar
Sala 11 - Centro - CEP 12210-080
Fone:(0123) 23-4096

FILIAL- FLORIANÓPOLIS
R. Arcipreste Paiva, 85 - Sl.303
Ed. Cidade de Florianópolis
ao lado da Catedral
Fone:(0482) 24-2517

ÉDIPO COMPLEXADO

Dedicada, megera, batalhadora, impulsiva ou dominadora? Confira se o seu "tipo" de mãe bate com as representadas nestes filmes

À MARGEM DA VIDA

(The Glass Menagerie). EUA, 1987. Direção: Paul Newman. Com Joanne Woodward, Karen Allen, James Naughton, John Malkovich. VTI.

Paul Newman dirige sua mulher, Woodward, em filme introspectivo e até certo ponto asfixiante, baseado na peça de Tennessee Williams. Ela é a mãe possessiva que tenta controlar a vida e o futuro de um filho sonhador (Malkovich) – amante de cinema – e de uma filha manca e tímida (Allen).

O BEBÊ DE ROSEMARY

(Rosemary's Baby) EUA, 1968. Direção: Roman Polanski. Com Mia Farrow, John Cassavetes, Ruth Gordon. CIC.

Magia negra das bravas apavora uma recém-casada grávida que desconfia que seu marido mantém contato com vizinhos bruxos – interessados em seu filho para ser o anti-Cristo. Polanski assusta mas, no fim, faz vencer a maternidade.

COMO ÁGUA PARA CHOCOLATE

México, 1992. Direção: Alfonso Arau. Com Lumi Cavazos, Marco Leonardi, Regina Torne. Top Tape.

Sucesso mundial com sua receita infalível, este drama de realismo mágico tem como uma de suas situações dominantes a relação possessiva da mãe (Torne) em relação às três filhas, em especial a mais nova (Cavazos) que, segundo a tradição, deveria ficar solteira para cuidar da mãe até sua morte. Verdadeira megera, ela interfere em sua vida até mesmo depois de morta. Haja karma!

UFI

A Primeira Noite de um Homem

Lembranças de Hollywood

Columbia

CONTOS DE NOVA YORK

(New York Stories). EUA, 1989. Direção: Woody Allen. Com Woody Allen, Mia Farrow, Mae Questel. Abril Vídeo.

Filme com três episódios (os primeiros são dos diretores Scorsese e Coppola) em que só o de Allen fala da superproteção materna – mas com que verve. Aqui, a mãe do diretor tem a coragem de, depois de morta, voltar como uma imagem refletida nos céus de Manhattan, de onde passa o tempo todo controlando e falando sobre a vida do filho, num papo "íntimo" com a população local. Situação hilária cometida com destreza por Allen.

DE SALTO ALTO

(Tacones Lejanos). Espanha/França, 1991. Direção: Pedro Almodóvar. Com Victoria Abril, Marisa Paredes, Miguel Bosé. Top Tape.

Almodóvar não deixa pedra sobre pedra ao falar do reencontro entre uma cantora de sucesso (Paredes) e sua filha (Abril), uma mal-amada apresentadora de telejornal. Para piorar, Abril é casada com um ex-amante da mãe.

ED E SUA MÃE MORTA

(Ed and His Dead Mother, EUA, 1992) Direção: Jonathan Wacks. Com Steve Buscemi, Ned Beatty, John Glover, Miriam Margoyles. Look.

Inconformado com a morte de sua mãe, Ed (Buscemi) faz um trato com um vendedor: mediante alguns milhares de dólares, pode ter sua progenitora de volta, vivinha. E dá certo, a não ser pelo comportamento estranho que a mãe ressurrecta assume.

Columbia TriStar

Mentes Que Brilham

ESSA ESTRANHA ATRAÇÃO
(Torch Song Trilogy). EUA, 1988. Direção: Paul Bogart. Com Harvey Fierstein, Anne Bancroft, Matthew Broderick, Brian Kerwin. LK-Tel/Vídeo.

O caso aqui é outro: fala da relação entre uma mãe judia (Bancroft) e seu filho homossexual (Fierstein), que trabalha em um show de travestis. Há cenas antológicas, como o garoto escondido no armário com as roupas e jóias da mãe ou, já adulto, indo à escola cuidar dos problemas do filho adotivo calçando chinelos de coelhinho.

FRANCES
(Frances). EUA, 1982. Direção: Graeme Clifford. Com Jessica Lange, Sam Shepard, Kim Stanley, Bart Burns. VTI.

Cinebiografia de Frances Farmer (Lange), atriz soberba que teve sua carreira destruída em parte pela manipulação de sua mãe (Stanley) – que chegou a internála num manicômio e depois autorizar uma lobotomia. O resultado é comovente e ao mesmo tempo assustador.

OS IMORAIS
(The Grifters). EUA, 1990. Direção: Stephen Frears. Com Anjelica Huston, John Cusack, Annette Bening. Look.

Frears trata o complexo de Édipo com sutileza e tragicidade, através das desventuras do trambiqueiro Cusack, abandonado pela mãe (Huston) quando criança. Ela, que também é do ramo, quer que o filho mude de vida. Este, porém, arranja uma garota malandra (Benning) que é a cara de mamãe.

JOGUE A MAMÃE DO TREM
(Throw Momma from the Train). EUA, 1987. Direção: Danny DeVito. Com Danny DeVito, Billy Crystal, Kim Greist, Anne Ramsey. Globo Vídeo.

Mãe às vezes é difícil de agüentar, mas a de DeVito é de tirar qualquer um do sério. Tanto que ele resolve dar cabo dela e trama, junto com um professor seu, um plano assassino. Só que a velha faz jus à expressão que diz "vaso ruim não quebra".

LAÇOS DE TERNURA
(Terms of Endearment). EUA, 1983. Direção: James L. Brooks. Com Shirley MacLaine, Jack Nicholson, Debra Winger, Jeff Daniels, Danny DeVito. CIC.

Mãe (MacLaine) e filha (Winger) não se respeitam e tudo piora quando três fatos promovem uma reviravolta em suas vidas: 1) um vizinho astronauta (Nicholson) resolve namorar MacLaine; 2) a filha descobre que o marido a trai, e volta para a casa da mãe; 3) a filha descobre ter câncer. O resto é arrependimento de todas as partes.

Minha Mãe É uma Sereia

LEMBRANÇAS DE HOLLYWOOD
(Postcards from the Edge). EUA, 1990. Direção: Mike Nichols. Com Meryl Streep, Shirley MacLaine, Gene Hackman. LK-Tel/Vídeo.

Carrie Fisher (vivida por Streep), filha de Debbie Reynolds e Eddie Fisher, conta sua história: o divórcio do pai quando ela tinha apenas dois anos a traumatizou e levou-a, mais tarde, às drogas, ao álcool e à decadência como atriz. Os produtores a mandam de volta à casa da mãe (MacLaine), e a partir daí ambas passam a limpo seus descaminhos.

MAMÃE FAZ 100 ANOS
(Mama Cumple 100 Años). Espanha, 1980. Direção: Carlos Saura. Com Geraldine Chaplin, Fernando F. Gomez, Rafaela Aparicio. Look.

Saura faz uma crônica familiar, mas não evita a análise política da Espanha da virada dos 70/80. Aparicio interpreta a matriarca de uma grande família que está prestes a completar 100 anos de idade. Com saúde instável, como a própria situação social do país, ela contraria a vontade dos parentes e não desiste de viver.

Cardápio

Rémo

Laços de Ternura

MAMÃE NÃO QUER QUE EU CASE
(Only the Lonely). EUA, 1991. Direção: Chris Columbus. Com John Candy, Ally Sheedy, Maureen O'Hara, Anthony Quinn. Abril Vídeo.

O título explica tudo: policial de Chicago (Candy) encarregado de dirigir carro mortuário apaixona-se por uma maquiadora de cadáveres (Sheedy), mas tem dificuldade em vencer a resistência da mãe (com quem ainda mora) a seu casamento. Comédia melancólica em que o destaque é a atuação de Maureen O'Hara, em seu primeiro trabalho desde 1973.

MENTES QUE BRILHAM
(Little Man Tate). EUA, 1991. Direção: Jodie Foster. Com Jodie Foster, Dianne Wiest, Adam Hann-Byrd, Harry Connick Jr., David Pierce, Josh Mostel. LK-Tel/Vídeo.

Poucos reclamariam de ter uma mãe tão charmosa quanto Jodie Foster, mas para o garoto superdotado Tate ela representa um problema: avoada e bobinha, é incapaz de compreender sua inteligência especial. Este, por sua vez, tenta transferir seu amor para uma figura materna mais ortodoxa, a da educadora (Wiest) que o toma como protegido. Estréia correta e tocante de Foster na direção.

MEU PÉ ESQUERDO
(My Left Foot). Irlanda, 1989. Direção: Jim Sheridan. Com Daniel Day-Lewis, Brenda Fricker, Ray MacAnally. LK-Tel/Vídeo.

A história real do irlandês Christy Brown foi contada com dignidade por Jim Sheridan em sua estréia na direção. Day-Lewis (Oscar de ator) está perfeito como o rapaz vítima de paralisia cerebral que descobre poder usar o pé esquerdo para pintar e escrever. Vítima de chacota, é defendido pela mãe (Fricker, Oscar de coadjuvante), que o vê como o mais bem-aventurado dos seres humanos.

MINHA MÃE É UMA SEREIA
(Mermaids). EUA, 1990. Direção: Richard Benjamin. Com Cher, Winona Ryder, Bob Hoskins, Christina Ricci. LK-Tel/Vídeo.

Não era comum nos anos 60 ter uma mãe (Cher) excêntrica e divorciada, sempre mudando de cidade para fugir de seus erros. O resultado dessa eterna fuga é uma filha católica fervorosa (Ryder) e outra, mais nova (Ricci), que vive mergulhada na água. Os personagens são simpáticos mas trágicos e refletem a estética kitsch da América.

O MUNDO SEGUNDO GARP
(The World According to Garp). EUA, 1982. Direção: George Roy Hill. Com Robin Williams, Glenn Close, John Lithgow. Warner.

Williams é filho de uma enfermeira (Close), que nos anos 40 resolve ser mãe solteira (e escolhe um piloto moribundo) por pura repulsa aos homens. Adulto, ele relembra os fatos mais importantes de sua infância e tenta se livrar da educação heterodoxa que a mãe lhe deu – como viver com um transexual, encarnado com excelência por Lithgow.

O ÓLEO DE LORENZO
(Lorenzo's Oil). EUA, 1992. Direção: George Miller. Com Susan Sarandon, Nick Nolte, Zack O'Malley Greenburg. CIC.

Miller é um diretor de ação e talvez por isso este drama sobre um garoto de cinco anos que tem uma doença rara e terminal não cai no "debulhador de lágrimas". O pai busca uma cura que os médicos dizem não existir, enquanto a mãe tenta retardar a morte do filho.

CIC

O Bebê de Rosemary

A PRIMEIRA NOITE DE UM HOMEM
(The Graduate). EUA, 1967. Direção: Mike Nichols. Com Dustin Hoffman, Anne Bancroft, Katharine Ross, William Ross. Globo Vídeo.

Mrs. Robinson (Bancroft) é uma dessas mães que fizeram história: bonitona e amargurada, elege como amante – a quem inicia sexualmente – justamente o rapaz (Hoffman) que irá se apaixonar por sua filha (Ross). Um clássico moderno com interpretações nota dez do primeiro ao último nome do elenco.

PATY'S
HOME VÍDEO

MONTE SUA LOCADORA CONOSCO!
TUDO EM FITAS E ACESSÓRIOS
CONFIRA OS ÚLTIMOS LANÇAMENTOS

- Linha de Fogo • O Alvo
- Benny e Joon • Risco Total
- O Piano • O Fugitivo
- E Outros

• PARA CADA FITA, GANHE UM ESTOJO
• PAGAMENTO CONFORME SEU BOLSO
• PREÇOS SEM CONCORRÊNCIA
• GARANTIA E QUALIDADE

TEMOS FITAS EM PROMOÇÃO

Rua Dr. Zuquim, 358 - Santana
São Paulo - SP - CEP 02035-020
(Próximo ao Metrô Santana)
Tel: (011) 298-1120
(011) 298-8161
REMETEMOS PARA TODO O BRASIL

7ª. ARTE
VÍDEO SHOP
FITAS NOVAS E USADAS
VENHA NOS CONHECER!

LANÇAMENTOS COM ÓTIMOS PREÇOS.
- O Alvo • O Fugitivo
- O Piano • O Viajante
- Risco Total
- E Outros

Catálogos a partir de 4 URV's
Cheques pré-datados sem juros.
Aceitamos permuta: telefones e carros.
Remetemos para todo o Brasil.
Horário: segunda a sexta das 8:30 às 19:00 hs sábado das 8:30 às 18:00 hs.
Ganhe estojos novos e usados.

Av. Cruzeiro do Sul, 2619 - Sala 12 - 2º-A
Santana - São Paulo - SP - CEP 02030-100
Ao lado do Metrô Carandirú - Tel.: (011) 267-5567

HAWAI
HOME VÍDEO
FITAS NOVAS E USADAS

- Feita Por Encomenda
- A Firma • O Fugitivo • O Alvo
- Por Amor ou Por Dinheiro
- Homens Brancos Não Sabem Enterrar
- E Outros

Av. Cruzeiro do Sul, 2282 - Sala 1/2 e 3
CEP 02030 - Carandiru - São Paulo - SP
(próximo ao Metrô Carandiru)

Tel.: (011) 290-4330

ABERTO TAMBÉM AOS SÁBADOS
REMETEMOS PARA TODO O BRASIL

• Voltamos a financiar a partir de 30 dias com juros bancários!
• Toda linha de acessórios
• Pagamentos com cheques semanais sem juros
• Aceitamos automóvel e telefone como forma de pagamento.

Cannes
Home Video

O FESTIVAL DE VITAS
AGORA TUDO EM
GAMES NOVOS E USADOS!
PROMOÇÃO!
LANÇAMENTOS COM ÓTIMOS PREÇOS!

- O Fugitivo
- O Piano • O Alvo
- O Viajante
- Risco Total
- E Outros

- Catálogos a partir de 4 URV's
- Garantia total das fitas
- Melhor qualidade
- Ganhe estojos novos e usados

• Cheques pré-datados sem juros
• Remetemos para todo o Brasil

Horário: Segunda a Sexta das 8:30 às 19:00 horas
Sábado das 8:30 às 18:00 horas
Av. Cruzeiro do Sul, 2752 - Salas 21/22
Santana - CEP 02030 - São Paulo - SP
(Entre Metrôs Carandiru e Santana)
Tel.: (011) 290-2788

CASH
HOME VÍDEO

FITAS NOVAS E USADAS
TUDO EM ACESSÓRIOS

ACEITAMOS PERMUTAS
DESPACHAMOS PARA TODO O BRASIL
CONFIRA NOSSAS PROMOÇÕES

Rua Jovita, 167 - 1º andar - Santana
CEP 02036 - São Paulo - SP
Tel.: (011) 267-0060

FITAS DE VÍDEO

Novas • Seminovas • Usadas
Grande quantidade de títulos

Atendemos colecionadores, particulares e montamos vídeo locadoras
Aceitamos todos os Cartões de Crédito, inclusive por telefone)

PLANETA NORTE

Fone:
(011) 578-5727
(011) 584-5723
R. Dos Buritis, 257
Metrô Jabaquara

Cartas

Nova SET – Veredito Final

Prós

Passada a consagração merecida de Steven Spielberg, agradeço a excelente apresentação da edição de março (nº 3, ano 8). Como colecionadora de SET desde o primeiro número, sempre observei suas mudanças e esta última foi perfeita. Parabéns!

Sheila D. Maurer
(Brasília – DF)

Parabenizo pela excelente edição de março (nº 3, ano 8), a começar pela capa com Steven Spielberg. As novidades de *Takes* arrebentaram e a cobertura do Oscar está fascinante. Só fiquei triste com o que aconteceu com as *Fichas de Cine & Vídeo*, que diminuíram em número em função da capa do *Caderno de Vídeo*.

Naldevan José Ribeiro
(Recife – PE)

Ressalto a qualidade das reportagens publicadas nos últimos números de SET, principalmente pelas excelentes entrevistas, *Takes* e a iniciativa de lançar o *Caderno de Vídeo* (nº 3, ano 8). Tenho acesso a revistas de cinema estrangeiras e sei que o leitor de SET tem todas as novidades hollywoodianas ao mesmo tempo em que os americanos, o que enriquece ainda mais os cinéfilos brasileiros. Parabéns ainda pelas excelentes capas.

Juliana Lima
(Salvador – BA)

Devo reconhecer, do fundo da minha acrimônia, que se existe perfeição, dela vocês muito se aproximaram na edição nº 3, ano 8. Das fotos à diagramação, dos textos às propagandas subjaz uma fina qualidade que faz justiça aos melhores periódicos europeus e, talvez, ainda acrescente algo. As seções de lançamentos de vídeo, *Mito*, a *Matéria de Capa*, as informações sobre o Oscar, a lucidez dos artigos de José Geraldo Couto, enfim, tudo se transformou em um mirífico espetáculo para os leitores. As críticas de antes rendem-se aos justos elogios de hoje. Continuem demonstrando que a excelência é o resultado do esforço lavrado nas críticas construtivas. Parabéns!

P. Henrique de Castro
(Brasília – DF)

Vocês não me enganam. Como é humanamente possível que esta equipe faça uma edição perfeita atrás da outra? Ou vocês estão com a bênção de todos os deuses ou o quê? É que a edição de março (nº 3, ano 8) está simplesmente incrível, inaugurando o novo visual de SET. Gostei de *Takes*, que ganhou mais profundidade sem no entanto perder o ar de ensaio fotográfico, da supermatéria sobre o Oscar – um pouco didática, mas as matérias com os filmes concorrentes compensaram o didatismo. Foi bom também que fosse incluída outra crítica a *Vestígios do Dia* – a primeira, publicada na edição de fevereiro, não foi tão bem-humorada, apesar de mais ponderada. As seções *Hollywood Boulevard* e *Conexão L.A.* estavam ótimas. Agora uma reclamação: foi um erro reduzir o número de *Fichas de Cine & Vídeo*. Mas o importante é que tudo se encaixou muito bem nesta edição e só me resta desejar que o bom nível continue para sempre.

Fábio Said
(Salvador – BA)

Estava ansiosa para receber a edição de março de SET, porém temerosa em relação à abordagem do Oscar, já que em 1993 me decepcionei com os comentários. Para minha surpresa, a revista amadureceu muito, tratando com imparcialidade as reportagens com os indicados. A bela capa e a entrevista com Steven Spielberg estão pai d'égua!

Daniela de Souza Martins
(Belém – PA)

Com a edição de março/94, SET conseguiu finalmente dar a volta por cima e foi muito bem-sucedida. Eu particularmente já não esperava mais que SET pudesse mudar para melhor, mas conseguiu. A capa, por exemplo, está magnífica. A reformulação interna disciplina as informações. A inclusão de Dulce Damasceno de Brito eleva o status de SET significativamente, já que ultimamente o staff da revista andava meio sonolento.

Márcio Antonio Assunção
(Florianópolis – SC)

Contras

SET estava melhorando a cada edição, como na de fevereiro/94 (nº 2, ano 8), que trouxe o mestre Peter Greenaway e o sempre polêmico Al Pacino, River Phoenix e a impecável matéria sobre *Filadélfia*. Mas quando recebi a edição de março (nº 3, ano 8) tive um choque e me perguntei o que havia acontecido com minha revista predileta. Se por um lado, em termos de conteúdo, ela continua a mesma, por outro estragaram a diagramação, que ficou parecendo uma revista feminina de fofocas ou com a revista *Isto É*, e diminuíram as maravilhosas *Fichas de Cine & Vídeo*. Parabenizo apenas José Emilio Rondeau, que continua com as melhores coberturas em Los Angeles; competência é isso aí!

Marco Antônio da Costa
(Belo Horizonte – MG)

Indiscutivelmente as melhores coisas de SET são *Nostalgia* e as *Fichas de Cine & Vídeo*. Mas pasmem! Ao invés de aumentarem as fichas para dezesseis, reduziram-nas para quatro. SET se parece com um doente que a cada mês que encontramos está mais enfermo. Da edição de março/94 só se salva a matéria sobre o Oscar, completa até com os nomes dos indicados nas categorias técnicas.

Sérgio Rei Domingues
(Curitiba – PR)

Me senti lesado ao comprar a edição de março/94 (nº 3, ano 8) de SET e ao constatar que ela foi mudada radicalmente. Quero minhas oito *Fichas de Cine & Vídeo* de volta. E também, a revista ficou com cara de *Capricho* no visual. *Nostalgia* desta edição foi uma piada: pelo amor de Deus, quantas pessoas conhecem Barrault?

Adimilson G. Vergora
(Pelotas – RS)

Era um fato incontestável a melhora de nossa SET a cada edição, mas na de março/94 (nº 3, ano 8) foi cometido um enorme equívoco: para dar capa ao pseudo *Caderno de Vídeo*, os senhores sacrificaram as tão esperadas *Fichas de Cine & Vídeo*, reduzindo-as pela metade e, inexplicavelmente, em novo formato. Como colecionador das fichas, espero que voltem ao número e formato anteriores. Quanto às críticas de vídeo, dar nota máxima para *O Fundo do Coração*, *O Processo* e *Como Água para Chocolate* é forçar muito a barra.

João de Deus Souza Silva
(Presidente Prudente – SP)

Errata

As questões de número 9 e 16 da Promoção SET no Oscar (edição nº 3, ano 8) admitem duas respostas (*a* e *c*).

O ator identificado como Alec Baldwin na legenda do filme *Malícia* (nº 4, ano 8) é na verdade Bill Pullman.

PROMOÇÃO SET NO OSCAR

Conheça os quarenta premiados com duas fitas de vídeo:

Adriana Brusch Jaeger (Porto Alegre – RS); Adriana Pires e A. de Souza (SP – SP); Alexandre Campos Dutra de Almeida (RJ – RJ); Ana Paula Juquiram (SP – SP); Antonio Carlos Teixeira (SP – SP); Claudio Erlichman (SP – SP); Cleverson Luciano Ramon (São Bernardo do Campo – SP); Cristina Yoko Endo (SP – SP); Darcy Lopes Neves (Taguatinga Norte – DF); Edilson Nunes Medeiros (Bauru – SP); Eduardo Simeão Duarte (RJ – RJ); Erinaldo Lima da Costa (Campinas – SP); Fábio Jun Yamaji (SP – SP); Fábio Luiz Medeiros Said (Salvador – BA); Fárlley Rodrigues (SP – SP); Fernando A. Ferreira (Franca – SP); Flávia Moutinho Pereira (SP – SP); Flávio Sérgio Jorge de Freitas (SP – SP); Gilberto Bonk Junior (Curitiba – PR); Gislaine Q. Marques (Porto Alegre – RS); Gustavo Miotti (Caxias do Sul – RS); Helcio Hirao (SP – SP); Jair Alan Côrtes Siqueira (Santa Maria – RS); José Adalberto de Moura (Divinópolis – MG); Joselito Dumiense Rocha da Silva (Pojuca – BA); José Mojica Galvão (Guarabira – PB); José Orlando Terra de Oliveira (Bauru – SP); Liliam Matsuda (SP – SP); Lola Aronovich (Joinville – SC); Luiz Geraldo da Silva (São José dos Campos – SP); Marcelo Bittencourt Nunes (Nova Friburgo – RJ); Maria Rita Botelho de Resende Paiva (Araxá – MG); Nelson Sozi Kosa (SP – SP); Norma Gusukuma (São Caetano do Sul – SP); Paulo Sérgio Bruner (Camboriú – SC); Rogerio Musachio (Mauá – SP); Sheyla de Jesus Cunha (SP – SP); Shinkiti Mikari (SP – SP); Silvio Cunha Pereira (Osasco – SP); Sonia Maria da Silva (São José dos Campos – SP)

EDITORA
AZUL

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907-1990)

Diretoria
Angelo Rossi
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

SET
CINEMA & VÍDEO

Diretor-Gerente: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO
Editora-Chefe: Isabela Boscov.
Editores-Assistentes: Deborah Peleias, Christian Petermann.
Diretor de Arte: Michel Spitale.
Editores-Assistentes de Arte: Maria Amélia de Azevedo, Izaú Norbertino.
Coordenadora de Produção: Sueli Murakami.
Correspondente (Los Angeles): José Emilio Rondeau.
Colaboram nesta edição: Texto: Alexandre Agabiti Fernandez, Alexandre Ortiz Ramos, Alfredo Sternheim, André Barcinski (Los Angeles), Carolina Marinho, Cesar Garcia Lima, Dulce Damasceno de Brito, Edson Arantes, Ellen Alaver, Fátima Gigliotti, Francisco Costa, Helena Salem, Heinar Maracy, Inácio Araújo, Luiz Carlos Merten, Luiz Nazário, Marcos Smirkoff, Nikki Nixon, Sergio Rizzo, Walter de Silva. **Revisão e Preparação de Texto:** Alexandre Ortiz Ramos. **Tradução:** Paulo Kaiser.

PUBLICIDADE
Diretor de Publicidade: Claudio Santos
Supervisores de Contas: Afonso Palomares, Fábio Gomes Dias, Ricardo Santos
Gerente: Ana Lúcia Serra
Contatos: Ana Lúcia Bertola, Ana Maria Lobo, Cristiane Mochnacs Loureiro
Marketing Publicitário: Denise Terranova
Coordenadores: Antonio Perissinoto, Igor Assan, José Soares

COMERCIAL
Diretora: Vera Helena Mirandez Gomes
Gerente de Planejamento e Controle: Ariovaldo Carrera Dias
Gerente de Produto: André Felipe D'Amato
Gerente de Promoções: Sandra Galli Ponsoni

Diretor Administrativo e Financeiro: Pedro Frazão
Azul Press – Gerente: Benjamin S. Gonçalves
Operações Editoriais: Rossane Gonçalves Costa
Diretora Responsável: Liège de Lima Dória Castelli

SET é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. **ISSN 0104 -1592**, edição 83, de Maio/1994. **São Paulo – Redação e Correspondência:** Av. Nações das Unidas, 5777, CEP 05479-900, tel: (011) 816-7866, Caixa Postal 66254, CEP 05389-970, telex: (011) 83178, fax: (011) 813-9115. **Rio de Janeiro**: Av. Marechal Câmara, 160 - 15º andar - salas 1534/35, Centro, CEP 20020-080, tel: (021) 532-0313, fax: (021) 532-1486. CP 4816. **Assinaturas:** valor de capa multiplicado pelo número de edições anuais. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção na entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição, em moeda corrente nacional, da parte do preço total paga antecipadamente e correspondente aos exemplares que não forem entregues, devidamente corrigida de acordo com o índice oficial legalmente aplicável. Com sua assinatura, seu nome é automaticamente incluído no cadastro da Editora Abril, o qual poderá ser cedido a empresas idôneas para fins unicamente de divulgação e promoção de seus produtos, que julgamos ser de seu interesse. Caso não queira fazer parte deste cadastro, entre em contato com uma das Centrais de Atendimento ao Assinante, cujos telefones constam desta revista: **Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor das publicações Abril de sua cidade. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP. **Serviço ao assinante:** tel. (011) 823-9222

ANER **Fotolito:** Post Script Artes Gráficas, Fotoline Ltda. **IVC**

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A

NOSSAS DOZE ÚLTIMAS EDIÇÕES

Nº 82/ABRIL 94
O Western conquista Hollywood com novas produções, entre elas *Bad Girls*, faroeste com quatro atrizes; *O Fugitivo* e *A Firma* são destaques do caderno de vídeo.

Nº 81/MARÇO 94
Steven Spielberg fala sobre seu último filme; todos os indicados para o Oscar 94; e a estréia do novo caderno de vídeo com mais de 60 lançamentos.

Nº 80/ FEVEREIRO 94
Pacino e De Palma em *O Pagamento Final*; a última entrevista de River Phoenix; em vídeo, *Muito Barulho por Nada* e *A Doce Vida*.

Nº 79/ JANEIRO 94
O elenco de *A Época da Inocência*; *The Nightmare Before Christmas*; Emma Thompson e Brad Pitt; em vídeo, Kurosawa.

Nº 78/DEZEMBRO 93
Radiografia do mercado de vídeo; homenagens a Fellini, Vincent Price e River Phoenix; em vídeo, *O Gabinete do Dr. Caligari*.

Nº 77/NOVEMBRO 93
Van Damme protagoniza *O Alvo*, do chinês John Woo; Martin Scorsese em entrevista exclusiva; em vídeo, *Metrópolis* e *Gigi*.

Nº 76/OUTUBRO 93
Visita ao set de *O Fugitivo*; Clint Eastwood e John Malkovich em *Na Linha de Fogo*; em vídeo, o *Blade Runner* integral e *Alien* ³.

Nº 75/SETEMBRO 93
Tom Cruise em *A Firma*; entrevista com Meg Ryan; em vídeo, *Cães de Aluguel*, *A Bela e a Fera* e *Luzes da Cidade*.

Nº 74/AGOSTO 93
Sharon Stone em *Invasão de Privacidade*;os efeitos de *Jurassic Park*; em vídeo, *Perfume de Mulher*, *Perdas e Danos* e *Drácula*.

Nº 73/JULHO 93
Festival de Cannes; Stallone fala sobre *Risco Total*; Johnny Depp; em vídeo, *Soldado Universal* e *Duplo Impacto*, com Van Damme.

Nº 72/JUNHO 93
Dossiê completo sobre *Jurassic Park* e os dinossauros no cinema; *making of* de *Aladdin*; em vídeo, *Nosferatu* e *King Kong*.

Nº 71/MAIO 93
Demi Moore e Adrian Lyne falam de *Proposta Indecente*; Michael Douglas em *Um Dia de Fúria*; em vídeo, *Instinto Selvagem*.

ATENÇÃO: A DINAP tem apenas os seis últimos números (incluindo o de banca) em estoque limitado

EDITORA
AZUL

NOSSAS PUBLICAÇÕES

Entretenimento

CONTIGO: Gente, Atualidades e TV
BIZZ: Rock
SET: Cinema e Vídeo
AÇÃO GAMES: O Mundo dos Videogames

Esportivas

FLUIR: Surf
GRID: Automobilismo e Velocidade

Femininas

BOA FORMA: Fitness, Beleza e Saúde
CARÍCIA: Comportamento Adolescente
UAU: Ídolos da Juventude
HORÓSCOPO: Horóscopo e Previsões

Interesse Geral

OS CAMINHOS DA TERRA: Viagem, Natureza e Ecologia
SAÚDE É VITAL: Prevenção e Saúde

Guias e Anuários

VIAGEM E TURISMO
HORÓSCOPO ANUAL
1500 VÍDEOS

Especiais

FAMA
LETRAS TRADUZIDAS
VÍDEO ERÓTICO

NOSSOS ENDEREÇOS

São Paulo: Av. Nações Unidas, 5777 - CEP 05479-900 - Tel.: (011) 816-7866 - Fax: (011) 813-9115 - São Paulo - SP
Rio de Janeiro: Av. Marechal Câmara, 160 - 15º andar - salas 1534/35 - Centro - Rio de Janeiro - CEP 20020-080 - Tel.: (021) 532-0313 - Fax: (021) 532-1486 - CP 4816

REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE

Brasília: Espaço Com. Int. e Consult. Ltda. - SDS Ed. Venâncio, III - sala 202 - CEP 70300 - Brasília/DF - Tel.: (061) 223-2134 - Fax: (061) 226-3644
Campinas: CZ Press - Com. e Representações Ltda. - Rua Antônio Cesarino, 967 - CEP 13015-291 - Campinas/SP - Tel./Fax: (0192) 32-7975
Minas Gerais: M.A.M. Publicidade e Repres. Ltda. - Rua Timbiras, 1560 - sala 1904 - Ed. City Center - CEP 30140 - Belo Horizonte/MG - Tel. e Fax: (031) 224-9534
Paraná: M.L.C. - Representações Comerciais - R. Cândido de Abreu, 526 - cj. 604- Bloco B - CEP 80530-905 - Curitiba/PR - Tel.: (041) 253-4048 - Fax: (041) 252-2844
Rio Grande do Sul: Print Sul - Av. da Azenha, 1502 - cj. 206 - CEP 90060 - Porto Alegre/RS - Tel./Fax: (051) 223-9528
Santa Catarina: By Speranza - Rua Dr. Alfredo Daura Jorge, 9 - Cond. Village II - Florianópolis/SC - Tel.: (0482) 32-0519

CIAO, GELSOMINA

Giulietta Masina (1920-1994) em *A Estrada da Vida* (*La Strada*, 1954), de Federico Fellini

ENTRE PARA O SÉCULO 21!
O MAIS PERIGOSO POLICIAL DO SÉCULO 21
O MAIS CRUEL CRIMINOSO DO SÉCULO 21
STALLONE SNIPES
O DEMOLIDOR
O FUTURO É PEQUENO DEMAIS PARA OS DOIS
"DEMOLITION MAN"
LEGENDADO E DUBLADO EM STEREO
NA SUA LOCADORA
WARNER HOME VIDEO
Sempre o melhor para você

JAMES BELUSHI
LORRAINE BRACCO
EM JUNHO, NA SUA LOCADORA.
COLUMBIA TRISTAR HOME VIDEO
LK-TEL VIDEO
Palm Beach, Flórida.
Um lugar onde todos têm 3 vidas... pública, privada e secreta.
Marcas DE BATOM
Todos são suspeitos.